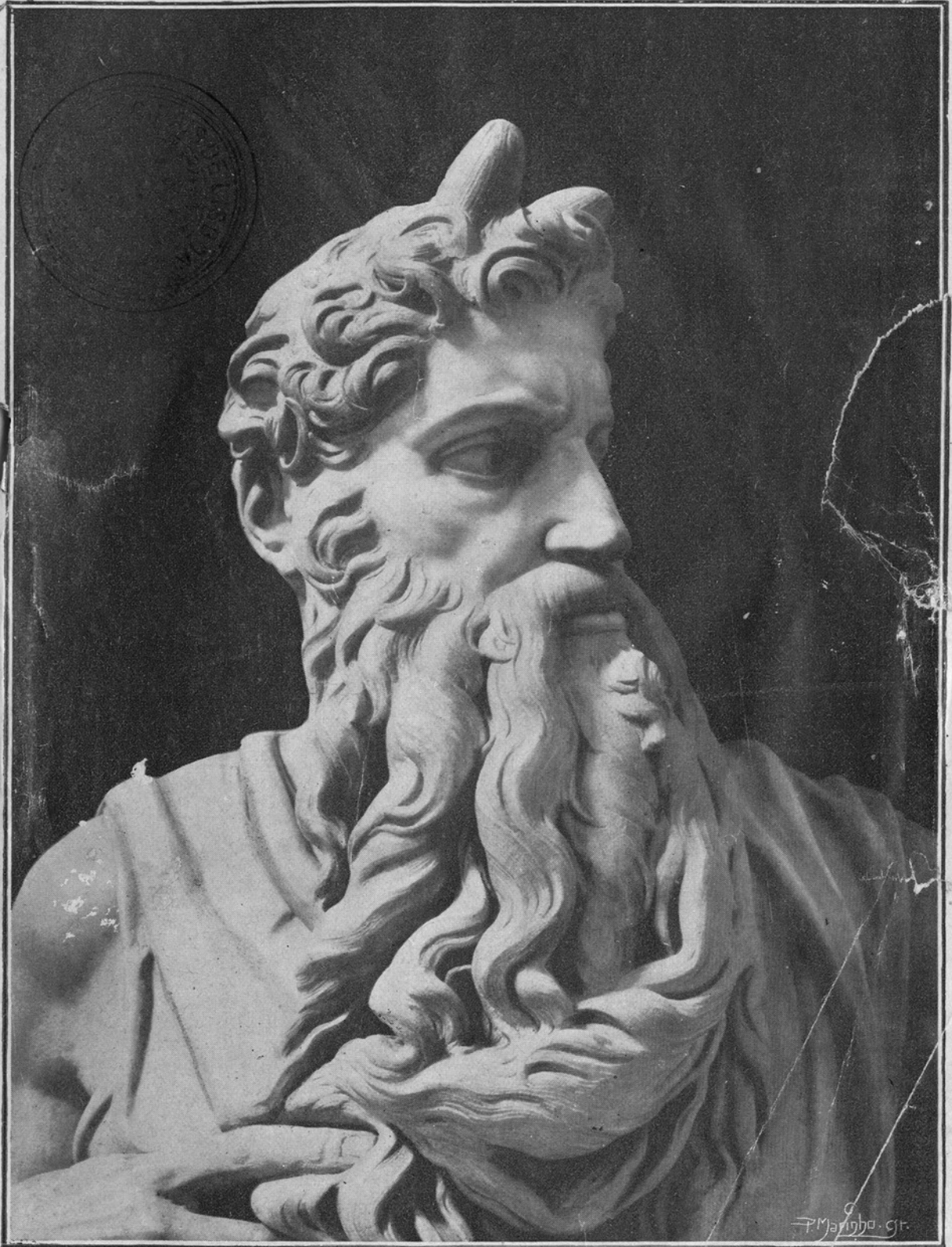


COMPRAS
N.º 73 a 78
JULHO 1911

1200-1084-74
SERÕES

2ª série



Museu d'arte.— MIGUEL ANGELO (1475-1564).— Cabeça do «Moysés»

Summario

MAGAZINE

PAG.

CABEÇA DO «MOISÉS»

(Frontispicio) 2

A CHÓLERA NA MADEIRA

(14 illustrações) 3

O INFINITO

(2 vinhetas) por LEONARDO COIMBRA 14

ARTE PORTUGUÊSA (Illustrações)

Pôr do Sol — CARLOS REIS 15

Retrato da mãe do autor — CARLOS REIS 36

BOISA MÁ

(3 illustrações e 2 vinhetas) por M. C. 17

ASTRONOMIA DAS SENHORAS

(7 illustrações e 2 vinhetas) por AFFONSO DE CASTILHO 25

ANAGHIDANI KWANNON

(9 illustrações) por WENCESLAU DE MORAES 29

OS CÃES

(5 illustrações e 2 vinhetas) por VICTOR RIBEIRO 37

CONCURSO HIPICO DE MAIO

(7 illustrações) por F. DE L. 43

CREDITO, ALAVANCA DA AGRICULTURA

(4 illustrações e 1 vinheta) por R. F. MAYER 48

NOITE DE PANDEGA

(4 illustrações e 1 vinheta) adaptado do inglês por MANUEL DE MACEDO 53

RESENHA PORTUGUEZA

(5 illustrações e 1 vinheta) por PORTUGAL DA SILVA 63

THEATROS

(2 illustrações) por PORTUGAL DA SILVA 71

PELO MUNDO FORA

(2 illustrações e 2 vinhetas) 74

CHRONICA DA MODA

(4 illustrações e 1 vinheta) 77

pronúncia figurada (todas as vezes que offerece difficuldade ou duvida), **etymologias**; milhares de **termos brazileiros**; centenas de **artigos encyclopedicos** (grammática, arithmética, geometria, physica, chimica, historia natural, medicina, hygiene, astronomia, etc.);

Locuções latinas e estrangeiras, escolhidas entre as de mais frequente emprêgo na sociedade culta;

Mais de vinte mil artigos de **Historia, Mythologia, Biographia, Geographia**. Tem n'esta parte especial desenvolvimento, como é natural, tudo que diz respeito a Portugal e Brazil, no que uma grande falta se fazia sentir;

Noticias biográficas, relativas ás obras capitaes de todas as literaturas, especialmente da portugûesa e brazileira;

Monographias de obras de arte famosas: monumentos, estátuas, quadros, operas, etc.;

Personagens e typos symbolicos, literários, sociaes.

ILLUSTRAÇÕES

6:000 gravuras distribuidas no texto.

110 quadros encyclopedicos, 3 dos quaes a côres.

1:000 retratos de individualidades celebres, portugûesas, brasileiras e estrangeiras do passado ou contemporaneas.

90 mappas geographicos, 8 dos quaes a côres.

Preço da obra completa

N'um volume bellamente encadernado com capa especial, franco de porte em todo o Paiz, Ilhas e Colonias:

3\$000 RÉIS

Por assignatura, em 6 tomos brochados, enviados em prazos que o comprador indicar:

CADA TOMO, 500 RÉIS.



Diccionario Prático Illustrado

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugêsa: a de um completo e prático diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

Lingua portugêsa

Locuções latinas e estrangeiras

Historia e geographia

O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**.

Serões



Historia —
— Sciencia
Romance —
— Arte
Actualidades —
— etc. —

Magazine Mensal Illustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escriptôres
e artistas portuguezes e brasileiros.

Assignatura annual, 2\$200 réis

Semestre, 1\$200 réis

Numero avulso, 200 réis.

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

Atenção: Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao **DICCIONARIO**.

N.º 73



SERÔE
REVISTA E
MENSAL E
ILLUSTRADA



JULHO 1911



MUSEU D'ARTE. — MIGUEL ANGELO (1475-1564). — Cabeça do «Moysés»



LAZARETO DO FUNCHAL

A chólera na Madeira

A terra e o homem

A entrada no Funchal é uma maravilha: não ha aguas de um azul mais transparente e mais puro, não ha terra tão mimosa como essa montanha de verdes limpos, de casinhas brancas montantes a sorrir entre folhagem.

Diante d'um marchetado de todas as esmeraldas sobre um mar de safiras líquidas pomonos a pensar que os habitantes da ilha encantada são os mais felizes da terra, os mais saudáveis e encantados da alegria de viver, as almas mais claras nos corpos mais fortes. E comtudo nunca suposição foi mais aventureosa e mais errada: o povo madeirense é fraco, ignorante, supersticioso. Quando descemos da *Senhõra do Monte* nos car-

rinhos vertiginosos, vemos os pobres guias pararem, e entrarem em algumas tabernas para bebêr alcool que os anime. Esse alcool empana um tanto o prazêr da nossa viagem; lamentamos que o divertimento exija dos desgraçados um esforço tal que só pelo álcool se aguenta. Mas o que não suspeitamos é que seja geral o flagelo, que elle tenha arruinado a velha raça do colono, e que exceda seis milhões de litros o seu consumo annual em toda a ilha! O cavadôr de enxada bebe proximamente uma garrafa de aguardente por dia, e nos campos a ração de alcool é uma clausula do contracto agricola. As consequencias desastrosas apparecem em todos os casos: durante a recente epidemia foram mais flagelados os dois con-

celhos em que é maior o consumo das bebidas (*ponche, grog*) e dos alcoolicos atacados rarissimos escaparam.

O alcool e a deficiente alimentação explicam a creatura franzina em que o vilão se tornou, achando-se de anno para anno, nas juntas d'inspecção aos recrutas, maior percentagem de mancebos sem condições de robustez.

A ignorancia e a superstição vem acabar

chamar o padre, o qual, por sua vêz, chamava o medico. Certamente a doença «não era de Deus»: dos homens e que ella era! E que fazêr, senão repôr no seu logar a bandeira «das cinco chagas»? Não teve outro significado o movimento de Machico, o arvorar da bandeira monárquica no forte dessa villa. Dias depois a mesma scena se repetia em Camara de Lobos.

A habitação representa a imagem do



TIPO DE CASA DE VILÃO DA MADEIRA

no moral o abaixamento do homem fisico. Dos 150:500 habitantes da ilha só 15:000 sabem lêr. Na epidemia de 56 diffundi largamente o morbo uma procissão de penitência, em que a imagem da Senhora do Monte foi transportada á cidade. Pela mesma época foi a cholera introduzida na freguezia de Ponta Delgada, até então indemne, pelos milhares de devotos da grande romagem ao Bom Jesus. Agora, nos primeiros rebates da epidemia, a familia do doente começava por

atraxo do habitante, e é ainda um factôr da sua decadência. Quando se não reduz a uma lapa, verdadeiro esconderijo de troglodita, é um casalejo terreo, de blocos de basalto cimentados com argila, exteriormente «esbofeteado» a cal, coberto de colmo, geralmente palha de trigo. Portas baixas, janelas acanhadas quando as teem, um unico quarto dividido por um tabique encanastrado, sobre um chão batido na terra estreme. Ahi vive o casal, tendo por unico mobiliario a um canto

uma camilha para pais e filhos, uma velha arca para roupa e havêres, uma meza e bancos de pinho. A cosinha, independente da habitação, e a esterqueira atrás da casa, em immediata relação com ella, habitualmente.

Não são melhores que as do vilão as condições de vida do marítimo. A industria da pesca é importante. O pescadôr vive numa casa miserável, de pavimento térreo, cada familia em geral num quarto. Os paes teem (nem sempre) uma cama, e os filhos dormem por cima de caixotes, ou deitados pelo chão. Como o vilão, o pescadôr só excepcionalmente sabe escrevêr, fazendo as suas contas por meio de engenhosos sinaes em que teem representação propria os numeros 5, 10, 20, 50, 100, 500, 1000. As outras quantias representam-se todas por combinações d'esses sinaes fundamentaes.

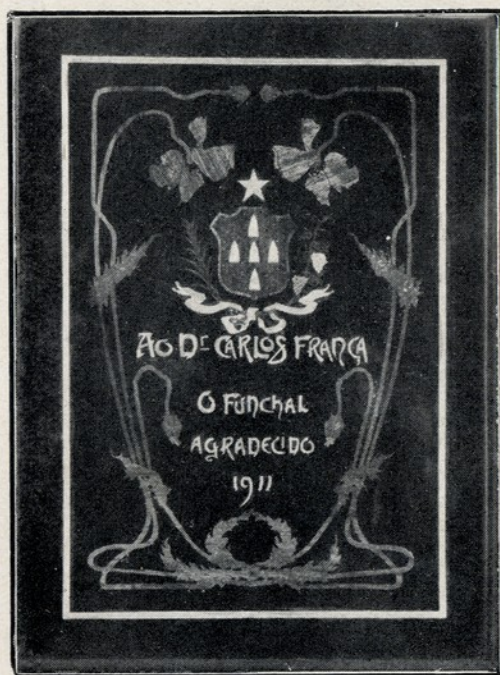
Junte-se agora aos males apontados do definhamento da raça, do alcoolismo, das condições anti-higienicas, da ignorância, da superstição, — uma aguda desconfiança no homem da Madeira, que o leva a suspeitar das intenções mais puras, e calcular-se-á que difficil resulta a missão do médico em occasiões de epidemia, que árdua e brilhante foi a campanha do dr. França, o sabedôr e incansável bacteriologista «que fez maravilhas», na frase expressiva e justissima de um jornal inglês.

As industrias indigenas

O leitôr conhece talvez a delicadêza e o mimo do bordado madeirense. Esse bordado evoca alguma cousa da atmosfera da Madeira. A' porta de uma casa de vilão, uma das nossas gravuras faz-lhe vêr duas bordadeiras. Para cima de 30:000 mulheres se empregam nessa industria, que é de todas a mais importante, ascendendo a muitas centenas de contos o valôr da exportação. Cerca de 600 contos são distribuidos pelas bordadeiras das duas ilhas. Os progressos realizados nos ultimos annos teem sido consideráveis: abandonando os velhos moldes, a industria creou no estrangeiro um mercado seguro para os seus productos. O commercio dirige-se principalmente para a Allemanha e America do Norte.

Em seguida á dos bordados devem mencionar-se as industrias das obras de verga e a dos embutidos. D'esta ultima é um exemplar artistico a pasta offerecida ao dr. Carlos França pela cidade do Funchal.

Todas estas industrias dão por sua vez o sustento aos *bomboteiros*. *Bomboteiros* são aquellas criaturas gárrulas que ao fundear do paquete o rodeiam de barquinhos, cheios de cadeiras de verga, de cofres de madeira, de bordados, de postaes, chamando-nos a attenção com o caracteristico sotaque do madeirense: «Senhôr, senhôr!», enquanto os rapazinhos nadadôres se atiram á agua límpida, a agarrar no fundo os dezreisinhos que lhes atiramos para o mar. Bohemio, dissipado, palradôr, o bomboteiro ganha bem e melhor o gasta. Vive a crédito, e quando recebe o



PASTA DE MADEIRA EMBUTIDA
OFFERECIDA AO DR. CARLOS FRANÇA

seu dinheiro primeiro paga as dividas, para ir depois sumir o resto na taberna ou no prostibulo.

Esta classe de gente é a que soffre immediatamente e com mais gravidade as consequencias de uma epidemia: fechado o porto, eil-o paralisado o seu commercio ambulante, fugido por completo o seu unico ganha-pão. Por isso foram agora empregados nos serviços de saneamento.

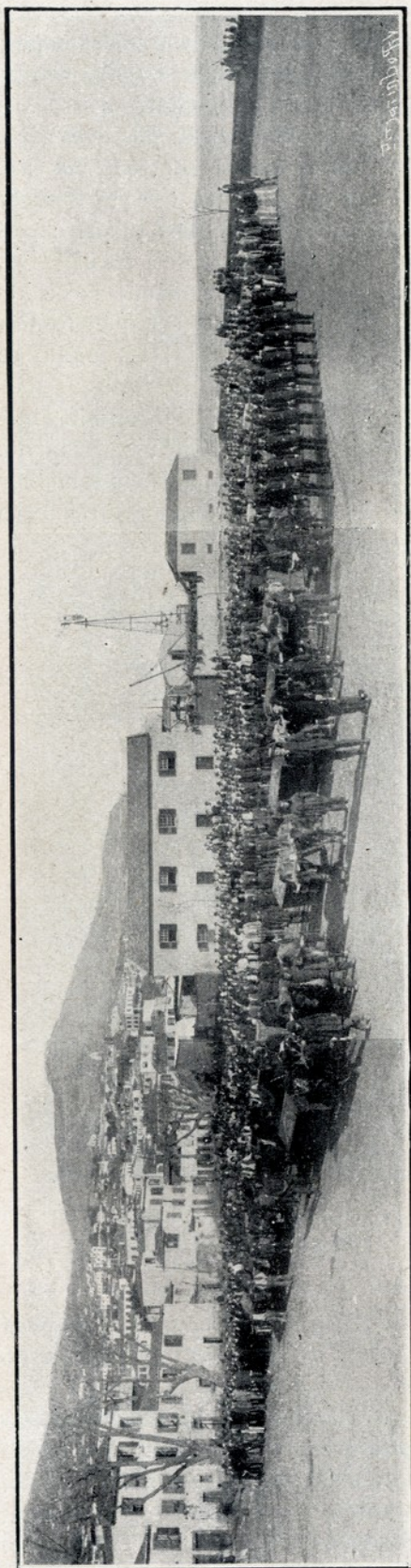
A epidemia

Os progressos da hygiene moderna, o apoio das autoridades, a dedicação da classe médica, e a esclarecida assistencia da maioria do clero, coadjuvaram a obra do dr. Carlos França, dando em resultado a differença dos resultados da recente epidemia e os do terrivel flagelo de 1856.

Nesse anno, como se sabe, fez a chólera em Lisboa a devastação que tanto popularizou a figura atraente do rei D. Pedro V. Em Belem, um dos bairros mais atacados, estava aquartelado o batalhão de infantaria 1, que recebeu ordem de partir para a Madeira em 25 de junho. Pouco depois da chegada do batalhão ao Funchal realizava-se a feira annual na praça Academica, feira a que concorreram cerca de 15:000 pessoas, da cidade e das povoações distantes, entre as quaes os soldados recémchegados. Nos principios de julho appareciam os casos de chólera, primeiro em alguns soldados, depois em moradôres das cercanias do Hospital Militar, propagando-se o mal, que em breve se estendeu ás povoações ruraes. Só no concelho do Funchal morreram 2896 pessôas, e 7041 em todo o districto. De 31 de julho para 1 de agosto entraram no cemiterio das Angustias para cima de 300 cadáveres! A differença dos efeitos de então e dos de agora mede o alcance das providencias, o progresso da sciencia e o valôr da bacteriologia.

Os primeiros casos que na recente epidemia chamaram a attenção foram os de duas irmãs bordadeiras em fins de outubro. Em 22 de novembro, — data em que chegou o dr. Carlos França, nomeado pelo governo da Republica director dos serviços sanitarios no combate da chólera, — já esta se generalizára na cidade, estendendo-se a dois concelhos ruraes: Camara de Lobo e Machico.

Os recursos para as pesquisas bacteriologicas indispensaveis ao estabelecimento do diagnostico, eram uma positiva desgraça. Num arremedo de laboratorio, com reguladôres que nunca tinham funcionado, aquecidos por gaz que de instante a instante se apagava, os dias passavam-se de uma esterilidade desesperadôra. Finalmente, reparado o gazómetro por um machinista habil, e tendo o dr. Capello ficado no laboratorio durante a noite de 25 para 26 vigiando constantemente a estufa, podia-se no dia seguinte têr a confirmação bacteriologica da epidemia de chólera na Madeira. Proseguiu o dr. França nas investigações complementares, distribuindo-se largamente pela cidade e pe-



GRUPOS DE HOMENS EMPREGADOS NO SANEAMENTO DA CIDADE

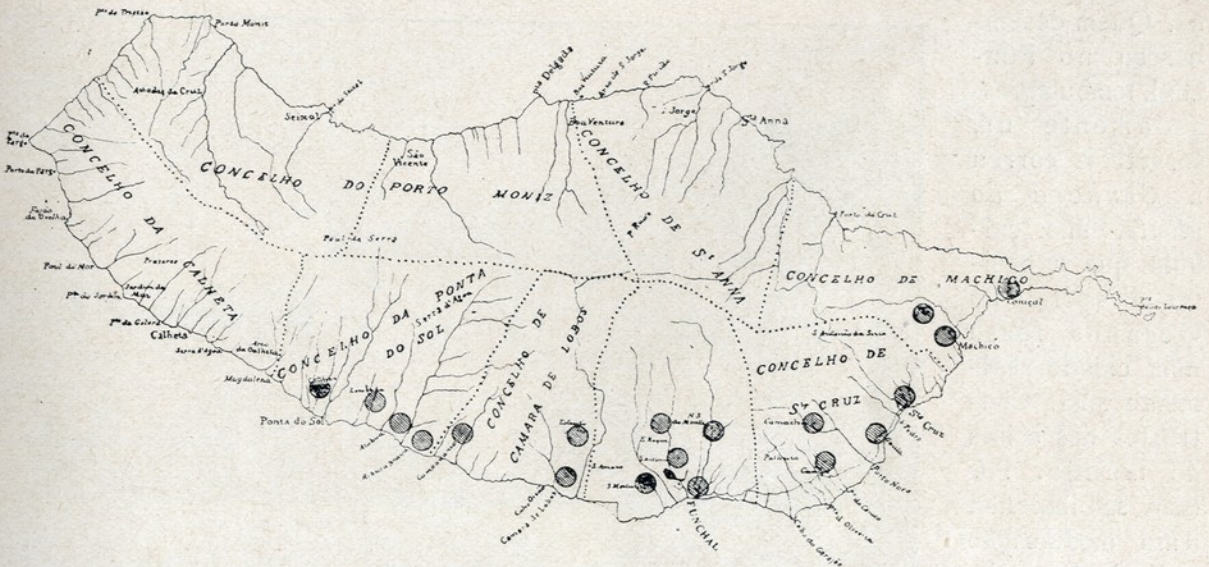
los campos uma folha indicativa dos preceitos higienicos de defeza, e pedindo-se aos párocos que lessem essas instruções, aos seus fieis. Para cada uma das 15 zonas em que se dividiu o concelho foi nomeado um sub-delegado de saude. Na administração organizou-se a repartição de saneamento, á qual ficavam confiados os varios serviços correlativos, com o transporte de doentes e desinfecções domiciliárias, e emquanto no cemiterio das Angustias se estabelecia um serviço regular de transportes de cadáveres e autopsia de casos suspeitos, o antigo Lazareto era adaptado para servir de isolamento aos casos de chόlera e aos contactos. Nos pontos infeccionados instituiram-se postos de re-

os isolamentos. O dr. França regulamentou os vários serviços de saude, dispondo tudo de torma que apenas chegasse a communi-



SERVICO DE DESINFECÇÕES DOMICILIARIAS

cação de um caso, seguissem para o local os encarregados do transporte de doentes, e logo a seguir uma esquadra de desinfecta-



ILHA DA MADEIRA (OS CIRCULOS INDICAM OS PONTOS ATACADOS)

visão médica para os contactos não imediatos, e nos concelhos ruraes atacados criavam-se hospitaes em que se pudessem fazer

dóres que beneficiava imediatamente a residencia do cholérico.

Os serviços prestados pelos sub-delega-



dos auxiliares de saúde foram admiráveis; a sua dedicação breve conseguiu suffocar a epidemia em bairros onde o alargamento era mais de prevêr. A doença só alastrava nas zonas em que se davam casos de sonegação.

Chamam á Madeira «a pérola do Oceano». E a ilha merece-o, o que não impede a existencia dos males que resultam da imperfeição humana. Quem desembarcou no Funchal, tomou apressadamente um sorvête e correu á *Senhora do Monte*, não calcula que a capital da «pérola do Oceano» fôsse uma cidade realmente suja. Contrastes das coisas do mundo. Por isso se impunha uma modificação radical do meio. Os homens que só da navegação se sustentam, lançados á miseria pelo fechamento do

porto, foram empregados no saneamento da cidade, e para simplificação dos trabalhos criou-se uma *Repartição dos serviços de saneamento*, dirigida com superior dedicação pelo dr. Mello Correia, tendo como atribuições o serviço de saneamento da cidade, o do transporte de doentes e as desinfecções domiciliárias.

E assim, a cidade, de immunda que era, tornou-se asseada e tão limpa que causou a maravilha de nacionaes e de estrangeiros.

A complexa organização adoptada em breve mostrava os seus frutos. O numero dos casos communicados á direcção dos serviços sanitários tornou-se muito maior, começando a sêr hospitalizados muito mais a tempo, e não, como a principio, nos prenuncios da agonia.

Reconheceu o dr. França que eram em grande numero os casos excessivamente benignos que passavam anteriórmente desper-



SERVIÇO DE REMOÇÃO DE LIXOS

cebidos, — o que explicava não só a rápida expansão do mal, mas também a falta de continuidade que se notára nos primeiros casos registados. O combate da epidemia foi orientado de forma a serem hospitalizados todos os casos, ainda os mais leves, até que não revelassem a existencia de vibriões.

A epidemia manifestou-se em 6 concelhos da Madeira (Funchal, Camara de Lobos, Ponta do Sol, Calheta, Santa Cruz e Machico) e também em Porto Santo. Para esta ilha, assim como para os concelhos ruraes da Madeira, foi levada por pessoas já atacadas do Funchal.

O que é curioso, para mostrar a efficácia das medidas, é notar que os concelhos infectados antes de posta em pratica a organização defensiva, apresentaram numero muito maior de victimas.

Nos mais tardiamente infectados a mortalidade foi insignificante. Compare-se:

| Concelhos | Data da invasão | Casos | Obitos |
|------------------|-----------------|-------|--------|
| Funchal..... | Set. | 635 | 210 |
| Cam. de Lobos .. | 5 Nov. | 513 | 161 |
| Machico..... | 10 Nov. | 269 | 75 |
| Ponta do Sol.... | 20 Nov. | 195 | 71 |
| Santa Cruz..... | 22 Nov. | 91 | 26 |
| Porto Santo..... | 22 Nov. | 64 | 13 |
| Calheta..... | 19 Dez. | 2 | — |

De todos as partes do districto foi o concelho de Camara de Lobos o que deu mais forte impressão do horrór de uma epidemia. E' que dos 513 casos que houve no concelho a quasi totalidade succedeu numa freguezia — a de Camara de Lobos, — onde 35 0/0 dos habitantes foram atacados. *A violencia do mal explica-se pelas desgraçadas condições higienicas da vila.* Casas houve em que

morreram todos os habitantes! O serviço de saneamento foi perfeito, consistindo na beneficiação das casas pobres, no esgotamento dos poços e sua desinfecção, na limpêza de ruas, na construcção de retretes publicas com canalização para o mar e cuidadosamente desinfectadas. Organizou-se um serviço de visitas domiciliárias para surpreen-



SERVIÇO DE CONDUÇÕES

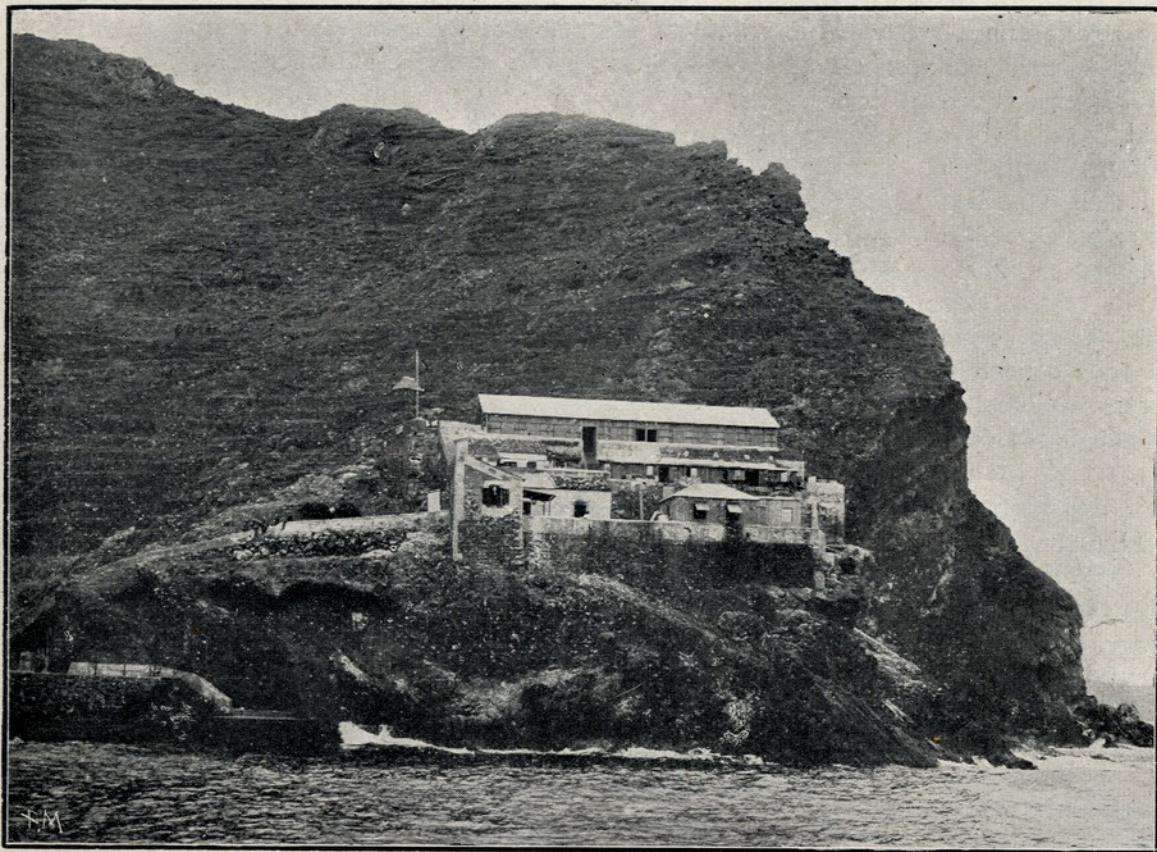
dêr casos sonogados, tornou-se obrigatorio o internamento hospitalar, e o vigario de Camara de Lobos, pelo pulpito, foi um auxiliar prestantissimo na propaganda activa dos preceitos higienicos.

O terceiro concelho invadido foi o de Machico. Ahi instalou o dr. França um pitoresco hospital no forte do Caes, em uma ponta de rocha batida pelo mar. Pode vê-lo o leitor em uma das nossas gravuras. Dificuldades de toda a ordem atrazaram a construcção do hospital, devendo dizêr-se que á indolencia natural do madeirense accrescia a proximidade do Natal — a festa — época em que toda a gente se esquivava a trabalhar.

O valór do asseio na defeza contra as epidemias revela-se impressivamente a cada passo. A freguezia de Agua de Pena está parte no concelho do Machico, parte no de Santa Cruz. Ora, enquanto na parte Ma-

chico se registavam varios casos, não se recebia communicação de novidade alguma em Santa Cruz. A circumstancia era de intrigar e levantar suspeitas: certamente have-

ductór da mala postal fazia serviço entre uma povoação infectada e outra ainda indemne. Succedeu ter o dr. Caniço denuncia de que o homem, a seguir a uma embria-



UM HOSPITAL IMPROVISADO EM MACHICO

ria sonegações neste concelho. As visitas domiciliárias dos drs. Pereira, Porto e Plácido explicaram as coisas: separadas por um ribeirinho, estão de um lado casas sujissimas do concelho de Machico, da outra margem casas muito limpas pertencentes a Santa Cruz.

Com um barracão de madeira improvisou-se um hospital em Ribeira Brava, concelho de Ponta do Sol, montando se ao lado para servir de enfermaria de contactos um pavilhão que pertencia aos Sanatorios; outro se criou na Lombada, num antigo palacio do Conde do Carvalhal. Desse velho palacio e da sua bella posição, assim como do barracão de Ribeira Brava, dão idéa as nossas gravuras.

A pratica mostrou a existencia de um perigo a que se tratou de remediar. Foi o caso que no concelho de Santa Cruz, o con-

guêz que apanhára, tivera desarranjos intestinaes. Observou-o, e apesar de o encontrar de bello aspecto, sempre se resolveu a internal-o até que chegou o resultado da análise bacteriologica das fezes. Tendo provado o exame a existencia da chólera foi o homem para o hospital de Santa Cruz, até que desaparecessem os vibriões. Este acontecimento fez adoptar para o futuro medidas tendentes a evitar que a doença fôsse propagada pelos conductóres de malas postaes.

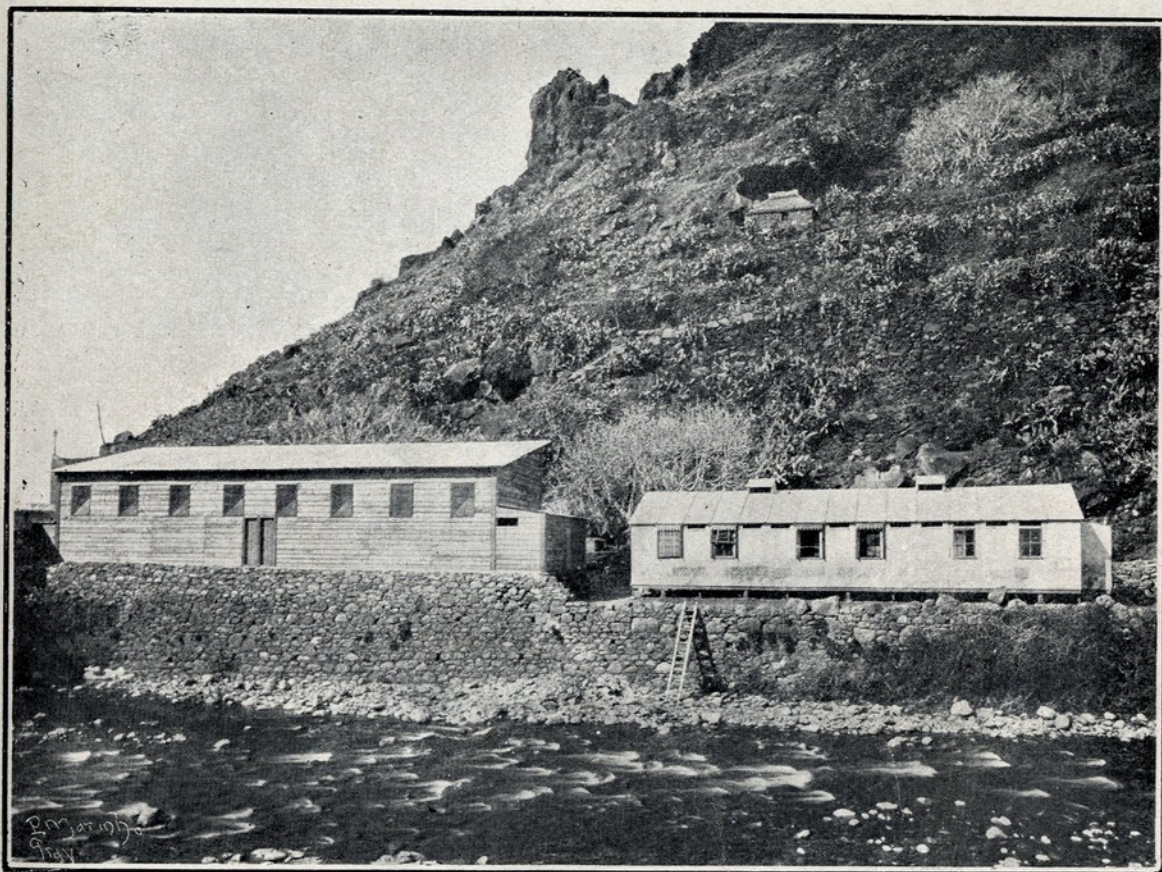
Em Porto Santo, onde, como em todos os concelhos, a epidemia foi importada do Funchal, encontrou o dr. França uma população extraordinariamente intelligente e dócil. As medidas fôram executadas com grande previsão, a defeza individual muito bem compreendida, e por isso a debelação muito rápida.

Uma das nossas gravuras mostra uma planta da ilha, em que por circulos negros se indicam os pontos atacados. A mesma cousa pode o leitôr vêr na planta da Madeira.

No concelho da Calheta apenas dois casos se deram. Este concelho, que tanto soffrêra em 56, deveu a sua quasi indemnidade ás justas medidas que se tomaram. Estabeleceu-se na extremidade leste um cordão sanitário; dos cinco portos de mar do concelho apenas dois ficaram abertos, communicando só com o Funchal pela necessidade de se abastecerem os habitantes de generos da capital do districto: de resto, as medidas ahi tomadas davam confiança ás autoridades do concelho. Os passageiros ao desembarcar eram observados e mudavam completamente

classe piscatória o communicar com barcos dos logares sujos.

Apezar do escasso material, e de só a 19 de dezembro o dr. França têr recebido uma estufa indispensável, fôram feitas 1071 análises de fezes, das quaes 600 de contactos immediatos, (pessôas da familia dos doentes e enfermeiros). Desses contactos 37 revelaram o vibrião da chólera, ou sejam 6 0/0. Verificou-se que é demorada, muito demorada mesmo em alguns casos, a permanência do vibrião no intestino dos convalescentes. Num doente do hospital de Camara de Lobos o vibrião persistiu durante 5 semanas, a despeito da frequente ministração de antisepticos. Não se deve pensar em libertar o doente sem que a análise prévia das fezes indique essa medida: seria pro-



HOSPITAL IMPROVISADO EM RIBEIRA BRAVA

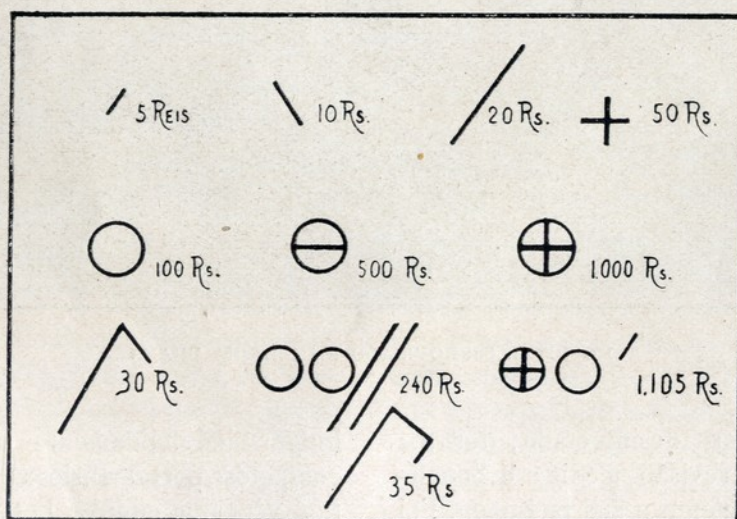
de vestuario, que era desinfectado; durante oito dias soffriam revisão medica e beneficiava-se cuidadosamente a sua bagagem. Foi prohibida aos vendilhões ambulantes e á

longar indefinidamente uma epidemia. Os contactos porta-vibriões não accusam muitas vêzes a minima perturbação intestinal. Em mais de uma occasião se transferiu o

A CHÓLERA NA MADEIRA



HOSPITAL DA LOMBADA DO PORTO DO SOL



CONTAS DE PESCADOR DA MADEIRA

porta-vibrião da zona dos contactos para a enfermaria dos doentes, em virtude do resultado positivo do exame microscópico, e succedia occorrêr um ataque de chólera immediatamente a seguir á ordem de transferência. Este facto impressionava muito o pessoal, contribuindô para lhes radicar a confiança nas indicações do laboratório.

Ahi está, muito succitamente indicada, a maneira como se conseguiu debelar a epidemia. A obra do dr. Carlos França teve da

parte das autoridades e da população madeirense o apreço e o reconhecimento que merecia. Esse reconhecimento revelou-se em actos da maior significação, e traduziu-se em signaes visiveis no offerecimento, pela cidade, da linda taça e da pasta que as nossas gravuras representam, e por parte do districto no de uma salva Luiz XV. Não sabemos se esses factos tornarão devidamente apreciado no paiz esse indefesso scientista, que elle mal conhece e que tanto o honra.



TAÇA OFFERECIDA PELA CAMARA MUNICIPAL
DO FUNCHAL AO DR. CARLOS FRANÇA



O Infinito

(Ao José Mendes Cabeçadas Junior)



infinito matematico, á primeira vista simplesmente formal e de convenção, não terá raizes na realidade e não será proximo parente do infinito metafisico? Eis um

problema interessante n'um periodo em que os filosofos da matematica são uns pela *convenção comoda* (1) (Poincaré), outros pelo absoluto logismo (Couturat). Por outro lado é a entrada triunfante da matematica na estructura das outras ciencias, que lhes dá a suficiencia arrogante com que, suppondo-se exaustivas do real, negam a metafisica.

Procuremos o sentido da formula $\frac{a}{0} = \infty$.

A consideração, em si, dos dois termos do quebrado $\frac{a}{0}$ nada poderia dár. Com effeito: dividir uma quantidade por nada, nada significa. Para que a esta expressão se encontre um sentido é preciso que, sendo a um numero, seja 0 um limite inatingido e inatingivel. Então o quebrado indica que o a vae sendo dividido por quantidades indefinidamente decrescentes, dando quocientes indefinidamente crescentes. Não indica $\frac{a}{0} = \infty$ a egualdade de duas quantidades, mas a correlação *necessaria* de dois factos (2) envolvendo já o infinito, pois nem d'outra forma ele poderia aparecer.

(1) A teoria da convenção comoda é muito interessante, mas representa uma primeira etapê em que o espirito não pode parar: E' assás empirica, ainda.

(2) Factos matematicos, da ordem do inteligivel.

Onde estava esse infinito? Na continuidade do denominador.

E onde essa continuidade? Será acto de pensamento? Não, porque pensar é determinar. Será a afirmação da actividade sintética do pensamento? Não. Em primeiro lugar o continuo é inexgotavel pelo numero. E o proprio numero carece do tempo ou do espaço, ou, fazendo a distincção bergsoniana do tempo concreto e do tempo *espacializado*, carece do espaço.

A continuidade pertence, pois, ao espaço, ou seja á intuição. A omnipresença do Sêr é a garantia unica da continuidade intuitiva. O real introduz-se pela continuidade (e assim introduz o Sêr de duas maneiras — pela actividade do espirito e pela resistencia da intuição) na mais pobre e afastada das ciencias.

A metafisica é invulneravel e nenhuma abstracção a consegue arredar de todo. E nem d'outro modo podia ser: os estados, os actos, os modos são efeitos da actividade omnipresente da creação. A garantia do infinito matematico é, pois, o infinito real. Mas bem insignificante seria esse infinito se o não conseguissemos penetrar de moralidade. Então já não seria o infinito, mas Deus.

Seguindo o caminho já percorrido para achar a substancia do infinito matematico deveriamos procurar na continuidade do facto moral a existencia da absoluta moralidade. Mas a quantidade deu-nos o infinito, porque pertencia á intuição. E' a moral um



FR. M. Maximo Tav. 67

CARLOS REIS — PÔR DO SOL

facto da intuição? Não. E' um sêr da Razão? Não. E' diferente e, abrangendo intuição e Razão, é uma *afirmação de sêr*. Kant distinguuiu muito bem entre a intuição e a Razão, mas retirando o noumeno para fora da experiencia scindiu esta e tornou aquele uma duplicação ineficaz. E' na *afirmação de sêr* que se encontra a verdadeira unidade da criação e do creado, da Razão e da intuição, do fenomeno e do noumeno.

A moral não é um dado, mas uma aspiração da Razão a dominar a intuição, do amôr a penetrar as almas, da liberdade a procurar liberdades. E' um facto, não da forma dos outros factos phenomenaes, porque é a criação. E é um facto que aparece excedendo-se e exaltando-se, que se afirma quebrando limites e formulas. Este crescimento moral têm a sua razão unica n'uma *plena* finalidade moral do Universo, isto é, em Deus.

Com efeito: ou o facto moral é um epifenomeno ou um fenomeno.

Qualquer teoria, epifenomenista faltando ao principio da razão suficiente, não faz sentido como explicação. E' um curioso apelo do absoluto determinismo ao milagre salvadôr.

O facto moral é uma afirmação que carece de razão suficiente. Esta pode ser procurada no mecanismo ou no finalismo da vida. O mecanismo tem contra si a possibilidade da indução (Lachelier) e o recurso vergonhoso ao acaso.

O finalismo tem apenas contra si o gros-

seiro empirismo dos que dão realidade absoluta ao tempo (1) e o receio cauteloso e justo das explicações preguiçosas. O mecanismo é absurdo e, na explicação da moral, serve ás escondidas do finalismo. A convergencia das vantagens da seleção e a convergencia de felizes atavismos implicam um finalismo oculto mas eficaz. E o primeiro gesto moral? E' obra do acaso? Milagre.

Resultado de certos arranjos bio-fisico-quimicos? Que de finalidade!!!

A finalidade (não o grosseiro empirismo d'uma causa temporal, actuando antes de existir) e só a finalidade explica o facto moral.

A finalidade ideál da perfeita beleza, do puro amôr, imanente e suspendendo da sua atração a harmonia d'um universo amante. Sim. Só a finalidade perfeita é a verdadeira finalidade. No sentido moral só o infinito amôr pôde ser razão intrinseca da ascenção moral, porque só ele é o verdadeiro amôr.

Aqui o limite é a negação.

E tanto que no proprio homem a moral é esforço e não acto, aspiração e não quietitude, excesso continuado do eu creador sobre o eu creado. Todo o universo é suspenso da palavra de Deus, que é essa finalidade d'amôr que o ergue e sublima. Todo o universo é confusão e treva, porque as almas se ignoram ainda, e raras procuram o sentido da vida no esforço moral.

(1) E' do tempo extensão que se trata.

Porto, 3 de março de 1911.

LEONARDO COIMBRA.





Coisa má!

ASNEIRAS! atalhou o Silva. Já se vê que deve de ter morrido gente, na tal casa, nem ha predio em que não morra. Lá quanto ao taes ruidos — vento a soprar pela chaminé, ratos nos fórros, são argumentos convenientes para pessoas nervosas, concordo. Dá-me dahi outra chicara de chá, Motta.

— O Costa e o Seabra estão em primeiro logar, obviou o Motta, e tu já te lambeste com duas.

Passava isto num club, cujo nome pouco importa, e que não fazia differença apreciaavel de outro qualquer.

O Costa e o Seabra foram engulipando o seu cházinho, com lentidão irritante, estabelecendo pausas entre gole e gole, afim de melhor lhe saborear o aroma, e para destrinçar o sexo e a data dos *intrusos*, a boiarem em relativa abundancia na beberagem. O amigo Motta ia-os desterrando para a borda da chavena, e depois, voltando-se para o enrabujado amigo Silva, pediu-lhe com brandura que tocasse a campainha, para trazerem agua a ferver.

— Far-se-á o possivel para que o prospero estado actual dos nossos nervos não sôfra alteração, observou. Eu, por mim, a respeito de coisas sobrenaturaes não sou peixe nem carne. — Nem acredito, nem deixo de acreditar.

— O mesmo acontece a toda a gente que

tem caco; sentenceou o amigo Costa. — Tive uma tia que viu uma vez um espectro.

O Seabra aprovou com a cabeça.

— Tambem tive um tio a quem aconteceu outro tanto; confirmou.

— São sempre vistos por terceira pessoa, já se sabe.

— E caso é que o predio para ali está, um casarão com uma renda baratissima, e não ha quem lhe pegue. Tem lá morrido, uma pessoa, pelo menos, de cada familia que lá tem morado — por pouco tempo, até — e desde que está devoluto, dos proprios individuos, incumbidos de o guardar, nenhum tem escapado, até hoje. O ultimo, espichou a canella haverá uns quinze annos.

— Isso é dos livros. O tempo, justamente, que convém para que a lenda vá tomando corpo, sentenceou o amigo Silva.

— Pois sim, mas aposto uma libra que não eras capaz de ir lá ficar uma noite, sósinho, apesar dessas chibanças, atalhou de golpe o amigo Seabra.

— E dois! accudiu o amigo Costa.

— Lá isso não, replicou o Silva.

— Não acredito em almas do outro mundo, nem nas coisas sobrenaturaes, mas admito que não me atreveria a ficar lá, de noite, sósinho.

— Mas por quê? perguntou o Seabra.

— Por causa do vento que entra pela chaminé, commentou o Costa, sarcastico.

— E dos ratos nos fórros, completou o Motta.

— O que vocês quiserem, respondeu o Silva, com um riso amarelado.

— Olhem lá, e se nós fôssemos todos lá ficar? propôs o Motta. Saímos daqui, depois da ceia, ahí pela volta das onze. Ha dez dias que andamos aos paus, sem sombras de uma aventurazinha, — não metendo na conta aquella descoberta do Silva, que a água estagnada não cheira a rosas. — Sequer ao menos, sempre será uma variante, e se conseguirmos quebrar o enguiço, sobrevivendo todos quatro, o dono do predio não deixará de fazer a sua acção, presumo eu.

— Não seria mau palpitar-mos primeiramente o sujeito, ponderou o Seabra. — Não tem graça nenhuma ir passar uma noite numa casa deshabitada ha tanto tempo. Vejamos, antes de tudó, se na casa apparece, ou não, coisa má.

Tocou a campainha, e mandou o criado perguntar ao porteiro do predio, que ficava defronte, requerendo-lhe, aliás, em nome da humanidade, que dissesse se era verdade, para não expôr quatro mancebos esperançosos a perder uma noite num predio, em que não havia probabilidade de apparecerem fantasmas, ou lobis-homens. A resposta foi satisfactoria. O criado, porém, é que sempre lhes foi lembrando, que não deixaria de ser prudente saldarem a continha do mês passado, antes de se arriscrem a tão perigoza aventura.

— Lá que os senhores levem o caso de pandega, não é para admirar, mas façam de conta que... uma comparação: vão dar com os senhores, todos quatro, sem vida, amanha de manhan, quem é que responde pela continha atrasada? Ha morrer e viver.

— Mas quem foi o ultimo que lá morreu? indagou o Silva, com um risinho incredulo.

Um vagabundo, foi a resposta. Foi lá dormir, ao cheiro de ganhar uma aposta de cinco tostões, e ao outro dia de manhan fóram encontrá-lo morto, pendurado na grade, que serve de corremão á escada.

— Suicidio, affirmou o Silva. Enlouqueceria com o susto.

O criado fez um signal de acquiescencia.

— A policia, pelo que ouvi, foi da mesma opinião, disse elle, mas consta que, quando para lá entrou estava em seu perfeito juizo. Que eu, conhecia-o de vista, ha muito

tempo. Mas, se querem que lhes diga, não era eu que ficava lá sósinho uma noite, nem que me pesassem a oiro.

E repetiu a afirmativa no acto de elles abalarem para a projectada expedição.

Demoraram-se ainda um bom pedaço, a commentar o caso e a ouvirem o creado contar episodios, referentes a almas do outro mundo, dos quaes, pelos modos, o sujeito possuia amplo reportorio, até que despediram por ali fora, em direitura ao predio em questão.

— A final de contas não será estopada, e asneira, ainda por cima, o arriscarmo-nos a perder a noite, sem graça nenhuma, só para convencer o Silva de que apparecem almas do outro mundo? observou o Motta.

— Vamos trabalhar em favor de uma boa causa; e tenho um palpite de que vamos ser bem succedidos. Não te esqueceste das vélas, Costa?

— Trouxe duas, foi a resposta; — não havia mais disponiveis.

A lua estava encoberta, e o ceu muito toldado de nuvens.

A entrada para o predio era por um quintalorio, e elles lá fóram, aos tropeções, na escuridão, até darem pela porta.

— E deixámos nós as nossas ricas caminhas, tão fôfas e quentinhas, para virmos passar toda a santa noite, de vela, e sabe Deus como, lamuriou o Seabra outra vez. Esperem ahí, deixem-me ver; a tão apetecivel residencia sepulcral fica á mão direita, não é isso?

— E' mais para além, se me não engano, affirmou o Motta.

Fóram andando, mais um pedaço, numa calada, apenas interrompida, de vez em quando, pelo tributo prestado pelo Silva á brandura, ao aceio, ao conchêgo do almejado leito, que mais e mais ia recuando na distancia. Guiados pelo Motta voltaram á mão direita, até que lobrigaram o portão.

O predio estava todo elle escondido pelas arvores e a vereda que lá ia dar, obstruida pela vegetação mal tratada, a invadi-la. Com o Motta á frente lá se foram orientando, até que desembocaram em frente do corpo avançado, no qual se recortava o portão.

— Nas trazeiras ha uma janéla, vamos a ver se por lá poderemos entrar, conforme

me disse o creado, observou o Costa quando os deteve o portão.

— Janéla ? disse o Motta. Qual historia. Fazemos as coisas em termos. Onde está a aldrava ?

Procurou-a ás apalpadelas e bateu um tá-rrá-tá-tá, trovejante, na porta.

— Não te ponhas com brincadeiras, resmungou o Silva, azoado.

— Os criados fantasmas, a estas horas estão ainda ferrados no somno, afirmou o Motta, muito serio; mas tencio-no acordá-los antes de me medir com elles. Para espectros que se prezam, é um procedimento escandalozo, deixaremos estar para aqui, ás escuras, a rapar frio.

Tornou a vibrar a aldrava, e o estrondo fez éco no vacuo da casa erma, e incontinente, soltou uma praga pouco orthodoxa, estendeu os braços e avançou, aos tropeções.

— Ora, sêbo! estava aberta, exclamou, com uma resonancia algo esquisita na voz. — Venham dahi.

— Não acredito que o estivesse, contra-veiu o Costa, recuando. E' alguém que se está divertindo á nossa custa.

— Asneira! replicou o Motta, impaciente. Dêem-me cá uma véla. Obrigado. Quem me dá um fosforo ?

O Silva sacou da caixinha e acendeu um, e o Motta, defendendo a luz com a mão, abriu o caminho pelo corredor, até á escada.

— Um de vocês que feche a porta, intimou; por causa da corrente de ar.

— Está fechada, disse o Seabra, esgueilhando os olhos para todos os lados.

O Motta agarrou a barba entre os dedos — Quem foi que a fechou ? indagou elle, olhando fito, para cada um dos companheiros, alternamente. — Quem foi o ultimo que entrou ?

— Fui eu, disse o Costa, mas não me lembro de a ter fechado — e dahi, talvez que fôsse.

O Motta, ia para falar, mas reconsiderou, e, attento a defender a luz, procedeu a explorar o edificio, levando os outros na



ASNEIRAS, ATALHOU O SILVA, JA' SE VÊ DEVE TER MORRIDO GENTE, NA TAL CASA

trela. As sombras, a dansar pelas paredes e como que a esconderem-se pelos cantos, á proporção que elles iam avançando.

Lá no fim do corredor toparam com outra escada, fôram subindo, de vagar, e asomaram ao primeiro andar.

— Cautéla! — recommendou o Motta quando alcançaram o patamar.

Avançou a véla, a braço tendido, e mostrou o sitio onde estavam partidos os balústres do corremão. Depois espreitou, curioso, o vacuo, por ali abaixo.

— Foi aqui que se inforcou aquelle pobre diabo, supponho eu, disse, pensativo.

— E's dotado de um espirito doentio,

observou o Seabra, quando iam andando.— O casarão é já sufficientemente sinistro, sem que estejas a recordar lances tetricos. Vamos a ver se encontraremos um quarto qualquer, mais commodo, onde possâmos saborear uma pinga de genebra e fumar o nosso cachimbo, á espera do que der e vier. A vocês que lhes parece esta ?

Abriu uma porta, lá ao fundo do corredor e patenteou-se-lhes um recinto quadrado. O Motta entrou adiante, com a véla, e derretendo um pedaço do topo, pegou-a na pedra do fogão. Os outros sentaram-se no sobrado, e puseram-se de atalaia. O Seabra sacou do bolso uma garrafa de genebra e um copo de fólha.

— Mau! Lá me esqueceu a agua, exclamou.

— Isso arranja-se, disse o Motta,

Deu um puxão, com força, ao cordão, e retiniu, lá ao longe, da cozinha, o tintinar de uma campainha. Tornou a tocar.

— Não te ponhas com asneiras, atacou o Silva, incanzinado.

E o Motta a rir. Foi para te convencer, respondeu joco-serio. Quer sim quer não, sempre haverá, na cozinha, ou na copa, o fantasma de um creado,

O Silva ergueu a mão a impôr silencio.

— Ouviram? Virá alguém?

— Ouçam lá, exclamou o Silva, de chofre. — Eu por mim não acredito em espectros, mas os nervos não obedecem ao arbitrio de cada um. Podes rir á vontade, mas iria jurar que ouvi abrir uma porta, e uns passos a subirem a escada.

Veiu afogar-lhe a voz uma salva de gargalhadas.

— Vae-se chegando, não ouviram, disse o Motta, com um frouxo de riso. Verão que daqui a nada está tão crente como qualquer de nós. Mas deixemo-nos de contos. Quem é que vae buscar agua? Vaes tu, Silva?

— Eu não.

— Se é que a ha, talvez não seja muito prudente bebê-la. Deve de estar choca, ha tanto anno! — Adeus! Passa-se sem ella!

O Motta cabeceou, assentindo, e, sentando-se no chão, estendeu a mão para receber o copo.

Acenderam os charutos, uns; os outros, o cachimbo e o cigarrinho, e o aroma desinfectante do tabaco atulhou o recinto. O

Costa trouxe a lume um baralho de cartas, e dali a pouco a algazarra e as gargalhadas estrugiram no recinto e esmoreceram lentamente, lá ao longe, na vastidão dos corredores.

— Isto de casas vasiaas incute-nos sempre a impressão de termos uma voz cavernozosa. Observou o Motta. — Eu, ámanhan. . .

Deu um pulo e soltou uma exclamação reprezada, ao apagar-se-lhe a luz, de repente, e ao sentir uma pancada na cabeça.

Os outros puseram-se a pé, de um salto. O Motta deu uma gargalhada.

— Foi a véla, exclamou; — não a peguei com segurança.

O Silva acendeu um fosforo, tornou a acender a véla, pegou-a com mais cuidado, na pedra da chaminé, sentou-se no chão e pegou no baralho.

— Que ia eu dizendo? perguntou o Motta — Ah! já sei; eu, ámanhan. . . .

— Escutem! segredou o Seabra, filando-lhe a manga do casaco, Palavra! figurou-se-me ouvir uma gargalhada!

— Oçam lá! accudiu o Silva; e se nós nos safassemos — vocês que dizem? A respeito de experiencias, estou satisfeito. Fantasio ouvir tambem o que quer que seja, assim a modos de uma rastolhada esquisita, pelo corredor. Bem sei que é fructo da imaginação, mas hão de concordar que é desagradavel a valer.

— Se te queres pisgar ninguem te péga, replicou o Motta.

Eu, no teu lugar, pedia ao inforcado que me desse a mão para descer a escada.

— Vae lá fóra ver: lhe disse o Motta, piscando o olho aos outros dois. — Apósto que não és capaz de ir lá a baixo, ao atrio, e voltar, sósinho

O Silva voltou para trás, e debruçou-se para acender o cachimbo na véla.

— Sou nervozo, confesso, mas razoavel, afirmou baforando uma nuvenzinha de fumo. Os nervos dizem-me que anda o que quer que é a cirandar, para cá e para lá, no corredor, e a razão affirma-me que é disparate.

Onde está o meu baralho?

Voltou a sentar-se, e tomando as cartas, pôs-se a observá-las, e jogou.

E' a tua vez, Seabra, disse elle, em seguida a uma pausa.

O amigo Seabra não deu signal de si.
— Está a dormir; ora esta! disse o Motta.
Acordas, ou não, minha azemola, és tu que jogas.

O Costa, que estava sentado ao pé d'elle, agarrou no braço do dorminhoco e abanou-o com força gradual; o Silva, porém, com as costas encostadas á parede, e de cabeça caída, não buliu, sequer.

O Motta berrou-lhe ao ouvido e depois voltou-se para os amigos, algo intrigado.

— Está a dormir como um porco, esta empada, disse elle, ainda cá estamos os três, para fazermos companhia uns aos outros.

— Pois já se vê; interveiu o Costa:

A não ser que... Santo Deus! Supponham....

— Atalhou-se, e olhou para elles, successivamente, de olhos esboghados e a tremer.

— Suppôr quê? perguntou o Motta.

— Coisa nenhuma, gaguejou o Costa. Vamos acordá-lo. Prêga-lhe outro safanão. Seabra. O' Seabra!...

— Não vae lá! observou o Motta, muito serio; — um somno assim não é natural.

— Estava a pensar isso mesmo, concorrou o Costa; e elle, se ferrou no somno, a este ponto, por que é que nós não havemos de...

O Motta pôs-se a pé, de um pulo.

— Asneira! exclamou, zangado.

— Está cançado; eis o que é. Mas espera ahi, carregamos com elle em charola e pômo-nos a andar. Pega-lhe tu pelas pernas e o Silva que vá adiante, com a véla, para nos alumear. *Que é? Quem está ahi?*

Olhou rapido para a porta.—Pareceu-me que ouvi bater alguém, afirmou com um riso contrafeito. Vá, Silva, toca a carregar com

este trambolho — Uma, duas — *Costa! ó Costa!*

Acudiu-lhe tarde; o Costa, com a cara escondida nos braços, tinha rebolado pelo chão, ferrado no somno, e os esforços do companheiro foram baldados para o acordar.

— Está... de todo! Dorme como um cêpo! gaguejou! Ora se ha!

O Silva, que tirára a véla de cima do fogão, ficou-se pasmado para os dorminhocos, a entornar o cebo no soálho.

— Mas isto assim é que não está a ca-



O SILVA, QUE TIRARA A VÉLA DO FOGÃO, FICOU-SE PASMADO PARA OS DORMINHOCOS

lhar, disse o Motta. Toca a safar daqui para fóra! Depressa!

O Silva hesitou.

— Mas o que não podemos é deixá-los aqui... observou.

— Que remedio, accudiu o Motta, em tom estridulo. — Eu, cá, se tu adormeces, piro-me... — Anda dahi, depressa!

Filou o outro pelo braço e tentou puxá-lo para o corredor. O Silva sacudiu-o de si, tornou a pegar a véla na pedra do fogão, e tentou acordar os dorminhocos.

— Não vae lá, exclamou, e desistindo,

pôs-se a considerar o Motta. — Não adormeças, tu, também, exclamou, atrapalhado.

O Motta abanou a cabeça, e ficaram ambos calados, e muito pouco á vontade. — Pelo sim, pelo não, sempre vou fechar a porta, disse por fim o Silva.

Foi-se á porta e fechou-a devagarinho. Incontinentemente, sentiu barafustar o que quer que era, por detrás de si, voltou-se e viu o Motta feito num feixe, junto á lareira.

Estacou, inerte e sem poder tomar a respiração. Cá dentro, a véla latejante, com a corrente de ar, patenteava diffusamente as attitudes grotescas dos três dorminhocos. Lá fóra, a imaginação escandecida pintiparava-lhe um desasocêgo extranho e como que a furto. Tentou assobiar, mas tinha a bóca sêca, e, com um movimento automatico, debruçou-se, e entrou a recolher as cartas que juncavam o sobrado.

Abaixou-se, uma ou duas vezes, e pôs-se á escuta, de cabeça baixa. O desasocêgo, lá fora, dir-se-ia ir augmentando; ecoou, vindo da escada, um estalejar um tanto rijo.

— Quem anda ahi? gritou com ancia.

Cessou o estalejar. Arremeteu para a porta, e abrindo-a, de repelão, enfiou pelo corredor. Com a investida dir-se-ia ter-se-lhe aplacado o susto.

— Apareça, quem quer que é!

— Vá! Muitos ou poucos!

— Mostrem essas carrancas!

— Para que se escondem?!

E tudo isto com uma gargalhadinha engasgada.

Cascalhou outra vez e foi andando; e o montão dos dorminhocos, ao pé do fogão, a espicharem a cabeça, como kagados, e a escutarem, aterrados, as passadas a affastar-se.

Apenas quando o ringir das botas se esvaíu, lá ao longe, fóram serenando as fisio-nomias dos trépidos escutantes.

— Santo Deus, Motta, démos com elle em doido, segredou o Seabra, a tremer. Se nós fôssemos atrás d'elle?

— Nada de resposta. O Motta pôs-se em pé, de um pulo.

— Não ouviram? exclamou. E agora, deixem-se de brincadeiras; a coisa vae estando séria, ó Costa, ó Seabra! Vocês ouvem ou não?!

E debruçou-se a considerá-los, entre as-

sustado e furibundo. — Farçantes, proferiu, com a voz a tremer. — Cuidam que me assustam, esperem por isso!

Largou-os de mão e foi indo, com assumida chibança, até á porta. Atreveu-se a transpô-la, e pôs-se a espreitar por uma greta, mas os dorminhocos nem sequer bo-liam.

Varou com a vista a escuridão caliginosa, e tornou a enfiar para o quarto, como um foguete.

Espécou-se a considerá-los pelo espaço de segundos. Era lobrego, pavoroso o silencio daquela casa; nem sequer os ouvia respirar. Com resolução subita, sacou a outra véla de cima do fogão e chegou a luz aos dedos do Seabra. Depois recuou atonito e tornou a ouvir as passadas.

Todo elle num tremor e de véla em punho, pôs-se á escuta. Voltou a ouvir as passadas a subirem a escada, mas quando accudiu á porta, cessaram de golpe. Deu umas passadas pelo corredor, e os passos a ringirem pelos degraus, e depois a choitarem pelo corredor do pavimento inferior. Retrocedeu para a escada central, e tornaram a cessar as passadas.

Ficou-se para ali, um pedaço, debruçado no corremão, á escuta e tentando furar com a vista a escuridão, lá em baixo; depois, devagarinho, pé ante pé, foi descendo por ali abaixo e, erguendo a véla acima da cabeça, espraçou a vista em redor.

— Ó Silva! clamou. Onde estás?

A tremer como um vime seguiu pelo corredor, e, fazendo das fraquezas forças, foi empurrando portas e espreitando a medo para quartos vazios. De repente, eis que sente as passadas em frente de si.

Foi indo devagarinho, com receio de apagar a luz, até que o som das passadas pregou com elle na immensidade de uma cozinha, nua de todo e com as paredes a escorrerem humidade, e o soalho em pessimo estado. Defronte de si, uma porta dando para um quarto interior, fechara-se, de repente. Investiu para ella, abriu-a de repelão, e um golpe de ar, frígido, apagou-lhe a luz. Ficou sem pinga de sangue!

— Silva! clamou outra vez.

Não tenhas medo! Sou eu!... o Motta. Nem palavra! E elle para ali, ás escuras, e a parecer-lhe sempre que o que quer

que fosse lhe seguia no encalço, a vigiá-lo. Eis que de subito torna a sentir as passadas, lá por cima.

Retrocedeu, apressado, e passando pela

cançou o patamar, a tempo, justamente, de entrever um vulto a sumir-se por detrás da esquina de uma parede.

Com muita cautela, para não fazer rumor,



APROXIMOU-SE DO CORREMÃO E OLHOU PARA BAIXO

cozinha, tornou a meter pelos estreitos corredores. Já se ia orientando melhor, nas trevas, e achando-se finalmente ao pé da escada, pôs-se a subi-la sem fazer ruido. Al-

foi seguindo o êco das passadas, até que estas o levaram ao andar de cima e fôï-as seguindo até uma volta, que ali fazia o corredor.

— Silva! ó Silva — segredou. Buliu o que quer que fosse, na escuridão. Uma fresta circular no topo do corredor deminuia as trevas e revelou-lhe os contornos diffusos de um vulto immovel. O Motta, em vez de avançar, estacou para ali, empedrado, e uma duvida horripilante se lhe apossou do espirito. Com os olhos no vulto defronte de si, foi recuando, devagar, e como este fosse crescendo para elle, soltou um berro pavoroso.

— Silva! Em nome de Deus, és tu?

O éco da sua voz vibrou no ar, e não obstante, o vulto, defronte d'elle, nem deu por isso. O Motta, por instantes, tentou fazer-se valente e apará-lo a pé firme, mas, soltando um grito engasgado virou costas e deitou a fugir.

Os corredores eram o proprio labirinto, e elle despediu por elles, ás cegas, em procura da escada. Pudesse elle pregar consigo lá em baixo e abrir a porta do vestibulo!...

Susteve a respiração, tornara a ouvir as passadas.

Num trote pesado resoavam, para cá e para lá, nos ermos corredores, para fóra e para dentro, para baixo e para cima, como se o andassem procurando. Parou, varado de medo, e como as passadas se fossem aproximando, enfiou para um cubiculo, e encolheu-se por detrás da porta, enquanto ellas seguiam para diante. Saíu do coio e deitou a correr, veloz mas sem fazer ruído, em direcção contraria, e acto-continuo as passadas a seguirem-n'ó. Conseguiu alcançar o corredor comprido e enfiou por elle, á desfilada. Sabia que a escada éra lá no extremo, e com as passadas agarradas aos cal-

canhares galgou escada abaixo como um raio.

As passadas ganhavam terreno, coseu-se com a parede para lhes dar campo, sem despegar da corrida acelerada. Mas de repente pareceu resvalar da terra no espaço.

* *

O Costa acordou no dia seguinte, pela manhan, e feriram-lhe a vista os raios do sol dardejando pelo quarto, e o Seabra sentado e a considerar com tal qual preocupação, um dêdo todo elle esfolado.

— Que é feito dos outros? indagou o Costa.

— Safaram-se, creio eu. Respondeu o Seabra. Adormeceríamos, naturalmente.

Levantou-se o Costa e, espreguiçando os inteiriçados membros, sacudiu o pó do fato e saiu cá para fora, para o corredor. O Seabra seguiu atrás d'elle. Ao ouvir rumor de passos, um vulto que estivera a dormir, no extremo opposto do recinto, sentou-se e patenteou o semblante do amigo Silva.

— Ora esta, tenho estado a dormir, acho eu! exclamou pasmado. — Não me lembro de ter vindo para aqui. Como é que eu vim?

— Lindo sitio para vir curtir uma raposeira, declarou o Costa, carrancudo, apontando para o corremão da escada. Com mais um metro, e onde estarias tu a estas horas?

Aproximou-se insensivelmente do corremão e olhou para baixo. Em resposta ao seu grito de sobresalto e afflicção, os outros accudiram e ficaram todos três, varados, a olharem para o companheiro, estirado sem vida, lá em baixo.

M. C.





Astronomia das senhoras

As constellações

I

Agora, que já sabemos que a Terra é um corpo isolado no Espaço, girando em torno do Sol ao longo de uma linha, traçada á distancia media de 148 milhões de kilometros, para percorrer a qual gasta 365 dias, 6 horas, 9 minutos e 11 segundos, abandonemos a nossa morada e vamos fazer uma viagem atravez do Infinito, admirando essas estrellas, algumas brancas como o nosso Sol, outras córadas, outras simples como a que nos dá a vida e calor, outras multiplas e vo-gando todas em diferentes direcções com velocidades vertiginosas.

Imaginarão as minhas gentis leitoras que será muito difficil reconhecer as estrelas entre tantas; desenganem-se e verão que, depois de lerem attentamente esta Lição II, assim como leram a Lição I, (1) serão ca-

pazes de as reconhecer tão bem como eu. Ha cartas celestes, que nos ensinam os nomes de essas estrellas e não é muito difficil reconhece-las.

II

Olhando para o céu, por uma linda noite de verão ou mesmo de inverno, notamos que as estrellas estão reunidas formando grupos inalteraveis e conservando as mesmas distancias entre umas e outras. Para reconhecer as estrellas, é necessario dar-lhes nomes e os nomes de esses grupos, a que se chamam *constellações*, foram dados pelos antigos e tirados da mythologia, da historia ou dos reinos da natureza. A



FIG. 3. — URSA MAIOR

Biblia mostra-nos o propheta Job fallando já no Orion, nas Pleiades, nas Hyades, ha 3:300 annos. Mais adeante fallaremos mais detalhadamente nestas constellações. As tábuas da Babylonia e os escriptos do Egypto

(1) Vidé numero de outubro de 1910.

mostram uma astronomia já muito avançada nessas épocas longinquoas.

Mas as nossas constellações actuaes parecem ter sido fundadas pelo sabio grego Eudoxio de Cnide no anno 360 antes da nossa era. Aratus, no anno 270 antes de Christo, escreveu um poema didactico em que falava nellas. Mas as verdadeiras posições astronomicas foram notadas por Hypparcho de Rhodes no anno 130 antes de Christo; classificou as estrellas por ordem de grandezas, segundo o seu brilho apparente e o seu catalogo, conservado no *Almagesto* de Ptolomeu, contem 1:022 estrellas distribuidas por 48 constellações.

A' noute, em diversas posições do céu, conforme a epocha do anno, nota-se uma constellação, formada por sete estrellas brilhantes, que nunca desaparece abaixo do nosso horizonte e que é conhecida de toda a gente: é a Ursa Maior. E' tambem chamada Carro de David e já os chinezes, ha mais de 4:000 annos, a saudavam como a divindade do Norte. E' muito facil reconhecê-la no meio de todas as outras. Na figura da Ursa Maior, figura que só pôde achar-se pela imaginação, como era a dos antigos, as quatro estrellas do quadrilatero estão no corpo e as tres restantes formam a cauda; na figura do

Carro de David, as quatro estrellas são as rodas e as outras tres são os cavallos.

Tambem alguns lhe chamam a Cassirola e francamente acho que este nome é dos melhores, apesar de ser o menos conhecido de todos. E' difficil saber de onde lhe provém a designação de Ursa, mas foi da palavra grega *Arctos* (ursa) que sahiu a palavra *arctico* para designar o Norte. As estrellas são todas ellas marca-

das com letras do alphabeto grego, que se poderá examinar no fim de esta Lição II; assim, as estrellas α (alpha) e β (beta) são as duas primeiras do carro; γ (gamma) e δ (delta) são as duas seguintes; ϵ (epsilon), ζ (zeta) e η (eta) são as tres da cauda.

A figura 3 mostra o aspecto de esta constellação, juntamente com as letras gregas relativas ás diversas estrellas.

A estrella α (alpha) chama-se Dubhe; a estrella β (beta) chama-se Merak; a estrella γ (gamma) chama-se Phecda; a estrella ϵ (epsilon) chama-se Alioth; a estrella η (eta) chama-se Alkaïd. Todas ellas são de 2.^a grandeza e mais adeante

explicaremos o que isso quer dizer, excepto δ (delta) que é de 3.^a grandeza.

A estrella ζ (zeta) de esta constellação, que é a segunda estrella da cauda, tem perto uma outra pequenina e é chamada Mizar; a estrella mais pequena chama-se Alcor ou o Cavalleiro; os arabes chamam-lhe Saïdak, que quer dizer Prova, porque serve para experimentar o alcance da vista; com effeito, só as boas vistas a distinguem. A bella constellação da Ursa Maior pode-nos servir para, pela ajuda de simples alinhamentos, encontrar com facilidade varias outras estrellas e constellações.

Prolongando cinco vezes a distancia que separa as duas estrellas α (alpha) e β (beta), tambem chamadas Guardas da Ursa, para o lado da convexidade da cauda, isto é,

para o lado de α (alpha), encontra-se uma estrella de 2.^a grandeza, notavel porque parece estar parada no meio de todas as outras e que é a ultima de uma constellação analoga á Ursa Maior, mas mais pequena e invertida. Essa estrella é a *Estrella*

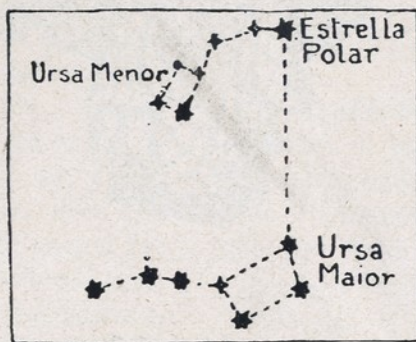


FIG. 4. — MANEIRA DE ACHAR A POLAR

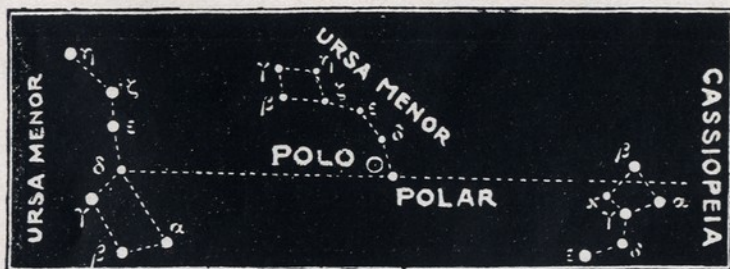


FIG. 5. — MANEIRA DE ACHAR A CASSIOPEIA

Polar e pertence á constellação da Ursa Menor; a maneira de a encontrar vem representada na figura 4. Está fixa ou quasi fixa no meio de todas as outras e o eixo da Terra, prolongado para o lado norte, encontra a abobada celeste perto de esse ponto.

Essa estrella tambem nunca desapparece abaixo do nosso horizonte, e no Equador, parece que ella está collocada mesmo na linha onde o céu se confunde com o mar. Essa estrella é a estrella α (alpha) da Ursa Menor; a estrella β (beta) chama-se Kocab.

Entre a Ursa Maior e a Ursa Menor, vê-se uma longa fita de estrellas, que formam a constellação do Dragão.

Examinemos agora a Cassiopeia, que está opposta á Ursa Maior, relativamente á Estrella Polar. Tem a forma de um M e alguns tambem lhe chamam a Cadeira. Este nome é mais racional, porque as estrellas α (alpha) e β (beta) são os pés; as estrellas κ (kappa) e γ (gamma) formam o assento e as estrellas δ (delta) e ϵ (epsilon) formam as costas. Para achar a estrella β (beta) da Cassiopeia, une-se a estrella δ (delta) da Ursa Maior com a Estrella Polar e prolonga-se essa linha, para lá da Estrella Polar, de um comprimento igual; quer dizer, a distancia da estrella δ (delta) da Ursa

Maior á Estrella Polar é precisamente igual á distancia da Estrella Polar á estrella β (beta) da Cassiopeia. A maneira de a achar vem representada na figura 5. Esta constellação tambem nunca desapparece

abaixo do nosso horizonte. A estrella α (alpha) chama-se Schedir; a estrella β (beta) chama-se Chaph; a estrella δ (delta) chama-se Rucba.

Tomando como ponto de partida as estrellas α (alpha) e δ (delta) da Ursa Maior, temos duas linhas, que se encontram na Estrella Polar e que, prolongadas, nos vão dar o Quadrado do Pegaso, cujas estrellas α (alpha) e β (beta) teem respectivamente os nomes de Markab e Scheat O Pegaso está ligado, como se vê na figura 6, com outra constellação de tres estrellas chamada Andromeda, cujas estrellas, α (alpha) e β (beta) se chamam respectivamente Sirrah e Mirak. As constellações do Pegaso e da Andromeda reunidas apresentam um aspecto sensivelmente analogo ao da Ursa Menor, mas em ponto maior. A constellação da Andromeda termina por outras tres estrellas, que formam um arco concavo com uma direcção sensivelmente perpendicular á Andromeda e que constituem a constellação do Perseu, cuja estrella α (alpha) se chama Mirfak. A ultima estrella do Pegaso é a primeira estrella da Andromeda; assim, a linha, que vem da estrella α (alpha) da Ursa Maior, termina na estrella β (beta) do Pegaso; a linha, que vem da estrella δ (delta) da Ursa

Maior, termina na estrella α (alpha) da Andromeda.

Continuando-nos ainda a servir da Ursa Maior, podemos encontrar, prolongando a linha que une as duas ultimas estrellas da cauda, as estrellas ζ (zeta) e η (eta), uma



FIG. 6. — PEGASO, ANDROMEDA E PERSEU

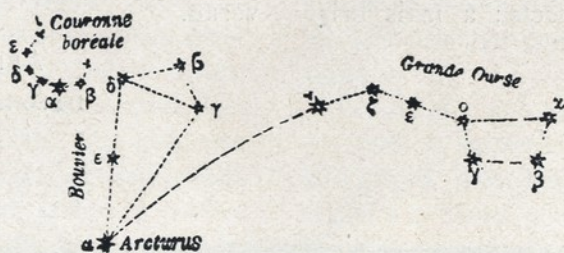


FIG. 7. — MANEIRA DE ACHAR O BOIEIRO E A COROA

estrella muito brilhante: é Arcturo, pertencente á constellação do Boieiro, que, na antiguidade, representava o guarda dos rebanhos celestes; Arcturo é a estrella α (alpha) de esta constellação; a estrella ϵ

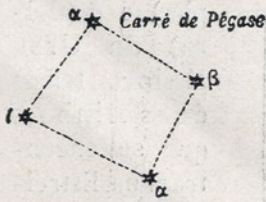


FIG. 8. — VEGA, CISNE E AGUIA

(epsilon) do Boieiro chama-se Isar. Ao lado do Boieiro, como se vê na figura 7, acha-se uma constellação de forma sensivelmente circular: é a Corôa, cuja estrella mais brilhante, ou α (alpha) de esta constellação, se chama Perola.

Podemos formar um triangulo com os lados eguaes, juntando a Estrella Polar com Arcturo e com outra estrella muito brilhante: esta estrella é a estrella Vega da constellação da Lyra. Junto da Vega, como se vê na figura 8, ha uma constellação em forma de cruz, chamada Cysne ou Cruz do Norte; a sua estrella α (alpha) chama-se Deneb, a estrella β (beta) chama-se Albireo, a estrella ϵ (epsilon) chama-se Genah. A primeira estrella, cuja distancia se pode calcular, está nesta constellação; paira a 69 trilliões de kilometros. Perto de esta constellação, mesmo na Via Lactea, encontra-se a Aguia com as suas tres estrellas em linha recta; a mais bri-

lhante é a do meio e chama-se Altaïr; é a estrella α (alpha) da constellação da Aguia; a estrella γ (gamma) chama-se Tarazed.

As estrellas da constellação de Hercules, para onde o nosso Sol nos arrasta no seu movimento proprio atravez dos Espacos, estão collocadas no interior do triangulo formado por Arcturo, Vega e Estrella Polar.

As estrellas α (alpha), δ (delta) e γ (gamma) do Perseu pódem-nos servir para um novo alinhamento. Prolongando para o lado de δ (delta), a linha que as une, acha-se a estrella Cabra da constellação do Cocheiro. Partindo de δ (delta) para o sul, encontram-se as Pleiades, vulgarmente chamadas o *Sete-Estrello*,

pertencentes á constellação do Touro, de que fallaremos mais adeante. Na constellação do Perseu, ha uma estrella muito notavel porque o seu brilho varia: é a estrella β (beta) de esta constellação, estrella que se chama Algol. A variação do seu brilho será estudada mais adeante. A figura 9 mostra a disposição do Perseu, das Pleiades e da Cabra.

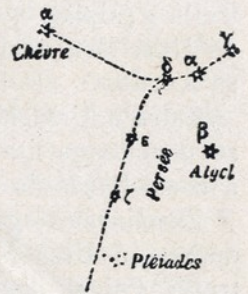


FIG. 9. — PERSEU, PLEIADAS E CABRA

Estas simples e pequenas explicações parecem-me sufficientes para que as minhas gentis leitoras possam achar as constellações mais importantes do nosso céu europeu por uma linda noute de verão.

AFFONSO DE CASTILHO.

Da Sociedade Astronomica de França





VISTA DA POVOAÇÃO

Yanaghidani Kwannon

(Narrativa japoneza)

Não longe da cidade de Kyôto, entre duas estações de linha ferrea — Yamazaki e Mukômachî, — mas muito dentro pelas serras, n'um covão solitário que difficilmente é accessivel, ergue-se, desde remotas éras, um pequeno templo buddhista, chamado Yanaghidani Kwannon, denominação que podemos traduzir por — Nossa Senhora do Valle dos Salgueiros. — Em todo o caso, convem notar, traducção muito livre e porventura irreverente, pois Kwannon não quer dizer Nossa Senhora, — *a nossa*; — Kwannon é a deusa da piedade e do perdão da religião do Buddha, correspondendo assim, de certo modo, á ideia mystica que os povos christãos fa-

zem da Virgem; por isto, para harmonia da phrase e talvez melhor comprehensão, escolhi a traducção christianisada que acabo de apontar.

O templo citado gosa de grande fama em todo o imperio, mercê da benevolencia milagreira que Kwannon alli dispensa aos cegos e a todos que doenças dos olhos mortificam, curando-lhes muitas vezes os achaques. Este templo é pois, para os japonezes, o que o templo de Lourdes é para os christãos; reduzida porém a sua efficiencia a um só genero de mazellas, as dos olhos. Escrevo estas linhas, observe-se, sem sombra de graço; não me rio dos milagres d'este templo de Kwannon, como igualmente não me rio

dos milagres do templo de Lourdes; antes intensamente me enteneço, sem fazer distincção de credos, perante a ardente fé das almas simples e os beneficentes resultados que do fervor das crenças se recolhem.

Mas não philosophe-mos. Não é para tanto que eu peço ao leitor alguns momentos de atenção.

Diariamente, vindos dos pontos distantes em comboios, vindos das aldeias cerca em diligencias, em palanquins e ordinariamente a pé, affluem os peregrinos, subindo collinas arriba até ao templo de Yanaghidani Kwannon, a fim de implorarem a piedosa divindade que os livre de seus males. E, confesso, vale a pena acompanhar a chusma

dos fieis, o bando dos cegos, dos zanolhos, dos ophthalmicos, dos remelosos, mesmo por simples passatempo, sobretudo em abril, quando a natureza, em pompas, se mostra em todo o seu esplendor.

Partindo de Mukómachi, é a principio a aldeia, com a sua longa fila de lojinhas de varia mercancia e de modestos lares de habitação, intervallando verduras de jardins, onde o *yamabuki* em tufos se cobre de florinhas côr de oiro. Avulta a escola, ampla como uma caserna. São raros os transeun-

tes; brincam, em grupos, as creanças, pelas ruas.

Após, véem as vastas planícies, as veigas vicejantes, onde agora verdeja a cevada, dis-

posta em longas leivas parallelas, onde agora a colza em flôr se estende em largos tapetes amarellos, a rescenderem de perfume. À borda dos caminhos, desabrocham de mistura os malmequeres, as violetas e outra florescencia rasteira, o *ghengé*, que é a flôr de uma especie de trevo, que as creanças japonezas, onde quer que ella appareça, se aprazem em colher. De quando em quando, ergue-se um albergue rural, de cobertura de colmo, de paredes de barro.

Depois, abruptamente, levanta-se a serra em nossa frente, brava, vestida de matta densa, apenas offerecendo um estreito trilho em zig-zague, por onde urge que investamos.

Vou subindo; vamos subindo, porque o rancho dos devotos de perto me acompanha. Do trilho que seguimos, a scena em roda é imponente, captivante, uma d'estas paizagens rusticas, accidentadas, convulsas, tam vulgares no solo japonéz, de caracteristica constituição vulcanica. De um lado, sobe a serra, sobe, perdendo-se de vista. Do outr



ENTRADA DO TEMPLO

lado, o precipício: — pedregulhos, covas, corcovas, declives quasi a pino, em baixo as ravinas serpeantes, espumas de aguas limpidas. — Por toda a parte, uma vegetação luxuriante. Verdes filigranas de musgos e de lichens, fetos, lirios bravos em flôr, azaleas em roseas florescencias surprehendentes e uma multidão de outras plantas atapetam todo o solo; abundam os pinheiros, gigantes, seculares, de amplos troncos retorcidos; abundam os carvalhos; aqui, acolá, surge um formoso bambual, agora em tenros rebentos, alimento apreciado, que a gente dos campos se occupa em arrancar, para ir vender pelas aldeias; as camélias silvestres, em profusão, florescem em grandes corollas carmezins. Eis o aspecto geral dos sitios, solemneamente silenciosos; apenas, de quando em quando, o *uguisu*, o rouxinol japonéz, occulto nas ramadas, solta os seus pios de amor.

Mas a ladeira não tem fim. Sobe-se, sobe-se, seguindo as ondulações serpentinhas do terreno, dobrando cotovellos para a direita e para a esquerda, sem que se veja termo á caminhada. Ganha-nos a fadiga. Bagas de suor cahem dos rostos, embora as brisas venham

frescas. Temos ancia de chegar. Julgamos-nos perdidos, na rêde de encruzilhadas das montanhas, se um indicio seguro não nos viesse demonstrar que vamos no trilho certo: ao longo do caminho, sobre o solo elevado, ao alcance do braço, vae seguindo uma multidão de brancas bandeirinhas de papel, centenas d'ellas, milhares d'ellas, colladas a hastesinhas de bambú e espetadas no terreno; são os peregrinos que as espetam, como ex-votos. Todas têm seus dizeres; leio um ao acaso: — *Hitsuji no toshi, onna*

(anno do signo do carneiro, mulher); — uma devota menciona apenas o nome do anno em que nasceu e o seu sexo; não é preciso mais, a deusa da piedade distingue bem os seus fieis.

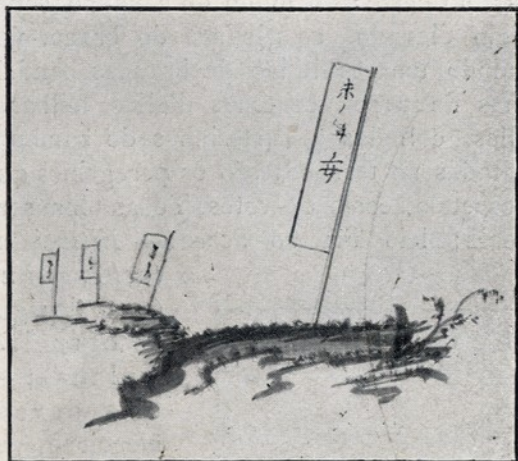
Porém, já começa a ouvir-se, a espaços, o som do sino de uma invisivel bonzaria, magestosamente repetido pelos multiplices échos das montanhas, chamando á prece os peregrinos. Finalmente!... Galgamos ainda, por cerca de meia hora, a ingrime aзинhaga, ganhando assim



UMA VISTA DO TEMPLO

uma eminencia de collina, alargando-se de surpresa o horisonte em circulo, todo envolvido em serranias. Encantador espectáculo, de um encanto paradiziaco, innarra-

vel. O solo desce em nível, escava-se em concha, ao centro da qual se contorna uma povoação minúscula, de hospedarias e de



BANDEIRINHAS COMO EX-VOTOS

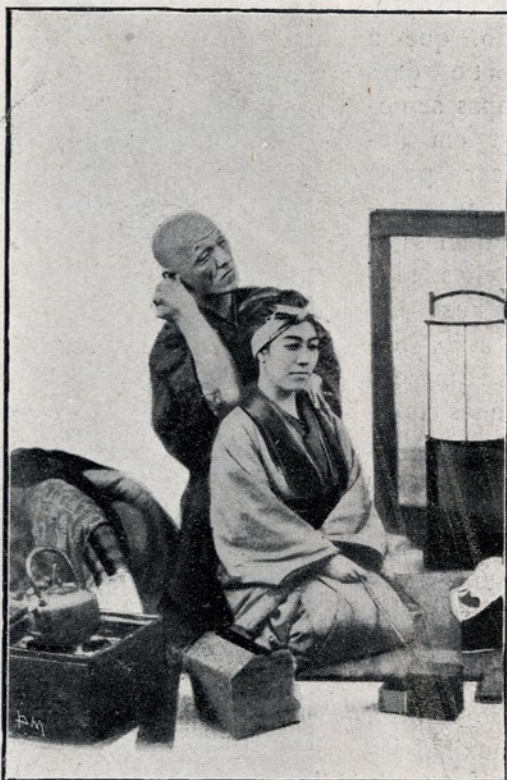
casinhas rústicas; e, por entre espessas verduras de arvores, onde por certo, em justificação do título do lugar, abundam ou já abundaram os salgueiros, e por entre rosas das florescências de *sakura* (a deliciosa cerejeira indigena), destaca-se o vulto grave,



OUTRA VISTA DO TEMPLO

todavia gracioso, do templo de Yanaghidani Kwannon.

Corro, commovido, ao templo. Mal guardo de memoria a scena, por estranha. Sobese uma longa escadaria de granito. Lá em riba, no adro, agglomera-se o povo, chegado, que chega, ou vae partir. Coisas santas, dispersas; lanternas de pedra, colossaes; a um lado, uma fonte de milagres, onde grupos de peregrinos, em mystico alvoroço, banham os olhos enfermos, ou enchem canudos de bambú d'aquella agua preciosa, que levam para



GEGO DE MAÇAGEM, EM EXERCICIO

casa. Um moço, de olhos achacados, pés nús sobre o lagedo, entoando litanias, anda á roda, antes corre, em torno do recinto, até completar, informam-me, cem voltas; implora, por aquelle modo, a piedade de Kwannon em seu favor.

A' entrada do templo escancarado, ardem, sobre um suporte, muitas pequenas vellas; quem chega atira um cobre, toma uma vella, accende-a e colloca-a junto ás outras. Dentro, é a reunião cahotica de altares, de imagens, de utensilios de culto; de incensos que fumegam, de jarras com flôres,

de europeis de adorno, onde a poeira poisa fartamente; os pombos do templo, sustentados pelo carinho dos fieis, acostumados á balburdia da turba, circulam afoitamente de um para outro lado, vôm de um altar para outro altar, rolando os seus amores.

Lá lobrigo, meio occultos pela penumbra do logar, em bando, ajoelhados em circulo sobre a esteira, os cegos, os zarolhos, os ophthalmicos, os remellosos; uns com grandes oculos verdes ou fumados nos narizes, outros sem oculos, patenteando sem rebuço os seus achaques. Resam todos, em côro, ladainhas. Um joven bonzo — bella figura de asceta, — em amplas vestes rituaes, acha-se ao centro, mãos erguidas, dando a medida ás rezas, regendo o cerimonial. Proseguem, interminaveis, aquellas ladainhas, n'uma cadencia hypnotisadora, que impressiona, que commove, ora em monotonias de queixumes, ora em gritos de desesperos, ora em clamores de fé nascente, ora em hosanas de glorificação; lembrando o som da voz, o som das vagas, no seu marulho eterno ao virem quebrar-se nas areias, ao longo das praias loiras... O mais curioso é que um rosario, de dimensões enormes, de muitos metros de comprido, com contas do tamanho de laranjas enfiadas n'uma corda, vae correndo entre os dedos dos devotos; uma camandula só destaca-se das outras em grandeza, quasi do tamanho de um melão; aquelle que a recebe faz uma grande reverencia, passando-a em seguida ao seu visinho.

Arranco-me a custo do logar. Quizera alli quedar-me tambem por longas horas, ajoelhado sobre a esteira, entre o bando dos devotos, cantando com elles ladainhas, passando-me pelas mãos as contas d'aquelle ro-



OUTRA VISTA DO TEMPLO

sario colossal, passando-me pelo espirito doces effluvios de zelos de proselyto...

Cá fóra, alguém me narra coisas varias com respeito aos clientes habituaes daquelle templo. Os enfermos acodem de todos os pontos do paiz; os que residem cerca véem pela manhã, retiram-se pela tarde, repetem

as visitas; os que vêem de longe alojam-se pelas hospedarias, onde passam longos dias, em magotes, pagando infimas pratas pelo sustento e agasalho. Muitos se curam, graças à excelsa misericórdia de Kwannon; outros melhoram; outros vivem na esperança.

Quanto aos cegos, é bem sabido que, no Japão, onde abundam, a cegueira é um mister, ou, mais propriamente, um predicado para exercer varios misteres. Sem já falar dos mendigos, que se agglomeram junto aos templos, nas quadras festivas, estendendo as conchas das mãos á caridade, ha os cegos votados á arte de maçagem; pullulam estes, em cidades e aldeias, fazendo ouvir, pela noite, o seu pregão, ou o melancolico assobio que soltam de uma flauta rustica, e o ruido do bordão a que se apoiam e com que tateam o terreno; a gente chama-os, dá uns cobres, confia o corpo fatigado á pressão, continuada e paciente, dos seus dedos adestrados. Ha ainda os cegos musicos, alguns de grande fama, professores emeritos, ouvidos nas casas mais distinctas; ninguem como elles sabe fazer transitar a alma aos dedos,

quando terem, tremulos de inspiração, as cordas dos instrumentos favoritos, o *biwa*, o *koto*, o *shamisen*...

No entretanto, nem todos os cegos japonezes encontram vocação para taes officios. Alguns ha, cuja sentimentalidade delicada, desapegando-se da existencia mundial, se encaminha a actos piedosos, á adoração dos

deuses, que tudo podem, que podem cural-os de seus males. pelo menos embalar-lhes o espirito em extasis, de grande consolação na sua profundissima desgraça. São os cegos d'esta ultima categoria — homens e mulheres — que frequentam Yanaghidani Kwannon. Curam-se alguns? Diz-se que sim. Todavia, outros, que não se curam, estabelecem-se nas hospedarias, por um anno, por dois annos, por toda a vida. Sentem-se bem alli, no ambiente beatifico, partilhando a disciplina religiosa com a inteira



CEGO DE MAÇAGEM, NA RUA

chusma dos devotos, alizando a pelle das mãos no continuo perpassar das grandes contas do rosario, commum a toda a gente. Vivem-lhes em treva os olhos; mas a alma, educada na pratica das preces e no convi-

vio do mysterio, adquire olhos tambem, com maravilhosos dotes de visão, contemplando, atravez do espaço immenso, Kwannon, na sua suprema apothéose! . . .

Ah, Kwannon, doce Kwannon, deusa da piedade e do perdão! . . . Retirando-me, lanço 2 *sen* (10 réis) a um bonzo do templo, encarregado da venda de amuletos; recebendo em troco um bentinho precioso, uma gentil imagem de Kwannon, ladeada de deuses defensores

Kobe, abril de 1911.

um dos quaes esmaga um demonio, poisando os pésinhos nús sobre a mystica flôr do lotus e estendendo os seus mil braços em todos os sentidos. A emotividade asiatica, arraigada ao realismo nas concepções, não podendo conceber a ideia sem a fôrma, traduziu praticamente a noção dos multiplícés dotes de benevolencia de Kwannon, dando lhe muitos braços, dando-lhe muitas mãos, que se alongam em benções, em multiplícés direcções! . . .

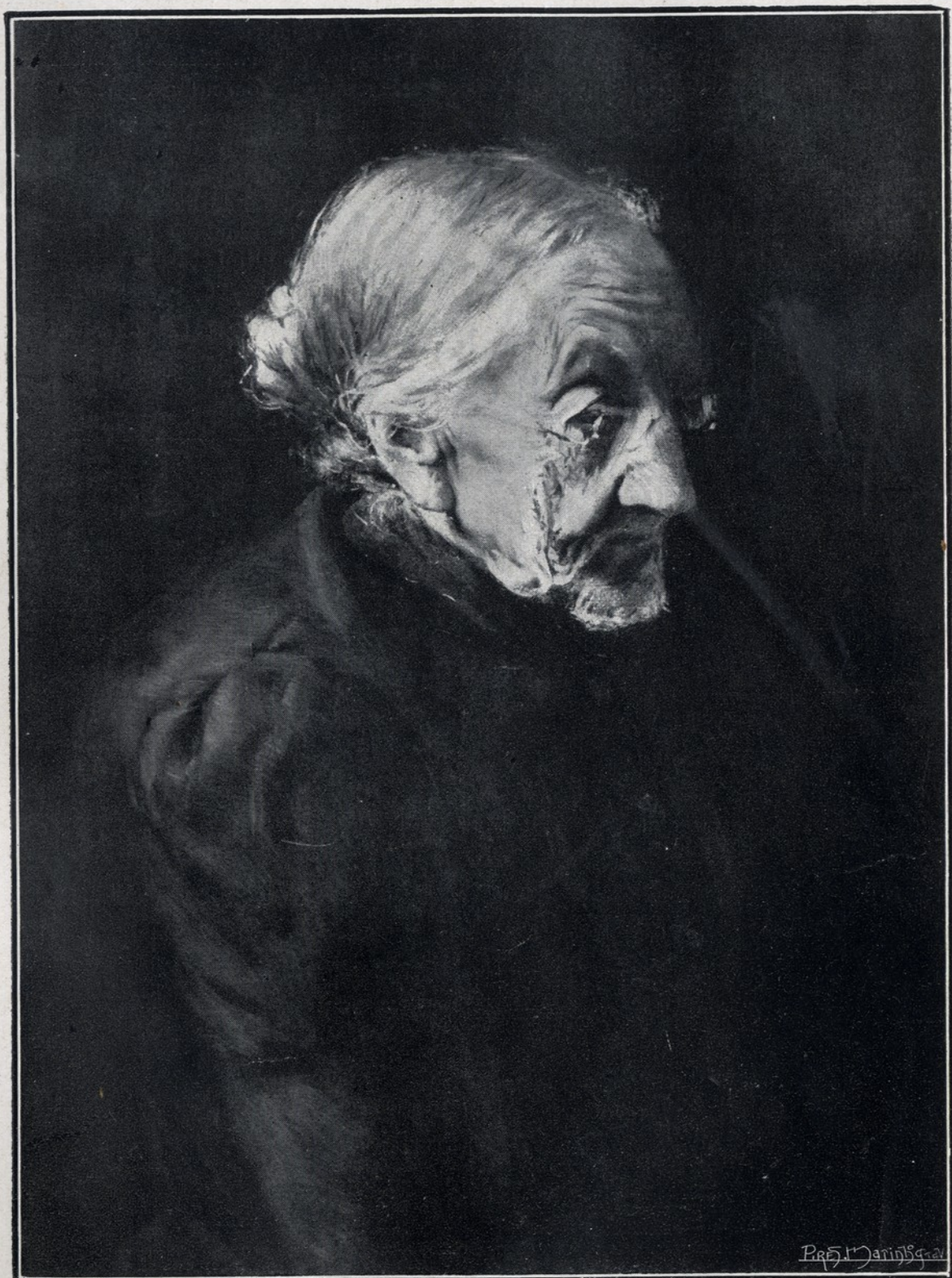
WENCESLAU DE MORAES.



寺谷柳西洛

KWANNON (COPIA DE UM BENTINHO)

Arte portuguesa



CARLOS REIS — RETRATO DA MÃE DO AUTOR



Os cães

NÃO ha a menor duvida de que o cão representa, como o — *mais fiel, e o melhor amigo do homem*, — (no dizer de Voltaire) um importante papel na vida da Humanidade. Defensores e guardadores da vida e dos bens de ricos e de pobres, unicos amigos dedicados até á morte e além da morte, os cães são, mais ainda do que os gatos, — os animaes domesticos por excellencia.

O cão vive na maior intimidade com o homem, e sendo por natureza e por adaptação, um animal intelligente e docil, o homem aproveitou-lhe as qualidades boas em seu serviço, empregando-o em mil mistéres da mais elevada valia, já confiando-lhe a guarda e defeza dos seus gados, das suas casas e das suas proprias pessoas; já aproveitando-o no salvamento

das victimas das neves e das ondas; já empregando-o na caça dos animaes bravios dos bosques e das serras; já na guerra ao inimigo, ou na perseguição e descobrimento dos criminosos; já usando-o nos trabalhos ligeiros, puxando carrinhos e ajudando os donos nas vendas ambulantes das ruas; já exhibindo-o nos circos, executando os crueis combates de cães, tão apreciados em Inglaterra, ou executando artisticos trabalhos acrobaticos e dando provas do mais curioso ensinamento, até ao cumulo do *cão que fala*, phenomeno ha pouco admirado pelas platéas da Europa.

Infelizmente o *cão que fala* constitue uma excepção obtida á custa de trabalho e ainda assim o *cão que fala* — fala tão pouco, que não póde confiar ao homem os seus pensamentos.



O CÃO QUE FAZ RECADOS

Além dos naturalistas, muitos litteratos de todos os tempos se occuparam com grande ternura e desvelo dos amigos e defensores do homem, tecendo-lhes os merecidos elogios e referindo-se nos seus livros á historia pormenorizada dos serviços intelligentes e assíduos dos cães, em geral, e aos feitos particularmente notaveis de certos cães, que por esse motivo teem direito a ser classificados na galeria, já muito extensa, dos cães celebres.

Cervantes, nos seus *Contos*, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas e outros fizeram aos cães amaveis referencias e por fim, alguns outros escriptores da especialidade lhes dedicaram livros, exclusivamente destinados a vulgarizar a historia mais ou menos anedoctica dos bons amigos da Humanidade.

Os fabulistas escolheram o cão para as suas melhores fabelas e apologos; os romancistas aproveitam sempre este dedicado animal para os seus enredos; os poetas cantaram a sua fidelidade, e nas sociedades modernas os cães são objecto d'uma criação e aproveitamento cuidadoso em *canis*, realisando-se exposições, onde se admiram exemplares notaveis; e, até os mais entusiasticos admiradores lhes erigem monumentos nas praças e ruas publicas e lhes consagram cemiterios especiaes, com amoveis e apaixonados mausoleus e epitaphios.

O cão selvagem, bravío, é já hoje exemplar raro no globo; em compensação o cão

domestico constitue quasi o commensal obrigatorio de todas as casas. Desde os mais remotos tempos da humanidade, quando o homem era ainda apenas caçador, agricul-

tor e pastor, o cão foi desde logo o amigo e companheiro necessario da tribu. Ajudava-o na caça, defendia-lhe as terras e os rebanhos, e em volta d'este fiel animal teceram os homens d'aquellas edades primitivas as suas lendas e tradições.

Symbolo da dedicação entre os hebreus e egypcios, onde sob a forma de cão se venerava o deus Anubis, ressurge nas velhas mythologias o cão Cerbero, de tres cabeças e tres fauces abertas e medonhas, guarda feroz das regiões infernaes. Hercules, o deus da força, quiz penetrar no Inferno, luctou com o horrendo Cerbero e dominando-o, acorrentou-o a despeito dos urros medonhos que o



PASTORA DA SERRA DA ESTRELLA COM O SEU CÃO

animal soltava. Assim nol-o conta Virgilio na *Eneida*:

*E Cerbero, o trifaucio e enorme cão,
Deitado, immenso, na caverna em frente,
Com uivos atordôa a região (1).*

Homero immortalisou a lenda do cão de Ulysses, unico que ao cabo de 20 annos de ausencia reconheceu o triste heroe no esfarapado mendigo. As lendas da Edade Media, pittorescas e infantis, ajuntaram-se ás

(1) *Eneida*, trad. de Coelho de Carvalho.

tradições dos primitivos povos pastores, que ligaram o nome de seu fiel defensor e guarda à nomenclatura dos astros, designando duas das formosas constellações, pelas quaes a terra perpassa na sua longa viagem na ecliptica, pelos significativos titulos de *Grande e Pequeno Cão*; sendo por este motivo *dias caniculares* ou *caniculas* os dias 23 de julho a 23 de agosto, em que succede esta passagem, caracterizada no nosso hemispherio pela quadra dos maiores calores estivaes.

Portanto, o cão tem nos annaes da Humanidade uma historia importante: — adorado no Egypto e na velha Roma, sob o nome de Anubis; venerado no Japão, na Ethiopia e na Noruega; astro brilhante do ceu; porteiro dos Infernos; guarda dos templos, do lar, das cidadelas e dos rebanhos; soldado e laborioso auxiliar do homem, o cão, seu companheiro e defensor, foi sempre o seu melhor amigo.

Do cão de guarda, que defende o homem, a casa, o rebanho e os bens, desde a caverna dos troglodytas e dos kraals africanos, são ainda hoje representantes legitimos, os mastins, os molossos, os *bull-dogues*, o nosso bello cão da Serra da Estrella, ou cão de lobo, acompanhando as pastoras nas quebradas das montanhas. E' elle o maior, o unico amigo do pastor, que confia no fiel rafeiro os cuidados do seu rebanho.

Alguns d'estes cães de guarda, como os *bull* e os *baixotes*, educam-se para caçar ratos e ratazanas, prestando relevantes serviços.

D'entre elles avultam porém o cão da

Terra Nova, valente salvador de naufragos, e o famoso cão de S. Bernardo, majestoso e bello, adextrado pelos frades do hospicio situado no cimo do monte denominado de S. Bernardo, nos Alpes, a salvar das tempestades da neve os viandantes transviados. Não tem já contagem o numero de pessoas salvas das ondas ou de sob as avalanches de gelo pelos cães benemeritos da Terra Nova e de S. Bernardo, alguns dos quaes tem a mais honrosa biographia e receberam os titulos, medalhas e caricias que tanto mereciam os seus extraordinarios serviços em prol da Humanidade.

As ruinas de Pompeia, exploradas moder-

namente, vieram revelar na ossada carbonizada de um perro, amigavelmente encostada á ossatura de uma creança, a historia romanesca e épica do celebre *Delta*, que tres vezes salvára a vida ao dono, e ainda por tal modo se dedicára ao filhinho d'elle, que até na morte o acompanhou, deixando na sepultura, em que as lavas afundaram ambos, a eterna memoria de tão commovedora fidelidade.

Amigo das creanças é deveras o cão, tão feroz com os extranhos, o mais manso, docil e paciente divertimento das creanças, cujas brincadeiras, por vezes inconscientemente incommodas ou dolorosas, elle supporta com carinhosa passividade. E, amigo da creança, o cão

é igualmente o amigo do pobre, do invalido, do cego.

Espectaculo igualmente commovedor o do cão do cego, preso por uma cordinha, guiando



OS ESQUIMÓS E OS CÃES

e conduzindo o infortunado dono através das ruas, levando-o ás lojas, aos sitios onde costuma esmolar a caridade dos transeuntes. E' o caso de *Fiel-o-molosso*, cantado nos bellos versos de Thomaz Ribeiro :

*Cego, tomava a saccola;
prendia ao fiel molosso
uma fitinha ao pescoço,
e ia assim pedindo esmola.*

*Quem deixaria de os ver
N'essas ruas mendigar?
o cão, tudo a acautelar;
o velho sempre a dizer:*

*«Desertei do meu trabalho!
agora... quero e não posso!
esmola ao fiel molosso,
que vale mais do que eu valho.» (1)*

Amigo do dono, ajuda-o tambem nos seus trabalhos. Junto do rude esquimó, ó cão substitue o cavallo, puxando os ligeiros trenós por sobre as extensas planuras dos gelos. O cão é alli uma providencia.

Algumas mulheres esquimós sustentam-os ao peito, com o proprio leite, como se filhos fôsem. Grandes e vigorosos, resistem como as rennas aos rigores da inverneira gélida do norte, e são, para aquelles povos selvagens, es cravos fieis e dedicados, sujeitos a crueis e duros trabalhos, a privações e maus tratos, bravios, bulhentos, obedecendo com mais docilidade apenas

ás mulheres que, menos selvagens, os aca-riciam e tratam, e conseguem por isso, só ellas, atrelal os sem difficuldade aos trenós, ainda quando desesperados pela fome. A brandura feminina vence a ferocidade d'aquelles animaes, que em tiros de 5 ou 6 arrastam as *telegas* russas ou os *trenós* siberianos. Estala o chicote, o cão chefe de fila obedece á voz do conductor; assim percorrem os desertos do gelo, atravez das frias e escuras noites das regiões polares, direi-tos ao seu destino.

Como animaes de tiro se empregavam anti-gamente em Paris, atrelados a carrinhos; vimol-os em Portugal puxando os carros dos amoladores ambulantes e vemol-os ainda hoje, em grande numero, na Belgica e na Hol-landa, arrastando pelas ruas os carrinhos do leite, do pão, dos legumes e das horta-licas.

Alguns, mais ensinados, fazem diversos ser-viços, vão ás compras com o ces-to ou carregam bal-des de agua, ou em-balam os berços.

Vêde agora o es-pectaculo de uma grande caçada na Edade Media, ou nos tempos contem-poraneos, em que numerosas matilhas de *galgos*, de *per-digueiros* adextra-dos e ligeiros acom-panham a batida ou a montaria, deante dos senhores e dos altos personagens, armados e equipa-dos para a caça. Le-vam-os egualmente os caçadores africa-nos na caçada ao leão e ás grandes feras do deserto.

N'um dos peque-nos livrinhos illus-trados da *Bibliothe-ca da Infancia* (o vol. IV — *No paiz do Leão*) descrevi



(1) *Sons que passam*, pag. 278.

o papel que os cães tomam nas perigosas caçadas ao *rei dos animaes*.

Nos centros civilizados porém, outro papel incumbe modernamente aos cães.

Antigos guardas dos presidios, vigiavam d'antes os escravos, como os molossos ferozes nas roças e nas plantações da ilha de Cuba, ou perseguiram os degredados das nossas colonias, quando estes procuravam evadir-se, para se escaparem ás agruras dos trabalhos forçados; hoje os cães tornaram-se nas grandes cidades preciosos auxiliares dos serviços policiaes.

O *cão da policia*, ensinado, adextra-do, accete em concursos de provas publicas, onde tem de provar a sua maior habilidade na perseguição dos gatinos e dos *apaches*, é a ultima palavra da historia dos relevantes serviços prestados pelos cães

á Humanidade. O cão funcionario publico, agente de segurança, constitue nos grandes centros, as brigadas de zeladores da segurança publica. Mas, ao lado d'estes benemeritos servidores do homem, outras brigadas apparecem — as dos alentados cães da Terra Nova e da Pomerania, que percorrem as pontes e as margens do Sena, tendo a seu cargo a salvação do grande numero de desgraçados que procuram suicidar-se, afogando-se nas aguas do rio.

Os cães de guerra, entravam outr'ora ar-regimentados, como na Grecia, na defeza das praças, na vigilancia dos exercitos. *Sotér* foi o celebre cão, que correndo a pôr em alarme os sitiados, conseguiu neutralisar

o ataque dos inimigos e foi proclamado — *defensor e salvador de Corintho*.

São honrosas as tradições guerreiras dos cães em todos os tempos e em todos os exercitos. Attestam-o bem alto os romanos e os gaulezes, as guerras Napoleonicas e os luctadores da campanha franco-prussiana.

Alguns demonstram igualmente affectividade e carinho para com os feridos acudindo-lhes e latindo por soccorro.

Adeante de um regimento em marcha, de envolta com o rapazio, lá vão sempre, correndo, os cães dos musicos e dos soldados, os *cães do regimento*, acompanhando os donos.

Das nossas campanhas de Africa regressou muitas vezes, com o dono querido, o cão do regimento. Casimiro Delavigne cantou, em magnificos versos, que ficaram eternamente cele-

bres, a fidelidade e o valor do famoso cão do Louvre. Dizia o poeta:

*Da batalha era o dia. O canhão trôa;
E o livre corre á morte, e junto d'elle
O seu cão vai;*

*A mesma bala ambos feriu; o martyr
Não deploreis; o amigo seu que vive
Só pranteai!*

Que diversidade de destinos!

Este, o cão heroe. Além, nas praças das villas e aldêas, o seu irmão triste supporta a vida de *saltimbanco*. E' o cão do pelotiqueiro, pertencente á misera familia dos *cães sabios*, que raras vezes sobem á gloria



A LEITEIRA FLAMENGA

de artistas, com a classificação graduada de *cães actores*, até ao mais elevado artista d'este grupo — o *cão que fala*, apresentado ha poucos annos na França, na Italia, na Inglaterra, em Portugal, pelo seu educador o brasileiro Gambôa, natural do Rio.

Vermouth, se chamava a maravilha, que muito de alto deveria olhar para os seus camaradas, que as agruras do destino levaram a figurar nos selvaticos e perigosos combates, em que grandes e fortes animaes d'esta especie, são açulados como luctadores de circo, em pugnas ferozes, até que, ensanguentados e dilacerados, algum dos contendores rola morto na arena.

O *cão vadio* é em compensação de tantos grupos de cães uteis e benemeritos, um flagello temivel de algumas cidades. Nas povoações do norte de Africa, em Constantinopla e noutras cidades turcas, o *cão vadio* é um mal caracteristico, acarinhado pela superstição mahometana. Lisboa teve-os em tempo não mui remoto, até á creação da *carroça dos cães*, medida ácerca da qual se travou rija polemica litteraria dos protectores dos cães, pugna em que tomaram parte Thomaz de Carvalho, Latino Coelho e outros (1870).

O perigo da *raiva* ou da hydrophobia, para que Pasteur achou a solução feliz, aconselha o exterminio dos cães vadios, entre os quaes apparecem, por vezes, é certo, typos notaveis, verdadeiros *typos das ruas*, como foi entre nós o celebre *Price*, o *cão do Chiado*.

Amigos e bons amigos entre os homens, contam-os os cães em grande numero. Uns acarinhos-os e recebem-os; outros levam

taes a favor d'elles campanhas acerrimas, como os que ainda ha pouco (1906) ergueram em Londres uma estatua, em Battersea Park, á memoria de um cão, supposta victima das experiencias e estudos dos laboratorios bacteriologicos; outros erigem-lhes sumptuosos mausoleus nos cemiterios especiaes para cães, existentes em Londres e em Paris.

Alguns grandes amigos intellectuaes dos cães os adoravam com singular predilecção; Walter Scott e Dumas mettiam sempre nos seus romances algum personagem celebre da familia canina; Bismarck era sempre retratado com o seu grande cão; Castilho estava cercado pelos seus cães favoritos nos seus gabinetes de trabalho; o distincto medico Gama Pinto percorre as ruas com os seus bellissimos exemplares caninos.

Mais largamente coordenei, n'uma desprezenciosa compilação vulgarisadora, as qualidades interessantes do bom e fiel amigo do homem n'um pequeno volume illustrado — *Os Cães* — vol. VII da *Bibliotheca da Infancia*, de que sou o director litterario, volume do qual, por obsequiosa concessão do editor, se extrahiram as gravuras que acompanham o presente artigo.

O animal que ajuda, defende e guarda o homem, que o salva em grandes perigos, que vigia os malfeitores, acaricia e ampara os nossos filhos pequenos, que conduz os rebanhos, ajuda o caçador e persegue as feras é tão digno da nossa amizade sincera, da nossa protecção e valimento, como o servo e o escravo, o ignorante e o fraco, a creança e a mulher, todos esses entes desprezados pelas civilizações antigas e bafejados hoje pelo espirito vivificador da Democracia.

VICTOR RIBEIRO.





A VEDAÇÃO DE TABOAS

O concurso hippico de maio



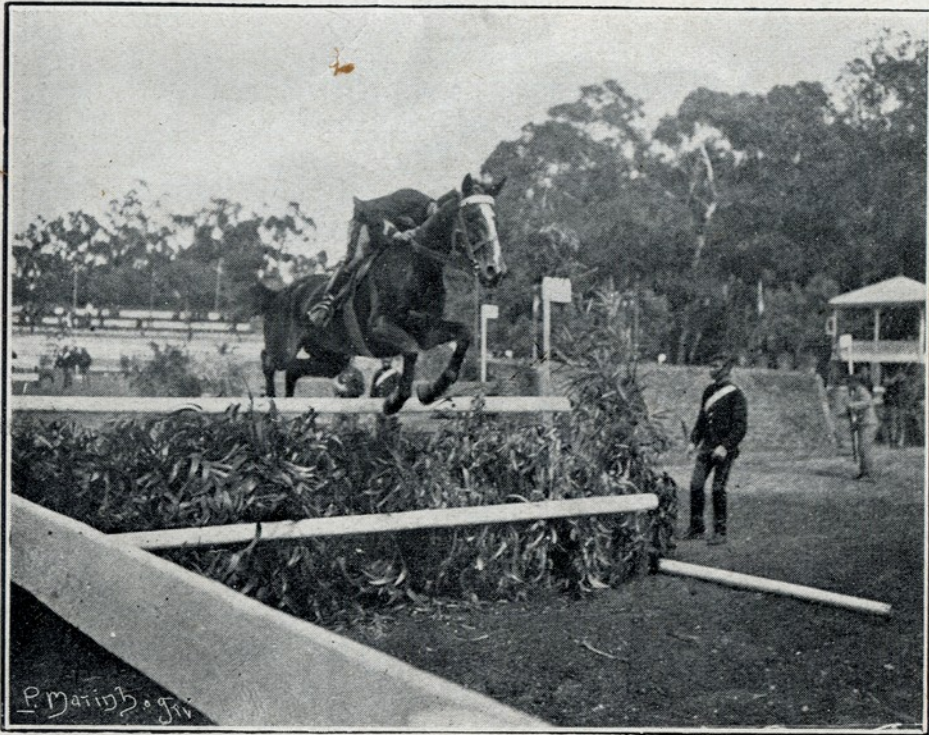
OM extraordinario brilhantismo e interêsse sempre crescente da parte do numeroso publico, que accorreu á elegante pista de Palhavã, se realisou o grande concurso

hippico promovido pela novel *Sociedade Hippica Portuguesa*, tendo-se nelle innegavelmente affirmado as magnificas qualidades dos portuguezes, como cavalleiros de brilhantes dotes, nas duras próvas disputadas a alguns dos mais conceituados *gentlemen riders* estrangeiros, e nas quaes estes, apesar do seu reconhecido *savoir faire* e não desmentida alta qualidade das suas montadas, não conseguiram arrebatara aos nossos,

as primeiras classificações nos percursos disputados.

Forão apresentados, alguns muito bons cavallos, habilmente trabalhados, tendo o publico premiado com numerosos applausos as *performances* exigidas pelos seus cavalleiros.

Foi com legitimo orgulho que constatámos o quanto entre nós se tem progredido, a maneira como se tem conseguido vencer dificuldades e executar próvas, que até ha pouquissimo tempo, no nosso meio sportivo, eram consideradas phantasias irrealisaveis, e como em successivos, constantes e rapidos progressos, conseguiram os cavalleiros portuguezes com insano trabalho collocar-se a



TRANSPONDO O ÓXER

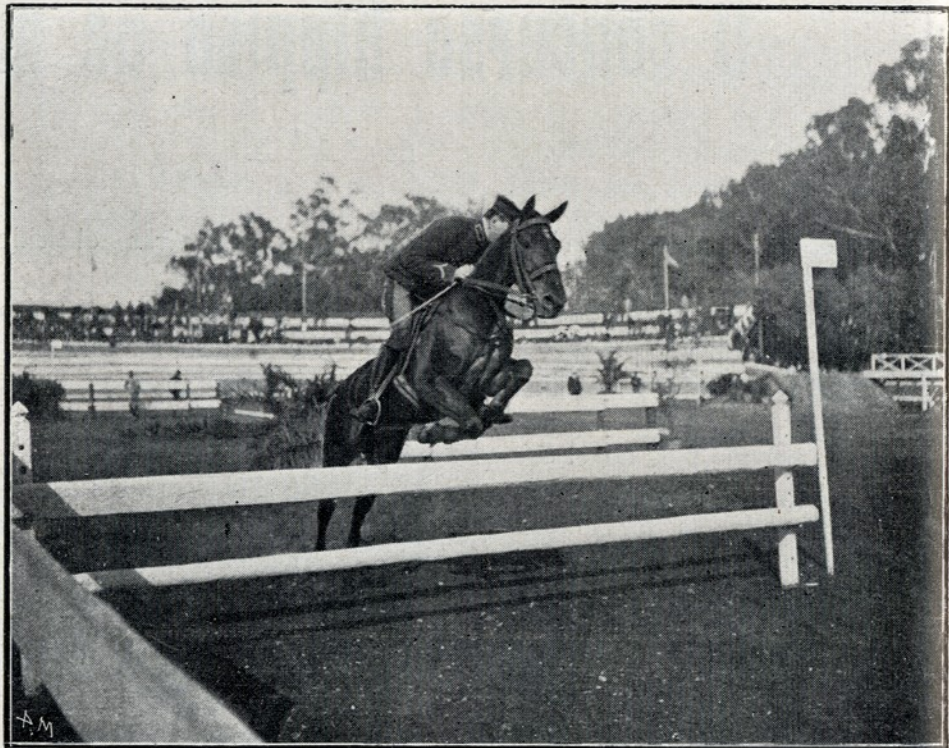
pár d'aquelles que providos de magnificas e numerosas montadas, mais e melhor têm conquistado em identicos *certamens* os primeiros logares.

Se ajuntarmos a estes brilhantes, não sophismaveis resultados das classificações. a correcção e serenidade que alguns, bastantes já, dos nossos concorrentes souberam manter constantemente durante as próvas, a sua impetuosidade reflectida no atacar dos obstaculos e a vertiginosa, calculada velocidade em que os percursos fôrão executados, teremos assim, e especialmente por estas razões, justificado o orgulho com que avançamos o pensarmos que em

Portugal actualmente, se pratica a equitação n'um grau sufficientemente elevado, que não temos já de que nos arreceármos para os cavalleiros portugueses, do seu confronto com os das demais nações europeias.

De lastimar é que sejam na generalidade de uma muito inferior categoria as suas montadas, as quaes tem tido comtudo o mérito de terem comprovado, quanto a boa vontade, coragem e persistencia, isto é um *trêno* cuidadoso e racional, pôde realizar, embora em animaes cujas qualidades dominantes (se qualidades tem) não são por certo o poder e a elasticidade tão necessarias para a pratica d'esta equitação.

Um salto de barra (1.ª fase do salto)



UM SALTO DE BARRA (1.ª FASE DO SALTO)

UM SALTO DE BARRA (2.^a FASE)

Constavam os percursos da transposição por determinada ordem de varios obstaculos, de frente approximada de 5^m e collocados em terreno plano, preparado, sendo o numero, dimensões e natureza d'aquelles, variaveis com a importancia das provas a prestar; alguns de execução bastante difficil e demandando da parte dos que os tinham de transpôr, um cuidado *entrainement* e decidido arrojado afim de serem transpostos.

Como obstaculos de terra eram notaveis pelo esforço exigido ás montadas, a *passagem d'estrada entre banquetas*, composta de duas banquetas de 1^m,50 de alto, distanciadas 10^m e com os taludes

sobremontando pequenos muros de 0^m,60 d'alto, e que nos facultou o prazer de ver dar alguns esplendidos saltos, e o *oxer* que á altura de 1^m,30 a que estava a vara superior e espessura de 2^m, tambem já constituia um grosso obstaculo.

A magnifica factura dos varios saltos, o

na inclinação de $\frac{3}{4}$, bem como a *banqueta de Lisboa*, de 3^m de alto, que por qualquer dos lados que tivesse de ser atacada, só á custa de muita energia e aproveitando a velocidade adquirida, seria convenientemente executada.

Entre os outros, destacavão-se a *ria entre varas*, composto de duas barras collocadas horisontalmente á distancia de 2^m e altura de 1^m,10,

UM SALTO DE BARRA (3.^a FASE)

bem cuidado da pista e a elasticidade das superficies em que os animaes tinham de se receber, em muito facilitaram o bom resultado attingido, reduzindo ao minimo os riscos de accidentes, que pudessem sobrevir aos concorrentes e suas montadas.

Entre nós, até ha bem poucos annos se não praticava a equitação dita *de exterior* para quasi nos limitarmos á execução de varios, ás vezes difficeis trabalhos de pica-

quitação d'exterior), não a possuímos, sendo comtudo corrente geral, a approximação da *Escola de Caprilli*, praticada pelos italianos.

Assim, o assento de sélla dado do joelho pelos musculos da côxa, especialmente dos que são postos em acção pela fixação d'aquelle e esforço para baixo do calcanhar, o estribo curto, o punho baixo, o corpo avançado, e assim mantido durante a 3.^a phase do salto (descenção), a elasticidade



ATACANDO UMA BANQUETA (1^m,60)

deiro; porém com a ida d'alguns dos nossos officiaes a concursos no estrangeiro, as ideias de lá trazidas e a muito boa vontade de attingir aquelles, que quando em confronto comnosco tão facil superioridade mostravam, conseguiram formar a brilhante pleiade de concorrentes que já hoje constituem um motivo de orgulho para os nossos sentimentos.

Escola d'equitação, com caracteres definidos communs a todos os cavalleiros, ainda (certamente devido á pratica recente d'e-

do braço, que faz a mão acompanhar os movimentos da cabeça e pescoço do cavallo, afim de não impedir os movimentos naturaes que o animal necessita fazer para manter o seu equilibrio, taes são as características apresentadas pela grande maioria dos nossos noveis concorrentes, conforme se pôde verificar nas fotografias que publicamos.

A' comissão organisadora dos percursos, diremos infantis, da tapada d'Ajuda, ao Ex.^{mo} conde de Fontalva, ao ex-commandante da Escola de Cavallaria Ex.^{mo} coro-

nel Ilharco, ao Turf-Club e por ultimo á Sociedade Hippica Portugueza, damos pela ordem d'antiguidade d'esforços os nossos sinceros parabens, pelos fructos optimos que brotaram da sua rude e tenaz campanha, em favor do recente rejuvenescimento do hippismo em Portugal.

Nos mesmos dias se realisáram tambem concursos de obstaculos para discipulos (menores de 18 annos), amazonas, apresentação de cavallos ou éguas de sélla ou carro, e apresentação de equipagens.

Apesar de, na epocha actual, o motor mechanico chamar attentões e capitaes, que sem elle seriam empregados em rivalidades de bom gosto e ostentação na apresentação de equipagens, figuraram comtudo no parque de Palhavã algumas bellas carruagens tiradas por soberbas parelhas, pertencentes

a alguns dos mais abastados proprietarios de Lisboa.

Pena foi que reduzido fosse o numero de carros apresentados, inferior bastante ao existente, mas que a ausencia, fóra, dos seus proprietarios, veio justificar.

Um dos dias do concurso, o segundo, estava incluido no programma dos festejos que a cidade offereceu aos touristes estrangeiros que a vieram visitar, tendo estes assim tido occasião de assistir a uma das festas elegantes com que Lisboa na estação radiosa da sua primavera costuma engalanar-se.

E endereçando as nossas felicitações á commissão organisadora do *concurso hipico* pelo seu alevantado emprehendimento e feliz successo, lhe desejamos novos concursos e menos difficuldades no áspero mas brilhante caminho encetado.

F. DE L.



TRANSPONDO O VOL-PUM



O credito, alavanca da agricultura

Sobre uma area productiva que deve exceder 7.000:000 de hectares, exerce-se actualmente em Portugal a actividade agricola de 1.406:054 trabalhadores de todas as cathogorias, que extrahem d'essa superficie «sobre a qual radia a intensa energia do sol meridional, correm ós maiores rios da peninsula e se radica uma flora util de grandes recursos, susceptivel de grande aperfeiçoamento», um producto bruto de cerca de 200.000.000:000 réis. Corresponde este valor, em numeros redondos, a 28:500 réis por hectare agricola e a 142:000 por trabalhador. E' uma producção muito fraca, sobretudo se attendermos a que os preços de venda da maioria dos generos agricolas que apresentamos ao commercio são muito superiores em Portugal aos dos similares no estrangeiro.

As palavras que encimam este artigo, extraio-as d'um notavel trabalho do illustre professor Sertorio do Monte Pereira, do Instituto Superior de Agronomia, um dos homens que mais a fundo conhece os problemas complicados da economia agricola nacional. Por ellas se alquilatam, bem nitidamente, as condições de inferioridade em que nos achamos em face do commercio mundial, relativamente aos paizes que bem se pódem chamar as *grandes potencias agricolas*, como a Italia, a França e a União Americana.

Em breves traços, o mesmo engenheiro agronomo passa seguidamente em revista, com uma clareza perfeita, as causas que nos collocam nessa tão desfavoravel situação.

«E' a secura exhaustiva do clima e a sua irregularidade — a inferior percentagem da area productiva submettida ás culturas annuaes — a *carestia do capital*, que obriga o agricultor portuguez a restringir o mais possivel as despezas — as nossas combinações culturaes — talvez uma adaptação defeituosa d'essas culturas — a depressão das qualidades productoras das variedades cultivadas — o exclusivismo cultural — a organização agraria do paiz — tudo factores, modificaveis felizmente, da exiguidade da producção. Mas a simples correcção da secura do clima pela irrigação, e uma organização agraria e bancaria que convidasse e facilitasse o capital ás collocações agricolas, permittiriam mudar inteiramente, e em breve, este aspecto deprimente da agricultura nacional.»

E' este um facto, que poucos evidenciariam com uma tal nitidez, mas de que raros não terão tido ensejo de verificar a exactidão. Por todo esse paiz, sobretudo nas provincias do centro e sul, requeimadas por um sol violento, a agua falta, o trabalho biologico da vegetação é penoso e lento, a criação do gado reveste-se de difficuldades de toda a ordem, as fructas e os primores horticolas não encontram condições que auxiliem o emprehendimento da sua tão rendosa exploração, os milhos escasseiam, a cultura lucrativa da batata é ardua e relativamente limitada. Demais, á escassez reune-se o mau aproveitamento — ou o conhecimento imperfeito das riquezas hydrologicas subterraneas.

A nora mourisca, vagarosa e fatigante para o gado, o rudimentarissimo cambão, a cegonha, o chadufeg das margens do Nilo, depaeram-se-nos por todos os campos portuguezes, labutando com uma serenidade virgiliana, que encantaria Ruskin, mas que nada tem de commum com os processos modernos, scientificos e industriaes, de irrigação e elevação das aguas.

E' esta a questão complexa, decisiva para o futuro agricola da nossa terra, de ha tanto debatida, e em tão grande parte resolvida na Italia, em diversos estados

americanos, no Mexico, e em tantos outros paizes, muitos d'elles bem comparaveis ao nosso pela feição da sua economia agricola.

Ao mesmo tempo, outro problema se ergue, cuja prompta solução se impõe mais terminantemente ainda: o do *credito agricola*.

De facto, a terra, em Portugal, é uma materia prima com qualidades de molde a permittir uma larga e ampla utilização, desde que sobre ella incidam os methodos racionais de exploração. O trabalho portuguez, mesmo desacompanhado, como é, da educação professional e technica e da utensilagem necessaria, affirma-se como um dos mais valiosos da Europa. Sobrio como um arabe, alegre como um andaluz, rude como um suevo, o trabalhador dos nossos campos é d'uma resistencia physica que assombra. Por vezes a lide, quando aperta a urgencia de terminar uma ceifa, uma debulha ou uma pisa, prolonga-se durante dezeseite horas; e quantas vezes, após um dia passado numa sacha ou num

alqueive, o jornaleiro trabalha de noute, com desvelado apuro, na geira de terra



TRABALHADOR DO ALEMTEJO

Poucos trabalhadores do mundo terão tão admiraveis qualidades como o operario rural portuguez. Sobrio, robusto, energetico, resistente, o nosso camponês merece bem uma educação professional á moderna, e sobretudo o auxilio do *credito agricola*, que o defenda da avidez da usura.

que lhe rodeia a modesta e acanhada casa!

Em opposição, porém, com a boa qualidade d'estes dois factores da producção, o terceiro, o *capital*, é apoucado e difficil de obter. Além de diminuto, furta-se ás collocações agricolas, cauteloso em excesso, ou, se se offerece, é em condições a bem dizer inabordaveis. Melhoramentos fundiarios, ré-modelações nos predios rusticos, aquisições de machinas, de adubos, de padreadores, tornam-se de difficultosa ou impossivel execução. E, para as necessidades urgentes, inadiaveis, que quasi diariamente se ante-põem ao pequeno lavrador, apenas um remedio se depára, mais perigoso ainda do que o proprio mal: o recurso á usura, que não deixa de intervir, sempre que as condições de vida de uma população se aggravam.

«A não ser nos districtos do Minho, escreve o sr. D. Luiz de Castro, «os juroz sóbem a vertiginosas alturas, d'onde cahem sobre grandes, médios e pequenos lavradores, inutilizando-os, arruinando-os, esmagando-os...

Mas sobretudo soffre o humilde, o misero trabalhador de enxada, proprietario ou rendeiro, o que dá a mão d'obra ao remediado e ao abastado, aquelle sem o qual estes não poderiam cultivar, sustentar-se, pagar impostos; o rude camponez, por quem tão pouco olham e de quem tão pouco tratam, esses mesmos a quem elle com os seus braços fornece desde o pão nosso de cada dia, e d'ahi até ao superfluo.

Para elle está em cada feira, em cada aldeia, e dizem que até nos presbyterios, o mais feroz dos agiotas...

Pois bem, é este o *pequeno credito agricola* que se encontra nos campos de Portugal! E' o que offerecemos á miseria, á actividade, ao trabalho, ás virtudes do nosso trabalhador do campo!»

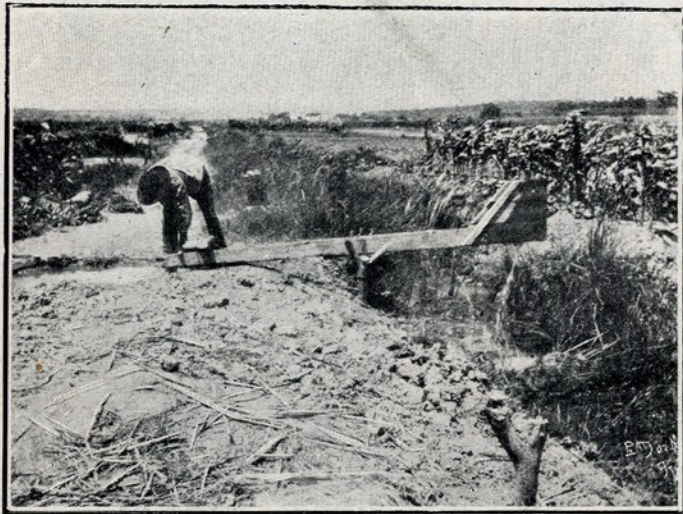
Para completar este energico traçado, bastará dizer que no districto de Faro a taxa máxima dos juroz mutuados á lavoura se eleva a 50 0/0. No districto de Bragança attinge a enormidade de 75 0/0! Quer dizer, a seguir á Russia, onde em certos pontos se exige 100 0/0 de remuneração annual para o capital empatado, é Portugal o paiz onde

mais afincadamente se radica esta escravidão economica, tão insultante para um povo que sempre teve a Liberdade como a sua maior riqueza!

Bem terminantemente se manifesta até que ponto se torna indispensavel a criação d'uma fórmula de credito adequada ao meio agricola, baseada no interesse, é claro, mas assente sobretudo nos nobres e generosos principios da Solidariedade. Fornecer

capital a juro modico — a longo praso — a individuos de solvabilidade garantida — e que se fiscalisem uns aos outros — taes são os fins e os fundamentos d'esse typo de credito, bem individualisado, bem á parte dos demais, denominado *agricola*.

Para o pôr em jogo, é necessario um agente, a que a agricultura moderna deve a sua magnifica prosperidade, mais do que a nenhum outro — a Associação. A obra associativa rural tem sido admiravel em todos os seus ramos, e isso justifica a sua formidavel expansão. O syndicato, a cooperativa, e por ultimo a caixa de credito agricola teem vitalisado a lavoura de todo o mundo,



Os processos usados em todo o país para a captação das aguas são d'um vivo pittoresco, mas revelam um atrazo enorme. No Algarve, onde os arabes deixaram tão marcadas as suas tradições, são osapparelhos mouriscos, de veneravel memcria, que ainda mais geralmente se usam.

impulsionando-a na sua triplice evolução scientifica, industrial e commercial. Revestindo-se de variadissimas fórmulas, sempre de character local, mas unindo-se, quando é preciso, em poderosissimas aggremações, todas essas cellulas se consolidam, se multiplicam, actuando de dia para dia com uma intensidade maior. 5.000 syndicatos na França, 15.000 caixas de credito agricola na Allemanha, milhares de cooperativas de producção, transformação e venda de generos

ponês. Conseguido assim este ideal — pôr á disposição da agricultura nacional uma das mais pederosas alavancas que a pôdem impellir com vigor para o progresso — o caminho para o resurgimento será bem mais breve e mais desafogado.

De resto, da abundancia do indice *capital*, das qualidades a desenvolver na raça, de iniciativa e espirito associativo, depende essencialmente o nosso futuro. Com a transformação da agricultura, a pequena explo-



O trabalho — esse trabalho «que em Portugal parece a mais segura das alegrias» torna-se repetidas vezes d'uma violencia extraordinaria. Nas ceifas sobretudo, debaixo do ardentissimo sol do estio, a resistencia tradicional da nossa grey operaria dos campos vê-se submettida a uma dura prova.

agricolas — eis alguns algarismos, que, mais que todas as propagandas, pôdem revelar, da maneira mais absoluta, a triumphante virtude da Associação.

E' pois a organismos solidarios simplissimos, de construcção e funcionamento facil, operando com prudencia e criterio, ligando todos os interesses sob a ideia do auxilio mutuo, que pertence movimentar as sommas que o Estado forneça ou que os particulares se decidam a empregar em collocações de character agricola, offerecendo-as á iniciativa, ao labor, á actividade do nosso cam-

ração, uma vez isolada, está condemnada a desaparecer, como nota Vandervelde, em presença das grandes empresas agrarias que assumem uma importancia cada vez maior, á medida que se apuram os processos technicos. Simplesmente, ha maneira de resolver a questão: a união entre os pequenos proprietarios, pôde, sem lhes fazer perder nada da sua independencia, constitui-los em organizações fórtes, dispondo de quantias avultadas, capaz de empregar as mais completas machinas, e de utilizar os mais delicados processos.

D'estas duas grandes correntes paralelas — formação de grandes empresas particulares e agrupamentos cooperativos de pequenos productores — nasceram as officinas grandiosas de fabrico de vinhos que hoje funcionam na Algeria, as magnificas leitarias de Dinamarca, as installações de aspecto industrial que hoje preparam os azeites, debulham os cereaes, preparam as carnes dos animaes de talho, os armazens monumentaes, os *elevators*, etc. A esses empreendimentos

está reservado o futuro; a concentração dos capitaes — sejam elles sommas importantes ou peculios minusculos — e a união dos esforços decidirão do successo na lueta economica. E os países que se não souberem associar, serão infallivelmente esmagados nesse combate. Por isso a Cooperação, outr'ora um simples instincto, impõe-se hoje como um dever, entre todos os homens d'uma mesma patria. Mais tarde, como o annuncia Luzzatti, sê-lo-ha para a humanidade inteira.

R. F. MAYER.



Noite de pandega

A primeira vez que o encontrei foi no comboio. Ia eu para a repartição com o Tanner, meu amigo, no mesmo compartimento, e defronte de nós ia um sujeito, um arganaz de cabeleira comprida, e barbas idem, côr de cidra, com ares de quem estava em convalescença de um ataque de ictericia.

Acenou com a cabeça ao meu amigo, e fez uma observação, a que elle respondeu com outra, e eu meti a minha colherada, e generalizou-se, por assim dizer, a cavaqueira; nem por isso ia muito animada, e eu, a matutar com os meus botões, se o typo já estava de todo bem do tal ataque de ictericia. Creatura mais azeda nunca eu havia tido o prazer de encontrar. Era eu abrir a bôca, e elle como se me quisesse tragar em vida.

Não me parece que seja acção propria de um cavalheiro chamar tolo a outro cavalheiro, méramente lá porque as opiniões do sobredito não são identicas, más ou boas. Pois foi o que elle me chamou. Fiz apenas uma observação, visando um assunto geralmente tolerado e como que entrando no dominio da politica commum, eis que o sujeito, crescendo para mim, me pespega, alto e bom som:

«Não seja tólo, seu pimpólho!» E accrescentou, insolentissimo: «Se tivesse que limitar-se a falar daquillo de que pesca alguma coisa, estou que nunca abria a bôca». Eu, já se deixa ver, não sou cara que engula uma piada daquella força, sem obrigar o sujeito a provar a alegação.

De modo que, zás, piada por piada, desfechei-lhe o seguinte:

«Em lugar de estar para ahi a estafar a lingua, eu, se fosse o senhor, apeava-me do comboio, e ia cortar o cabello.»

Amarello, disse eu, mas assim que eu lhe larguei a laracha, era vê-lo: estava côr de abobora menina. A impressão geral em todo o compartimento, é que ia dar-se qualquer scena desagradavel; que elle, lanzou o que quer que fosse parecido a «pregar-me com os ossos na linha ferrea, interveiu porém o amigo Tanner, e como os ares continuassem um tanto turvos, não se deu caso que mereça menção. Ainda assim, quando nos apeámos na Estação, não se pode dizer que fossemos em termos de absoluta cordialidade.

Calcullem pois qual não seria o meu passo, quando, havendo-me apartado do meu amigo, me alcançou no caminho o nosso escalpirra, acerta o passo pelo meu, como se levassemos o mesmo destino, e pespega-me:

«Correu animada a cavaqueira, lá no comboio, não acha?»

Eu não podia afirmar que abundava nas suas ideias, mas, ignorando os motivos que o levavam a asseverá-lo, cingi-me a responder.

— Estimo que lhe agradasse.

— E' claro que me agradou, retorquiu.

— E tanto, que annos que eu viva, jámais a esquecerei. Que eu, para um certo numero de coisas, tenho optima memoria, — uma memoria como poucas haverá; e o facto de o ter encontrado, e trocado dois dedos de cavaco com o meu nobre amigo, não é fácil varrer-se-me, meu caro senhor... não tenho o prazer de saber a sua graça.

— Briggs, é o meu apellido. — Sou Briggs, e tenho muita honra nisso.

— Ora essa! Pois não! O amigo é uma pessoa notabilissima, senhor Briggs, — uma das pessoas mais notaveis que me foi dado encontrar — e é pelo facto de ser tão notavel, que eu desejo dever-lhe um favor.

E eu a deitar-lhe o rabinho do olho; a dar-me manteiga, ora o figurão!,... cheirou-me a encosto — e caso é que a cara não o ajudava; tratei de me ir pondo de capa.

— Depende do que fôr, repliquei.

— Desejo convidá-lo para uma noite de pandega.

Fiquei achatado de todo: depois do que entre nós se passara, o caso não era para menos.

— Agradeço como se aceitasse, mas dá-se um obstaculo, aleguei, e vem a ser que ignoro com quem estou falando; que nem lhe sei o nome, nem onde mora, e o mais, na proporção.

— Isso nada faz ao caso, impugnou o typo, — nem por sombras — e muito menos para um individuo como o senhor. O que eu lhe queria pedir, era que apparecesse esta noite em Hackney Downs, Villa das Violetas, n.º 44, e perguntasse pelo senhor Macfarlane, e tenha a certeza de que ha-de ser recebido como nunca alguém o recebeu, vae passar uma noitezinha de regabofe, que difficilmente ha-de esquecer.

— Em summa, eu, effectivamente, esta noite não tenho destino...

— Posso então contar com o meu amigo — uma patuscada de arromba, ora verá! — Sociedade notabilissima — damas e cavalheiros; uma dellas, muito em especial — uma creatura portentosa. Que o meu nobre amigo só pode ser devidamente apreciado por uma dama; e verá que o vae ser, amigo e senhor Briggs, isto não desfazendo de modo nenhum na amabilidade dos cavalheiros. Então? vá, diga que sim.

— Visto que tanto insta, na verdade. — Faz favor de me repetir o nome?

Saquei da carteira de lembranças.

— E' isso mesmo, assente-o na carteira, para se não equivocar. — Macfarlane — Villa das Violetas, 44 — Hackney Downs.

— A que horas?

— Eu lhe digo: depois das sete, a qualquer hora que lhe convenha.

Mas veja lá, não se demore, que a pa-

tuscada principia ás sete, em ponto, e é pena se não assistir ao principio.

Prometi que não faltava, e o prometimento era sincero. Estava-me pulando o pé para o regabofe — confesso o meu fraco. — E dahi, elle instava tanto comigo!

A' despedida trocámos um aperto de mão, como eu estava longe de antever, quando elle ia sentado em frente do meu amigo Tanner. Mais uma prova, disse eu comigo, apressando o passo, pois já ia um tanto retardado, de que não ha meio de adivinhar a indole de qualquer individuo, á primeira vista.

Sucedeu haver pouco que fazer na repartição, e portanto, pude sair cedo, e como tivesse tempo de sobra, fui a casa mudar de farpéla.

Uma volta para aqui, outra para acolá, já eram mais que horas quando tornei a pôr o pé na rua, e como eu tivesse pouco conhecimento daquelles sitios, cheguei a Hackney Downs mais tarde do que suppunha; e quando lá me achei, mal sabia onde estava. Ninguém me sabia dizer onde ficava a Villa das Violetas. E eu já meio arrependido de ter calçado as botas novas.

Estão justinhas, lá isso estão. Um sujeito dizia-me que lhe parecia que era para aquelle lado; e depois de eu ter apanhado uma estopada, outro parceiro declarou-me que lhe parecia ser para o lado opposto, e lá apanhei eu nova estopada; apuradas as contas, ainda nem sequer estava orientado, e já ia andando a pé-coxinho.

E quem me diz a mim que não será partida, que o typo me quiz fazer? reflecti — mas se a coisa se prolonga, passo-lhe o pé e meto-me em casa.

E a bota do pé direito cada vez a parecer que encolhia mais; tive que me amparar a uma grade de ferro, para aliviar o pé. Eis que passa um sujeito já edoso.

— O cavalheiro não me saberá dizer para onde fica a Villa das Violetas?

E elle a varar-me com os olhos, como se quisesse ficar-me conhecendo, quando me tornasse a encontrar.

— Venha comigo, respondeu — Sabe ler?

— Está visto que sim, repliquei.

Apontou-me para a parede.

— Olhe para ali; V-i-vi, l-a, la, Villa; d, a, s, das; V-i Vi, o; l, e, le, t, a, s, tas,

Violetas. Para outra vez, sirva-se dos olhos, meu menino.

E elleahi vae, sem me dar tempo a dizer-lhe «muito obrigado»; que, tambem, pouco se perdeu. Mais para além, estava um policia. Que eu, se querem que lhe diga, não vou lá muito com policias, geralmente falando; não os considero um modelo d'intelligencia. Quer sim quer não, fui ter com elle.

— Camarada, saber-me-á dizer onde móra o senhor Macfarlane?

— Guilherme Macfarlane?

Arrebitei ao ouvir aquillo; ainda ha policias com caco, no fim de contas.

— Vê aquelle predio? E' ali que elle móra — naquella casa com os postigos vermelhos. — Chamam-lhe por aqui a *Casa assanhada*, e verá que não é sem motivo, visto que vae para lá.

Olhou para mim, a rir, e meteu rua abaixo, ás patadas, ou elle não seria policia; e eu ás aranhas, sem saber a que é que elle acharia graça. Mas não tenho outro remedio senão confessar, ainda assim, que as palavras e os modos do patusco me deixaram aprehensivo, um pouquinho. A Casa assanhada — disse elle? Casa assanhada. O titulo nem por isso era muito atrahente, pois não acham? Fiz mal em o não preguntar ao policia, lá isso fiz, e ainda estive, vae não vae, para o chamar. Andei mal, em não lhe puxar por a lingua.

Porque eu, apuradas as contas, não sabia quem éra o tal espilracanivetes; e lembrando-me da impressão que me fizera, ao dar com os olhos nelle, lá no comboio, e as observações nada agradaveis com que me mimoseou, palpitou-me, assim a modos, que teria sido melhor não lhe aceitar o convite para a tal noite de pandega. Ao mesmo tempo era asneira não tentar a sorte, tendo aliás palmilhado meia Londres, lá por causa das baboseiras do policia.

Fiz tenção de contar o caso aos patuscos, para se rirem á custa do representante da autoridade. Subi pois a escada do predio e bati á porta.

Nada de resposta. O meu palpite foi esgueirar-me pela escada abaixo, e safar-me como se nunca tivesse batido a argolada; mas, se me apanhassem com a bôca na botija, podiam desconfiar de que era partida, e não lhe quis correr o risco. Não tinha geito inaugurar uma noite de pandega com qualquer peripecia desagradavel; fui pois ao extremo opposto — deitei mão á aldrava e deixei-a cair.

Abriu a porta, qual relampago, um su-



UM ARGANAZ DE CABELLEIRA COMPRIDA . . .

jeito, com a cabeça mais assanhada que eu tinha visto em minha vida. Dava-lhe um aspecto sinistro, palavra de honra!

Não se cançou com perguntas nem me deu tempo para abrir a bôca; filou-me pela gola do casaco, com uma ancia, que me deixou pasmado.

— Com que, então, é você? Já não é sem tempo! Que precisão tinha você de fazer um estardalhaço, que por pouco não prega com a porta em terra! Venha dahi!

Entrei, ou antes, arrastou-me elle; agarrando-me pelos hombros e fazendo-me girar que nem um pião, a ponto de que, quando verifiquei onde estava, fechara-se a porta, e elle e eu lá iamos enfiando pelo corredor.

— Mora aqui o senhor Marfarlane? indaguei.

— Guilherme Marfarlane? Com que, então, é isso que o traz aqui? Nós lhe daremos o Marfarlane, deixe estar. Nós lhe diremos. Passe para cá chapéu e bengala. Que a bengala vem mesmo ao pintar. Não fui eu que lhos dei, foi elle que m'os arrancou das mãos, floreado o rotim nó ar, com um rompante, que me fez recuar de um pulo, apezar do aperto das botas.

— Entre para ali!

Abriu a porta de um quarto, lá ao fundo, e empurrou-me por ali dentro. Depois, atirou com a porta, que abalou a casa toda. Estou que não serei cara para ir ao arame, sem motivo, mas sempre lhes direi, que o modo porque aquelle tratinho me tratou não concordava com as minhas ideias, no tocante a encetar uma noite de pandega.

Coisa que menos se parecesse com uma reunião de pandegos, do que o quarto para onde elle me tinha desfechado — isso é que nem padece duvida — creio que não seria facil encontrar. As fotografias, que enfeitavam as paredes — não fazem ideia! — olhar para ellas era o sufficiente para me esfriar o gosto de saborear a folia. E eu a descompôr-me a mim mesmo, por ter caído em vir, eis que estruge um som por todo o predio que — não direi que fiquei sem pinga de sangue, mas que me senti esquisito, lá isso senti. Era assim um meio termo entre o bramar de um toiro e o silvo de uma machina de vapor: e seguiu-se-lhe um estrondo, como se alguém, lá em cima, de empreitada, estivesse a atirar pedregulhos para pregar com o predio em terra. E eu a scismar se teria vindo parar a um hospital de doidos, e a pensar em armar um pulo, dar cebo nas botas e despedir por ali fóra, emquanto era tempo, eis se abre a porta, e enfia por ali dentro um dos typos mais mal encarados que tenho encontrado em minha vida. Um calmeirão, taludo, largo dos encontros, nutrido, sem pescoço e com uma cabeça redonda, pequena para o corpo, cabello cór de gengibre, e uns olhos, conforme pude observar, não só injectados de sangue mas ainda esquisitos a valer. Não abriu bico, ao entrar, mas plantou-se defronte do fogão, e pôs-se a varar-me com a vista, calado. Tentei dizer o que quer que fosse, mas — com aquelle almanjarra, de olhos fitos em mim, daquelle

modo — nem sei para onde se me tinham sumido as palavras.

Até que por fim explicou-se.

— Sou o Ebenezer Posford, não sei se sabe, disparou elle n'uma voz, que mais parecia um grasnido.

— Ah! sim? repliquei; pois senti que devia dizer alguma coisa. — Estimo immenso conhecê-lo, senhor Posford. O meu appellido...

— O appellido pouco importa; estou informado a seu respeito. O que eu quero é que fique sabendo alguma coisa a meu respeito. O meu nome é Ebenezer Posford, repito.

— Sim, sim — já m'o disse.

— Ah! elle é isso? Quer môlho, muito bem, ha-de prová-lo. Só o que lhe digo é, que se torna a abrir bico, sem que eu acabe de fallar faço-lhe saltar essa pinha fóra do corpo — com estes, e estendeu-me o punho, e declaro que nunca vi punho daquelle tamanho e daquella cór, e rijo, ao que parecia; fascinou-me aquelle punho — parecia uma perna de vitella, em sangue.

— Torno a repetir-lhe — sou o Ebenezer Posford, jogador de socco, de uma canna, nomeado por toda essa Inglaterra; não deixará de me ter ouvido nomear; nem falta quem o ficasse sabendo de cór, á propria custa. E, eu se lh'o digo, é para que fique sabendo, á justa, onde é que se acha; não sei se me entende?

Dava alguma coisa para me poder escoar d'ali para fóra, á surrelfa; e palpita-me até que o demo da bota apertada não me serviria de impecilio para me safar, com vento fresco; de tudo aquillo foi o que eu percebi.

Mas o que eu não percebi foi porque era que elle me falava daquella maneira, e aquelle trambolho daquelle punho a ameaçar-me tirava-me a vontade de lho perguntar.

Elle, proseguiu:

— E agora, que ficámos entendidos, offerece-se-lhe dizer alguma coisa?

Coisas que lhe dizer não me faltavam; mas o que eu não sabia era o modo de as dizer.

E só a custo consegui gaguejar:

— Eu... eu... estava um tanto incerto, quanto ao caminho para a estação do caminho de ferro, senhor Posford.

— Deixe lá isso. Quando eu o tiver largado das mãos, não precisará de saber o caminho, seja para onde fôr. Vae apanhar uma lição, esta noite, que, comquanto me palpíte que já andava a precisar della, ha que tempos, agora que a vae apanhar, ha-de lhe ficar lembrada para todos os dias da vida.

Eu, sem saber o que é que elle queria dizer na sua — esperançado em que assim fôsse, pelo menos; mas, assim que olhava para elle, parecia-me sentir uma carapinhada a correr-me pelas veias. Sentei-me, apezar de ninguem me ter offerecido uma cadeira; mas a verdade é que já nem pernas tinha para estar de pé.

— Estou persuadido, consegui expectorar — de que haverá equívoco. Não direi que seja sua a culpa, estimabilissimo senhor Posford...

— E faz bem; arrependia-se, com certeza.

— Mas não me recorde de haver tido o prazer de encontrar com a sua pessoa...

— Prazer que, agora que chegou a ocasião, me palpita que não se repetirá.

— E o facto... é que, a quem eu vinha procurar era ao senhor Macfarlane.

— Não tardará muito que o não veja, não tenha cuidadc.

— Que foi aquillo?

Tornou a estrugir o mesmo estampido de indágora, mas muito mais estridulo, sem fallarmos na terramotada que se lhe seguiu.

Dir-se-ia uma explosão de dynamite!

Dei um pulo na cadeira, que nem um boneco de sabugo.

— Aquillo é o Macfarlane.

— Elle... estará incommodado?

Depende do que será a que o senhor applica o termo «estar incommodado». Está com ganas de se atirar ao senhor, e elles, tentando contê-lo, e por conseguinte, é assim que elle exprime os seus sentimentos.

— Mas se elle me convidou para uma noite de pandega?

— Uma noite de pandega, disse-lhe elle? O Macfarlane tem ideias muito especiaes a respeito de pandega.

Hade ver o que é uma noite de pandega, quando elle o tiver soltado das unhas, espere-lhe pela pancada!

— Permitir-me-á que lhe declare, respeitavel senhor Posford, que tambem tenho as minhas ideias — e consinta-me que lhe observe...

Eu ia azoando, e dispuinha-me a informá-lo, de que desistia de me demorar no predio, um só minuto, eis se escancara a porta, de re-

pelão, e espicha por ali dentro o mostrengo da grenha côr de cenoura.

— Vão-se dando lindamente, hein? commentou.

— Uma belleza, pois não? declarou mister Posford — vamos estando unha com carne.

— Não é coisa que se veja, não é verdade? indagou o pinha de açafão, a medir-me de alto a baixo como se eu estivesse em exposição.



VENHA COMIGO, RESPONDEU. — SABE LER?

— Precisa a gente de olhar para elle duas vezes, primeiro que o veja, de uma dellas. Não é typo que dê cuidado.

— Cuidado! Isto! Parece mais um sagoim que uma alma christan, e um sagoim de mama, com tudo isso!

— E' extraordinario o que enche o olho a umas certas sujeitas!

— Se é isto que lho enche, com certeza!

— Extraordinario!

Palpitou-me que aquellas observações eram aduzidas para meu beneficio; não pude deixar de o perceber; eram tão directas! Ora eu, sou um homem que, quando as coisas excedem um certo limite, embirro os pés á parede, e procedi a patentear-lho.

— Consintam-me que lhes advirta, cavalheiros, encetei; que é a primeira vez que tenho a honra de gozar a sua companhia — pouca sorte da minha parte, e dahi, talvez que não, — mas, nesta occasião, não vim aqui para os encontrar. Vim aqui para disfructar um serão aprazível, por convite especial do senhor Macfarlane.

— Muito bem, replicou o homem da grenha ruiva; está principiando a passar a primeira parte do programa, comigo. — Sou seu filho,

— Seu filho! exclamei, pasmado. Nunca suppus que elle tivesse idade para ser pae de um filho tão novo. Queria dizer, talvez, aventurei-me a sugerir — que é seu irmão?

Quero dizer o que digo; sou um delles, pelo menos, pois tenho quatro irmãos, e sou o mais novo — estão tentando apaziguar o pae, neste momento, aliás tê-lo-ia já morto ao senhor, ha que tempos.

E agora, creio que ficaria percebendo os meus sentimentos, ao lembrar-me de que um misero e mesquinho animalculo meio medrado, mal cozinhado tem andado a fazer-se fino com minha irman.

— Eu!... fazer-me fino — com sua irman! Com sua irman! repeti, boquiaberto. E não admira, pois me occorreu, de repente, que devia de haver um equivoco qualquer. — Mas se eu, que me lembre, nunca, em minha vida, pus os olhos em sua irman!

O pinha assanhada olhou para o Posford. — Ouve isto? Cara estanhada, até aqui!

— E' claro que sim! Mas havemos de estragar-lha, e não hade tardar muito — isto,

se é que se poderá estragar uma insignificancia destas.

— Permitam-me que lhes explique... clamei. — Fá-lo-ei com clareza.

— Ahi vem meu pae — elle aclarará o negocio, deixe estar: encarregar-se-á das explicações de que você está a precisar, e mais um nadinha.

Lá fora ouvia-se um terramoto, como se meia duzia de pessoas baldeassem de escantilhão pela escada abaixo; escancarou-se a porta, e enfiou por ali dentro o que me pareceu serem meia duzia de pessoas, á bulha. O quarto, a propria inferneira, e mister Posford empolgou-me pela gola do casaco, antes de eu começar a perceber do que é que se tratava. O homem mais taludo que meus olhos jámais tinham visto — estava-se comportando como se estivesse doido varrido. Cabello, barba, e a propria cara, tudo assanhado como uma fogueira, mas com algumas brancas, aqui e acolá, pois se percebia, logo á primeira vista, que já tinha sido mais novo. Outros quatro tringalhadas, mas um tanto mais baixos do que elle ainda assim, pendurados nelle, com quanta força tinham; não havia que duvidar de que eram seus filhos, a côr do cabelo e da pelle, davam-n'o bem a conhecer. E quando um mulherão, que estou que orçaria pelos cincoenta, entrou pela porta do fundo, com o cabelo de outra variedade de vermelho, fui percebendo porque é que a policia declarou, que aquella casa era conhecida por «casa assanhada»; eu nunca acreditaria, se o não tivesse presenciado, com meus proprios olhos, que houvesse gente com o cabelo daquella côr. E o gigante da grenha côr de lagosta a bravejar e a lutar e a barafustar, como um orate, abanando o predio de alto a baixo cada vez que se mexia.

— Onde está elle? bramia. Deixem-me deitar-lhe as unhas! Deixem-me haver á mão esse patife, que se ludibriou de affecto de minha filha!

— Está seguro — deitei-lhe o gatazio, declarou mister Posford, affirmativa que, se é que se referia á minha pessoa — se confirmava, pois estava filado com muita mais segurança do que de facto me convinha.

Macfarlane senior não tirava os olhos de mim,

— Qué? ejaculou — Qué? — Aquillo!

bem, aos parentes e amigos da noiva, afim de apresentar as devidas justificações, que ella sentia, e nós, igualmente, serem indispensaveis, e portanto, é na qualidade de Augusto Curling que você aqui se acha.

— Peço perdão... Não pude continuar, a peste do Posford tirou-me o fôlego.

— Espere um instante; e depois falará. O que nós pretendemos saber, com franqueza e sem rodeios — e antes de irmos mais longe — é quaes são as suas intenções, com respeito a minha irman.

— Deixa-o responder, Posford.

— O Posford soltou-me ás valvulas — que eu ainda estive dois segundos sem poder tomar a respiração.

— As minhas intenções! assoprei.

Para que é que quer saber as minhas intenções? Não tenho intenções de qualidade nenhuma,

— Não tem intenções?!

— Não tem intenções! berrou o mestre dos seis pés e seis polegadas; e armou outro pulo; Larguem-me, larguem-me!

Mas não o quizeram soltar, e para mim foi uma pechincha. Mais uns minutos de tremor de terra; e depois, calmaria. Sae-se dali o grenha assanhada, outra vez.

— Veja se socega, pae, que eu, em elle me saíndo das mãos, cedo lhe a vez.

E voltou-se para mim:

— Se me não engano, ouvi-lhe declarar, que não tinha intenções de qualidade nenhuma, com respeito a minha irman?

— Mas se eu nunca a vi!

— Nunca viu minha irman?

— Nem pintada!

— Pedaco de intrujão! Desprezível microbio! Como diz o auctor de meus dias.

— Não me chame microbio, já lhe disse! Que eu, ainda assim, antes me queria chamar microbio, do que ter o cabello da côr de alguns que estou vendo!

Nisto, entrei a pensar que principiaria a festa.

Mas foi maior a calada do que até ali; estou em dizer, até, que ficariam tão embatucados, que a ideia de darem cabo de mim se lhes varreu de todo, com a embatucadéla. Entra em scena outra vez o grênha de açafirão:

— Tem uns modos muito insinuantes, senhor Curling.

— Não me chame Curling! E elle a dar-lhe!

— E ainda tem cara para insistir, na presença de todos que aqui estamos, que nunca viu minha irman! Está me cheirando, a que por aqui anda mysterio, e estou resolvido a profundá-lo. Ha marosca, seja ella qual fôr, olé se ha! ou eu estarei muito enganado.

Voltou-se para o marimacho já maduro e disse:

— Mãe, veja se vae lá acima e mande cá abaixo minha irmã,

— Raspou-se o marimacho. Dali a pouco sentiu-se um rumor, escancarou-se a porta, de repelão, e desfecha por ali dentro uma fêmea, com mais de seis pés craveiros de altura, e com cabello ainda mais assanhado. Se era nova ou se era velha, não me sinto habilitado a affirmá-lo; que, mulher com o cabello daquella côr, para mim não tem idade.

— Augusto! uivou a creatura, levando o lenço a cada olho, por sua vez; — por que me estás tratando deste modo?! Depois do que entre nós se deu, e de quanto me prometeste, nunca pensei, que me havias de roer a corda!

— E agora? disparou o pinha de acafrão, n.º 1. — Ainda quer negar que é o tal sujeito?

— Qual sujeito nem qual demonio! esgarnice; deixe-se de estar a metter os pés para dentro. Veja se resolve essa senhora a tirar o lenço dos olhos, e olhar bem para mim.

— Ouve lá, Flora, — pôr o nome de Flora a um mulherão daquelle feitio, nem ao diabo lembra! — Olha bem para elle, e diz-nos se é elle, ou não.

A sujeita tirou o lenço dos olhos, e pôs-se a olhar, em redor, pasmada, que nem um vitelo a olhar para a lua.

— Onde está o meu Augusto? perguntou a deusa.

— Não será este?

— Este! E pôs os olhos na minha pessoa; a julgar pelos tregeitos, não me pareceu agradar-lhe o meu todo, muito mais do que o della me agradou. — Isto! o meu Augusto! Como te atreves a insultar-me! E talvez não queiram crer, mas, tão certo como dois e dois serem quatro, deu uma pernada e levantou-me do chão, mantendo-me sus-

penso no ar — e por aqui verão de que cabre era a sujeita!

— Que fizeram ao meu Augusto? perguntou; e abanou-me com tanta força, que eu quasi que senti os dentes a tocarem castanholas.

— Se me não põe no chão, casco-lhe, ouviu?

Bater-lhe, eu! Era o mesmo do que tentar bater no zimbório de S. Paulo; eu era al qual um menino na mão das bruxas.

Precaços de quem tem boa figura, mas um tanto maneirinha.

Assim Deus me accuda, e não venham para cá falar-me em terramotos! — Nem sei como não pregaram com o predio em terra. O que foi que me aconteceu, ainda hoje estou para o saber, era o proprio jogo de empurra e empurra num hospital de doidos! Cada qual a molhar a sua roupa! Só do que me lembro é de pregarem comigo de trambolhão pela escada abaixo, no olho da rua, e o chapéu e a bengala pelos ares, atrás de mim. Estou em dizer que fariam, com tenção de me salvar a vida.

Mas fiquei tão moído, que durante muito tempo não fui capaz de me por em pé, e quando o conseguí, estava tão encaracolado, e quasi que sem poder mexer um dedo, que,

com as dores e o formigueiro, e o raio da nota apertada, meti por ali fóra, muito encolhido, a pé-coxinho. Levei um bom quarto de hora para voltar a esquina, e quem heide eu ver aproar para mim, ora imaginem! O tal sujeito, lá do comboio, tão quezilento, adelhudo e de cara estanhada, como danças, mas umas natas, todo elle.

— Muito boa noite, senhor Briggs, preadissimo amigo, pespegou-me o patife, todo elle a derreter-se em amabilidade,

Fiquei de boca aberta, e sem a poder

fechar; e dadas as circumstancias, acho que toda a gente faria outro tanto.

— O senhor! gaguejei; o senhor! Ora, se ha!

— Que tal foi a patuscada, amigo e senhor Briggs? Estou certo de que ficaria encantado com a recepção cordial do amigo Guilherme Macfarlane e sua amabilissima familia — Uma gente muito divertida e que vende saúde, segundo me consta. E a menina Macfarlane — não deixaria de a ver,



INVESTI PARA ELLE, COMO UM TOIRO...

acho eu? Espero que, como eu sempre futurei, não deixaria de o apreciar conforme merece?

— Refinadissimo patife! trovejei; — não estivesse eu a cair da boca aos cães — e veria como... como...

E como eu estivesse a parafuzar, para desencantar vocabulos apropriados, afim de exprimir os meus sentimentos, eis que ouço uma voz por detrás de mim, que eu tinha ouvido, havia pouco.

— Augusto! o meu Augusto!

E' elle que ali vae!

Elle, ouviu-a tambem, e deu um pulo.

— Seu sagoim de uma figa! clamou; com que então, armou-me a ratoeira?

Isto, já com differente metal de yoz.

E despediu por ali fora, tal qual um carro electrico descarrilado.

Olhei em redor, e dei de cara com a donzella Macfarlane, com o Posford, e alguns dos irmãos da sujeita, mas agarrá-lo, isso, sim!

— Voltaram para trás, cedo de mais para fazerem o seu pésinho, no regabofe.

— Sua ratazana de sargêta! explodiu o Posford, você a affirmar que nunca tinha visto o tal sujeito, e elle a rondar-nos a casa, á sua espera. Estavam combinados, olé; isso é que estavam, e o que você estava a pedir é que lhe fizessesmos esses ossos num feixe.

Enfeitava-se para pôr mãos á obra; tão certo! E podia ter-se saído bem, a não apparecer o policia, de quem eu tinha indagado o caminho, e que lho impediu.

— Olá! Que vem a ser isto aqui? perguntou o anjo da paz.

O Posford, que pelo nome não perca, deu explicações.

— Só policia, este malandro deste pimpólho portou-se vergonhosamente, infameamente, com uma senhora! O que elle merecia é que lhe arrancassem a pelle!

O policia, com a amostra de bom senso, peculiar á classe, acceitou os factos, na fé dos padrinhos.

— Vi-o a rondar por aqui, ha pedaço, e fiquei a scismar no que é que elle andaria a armar.

E agora, o melhor que tem que fazer, é ir-se miscando.

— Fui-me miscando, sem esperar por mais, e como lá se diz. de rabinho entre as pernas — como se tivesse perpetrado qualquer delicto! Até que por fim, cheguei a casa, conforme pude. O que eu sei dizer é que, quando lá cheguei, não estava capaz, fôsse para o que fôsse. Santo Deus! Que noite que eu passei!

No dia seguinte, de manhan, quando cheguei á estação, o meu amigo Tanner tudo era perguntár-me, se eu tinha batido com o olho n'alguma porta aberta, ou coisa que o valha, eis que chega o comboio, e quem hei de eu ver? — Aquelle patife a deitar a cabeça pela portinhola e a berrar por mim.

— Olé! Briggs! berrou elle com quanta força tinha, a ponto de toda a gente voltar a cabeça. Como vae essa bizzarria, amigo Briggs? Chegue aqui, Briggs, e conte-me a patuscada de arromba, lá em casa do Macfarlane!

Investi para elle, como um toiro, simplesmente.

— Soltem-me, que quero ensinar aquelle patife!

Mas não me soltaram — não se atreveram; um carregador deitou-me as unhas, o comboio abalou da estação, e eu fiquei para ali, com cara de asno, na plata-fórma. Boa colher de hervas, não tenha duvida! E a consequencia foi eu chegar tarde ao escriptorio, e apanhar um raspão — além das piadas pouco agradaveis, com respeito ás nodoas e perpelões, que apresentava na cara.

E já lá vão dois mēses.

Hoje á noite recebi um embrulho, em minha casa. Continha uma caixa de papelão, e dentro della um pedaço de bólo nupcial, e no topo do bólo um cartão, e no cartão o dizer seguinte: Augusto Curling, e sua esposa cumprimentam... -- isto em gravura; e por baixo, em letra de mão, o nome de mistress Curling — em solteira, era Flora Marfarlane. Em memoria de uma noite de pandega.

Ponham na sua ideia o eu tocar com um dedo, só que fosse, naquelle bólo de noivado! Nem que me esfolassem em vida! Uma migalha que eu tentasse engulir, ficar-me-ia entalada nos gargomilos! Elle sempre ha gente muito descarada, neste mundo!

Dei-o a minha irman. Disse-me que não se podia levar. Estou em dizer que falaria verdade. — Não admira. — Vindo de semelhantes mãos!



Exposição de rosas

A Associação Central de Agricultura Portuguesa, inaugurou uma linda exposição d'estas flôres, sendo as medalhas d'ouro concedidas ao Instituto Superior d'Agronomia, ao sr. Marcolino Teixeira Marques e Camara Municipal de Lisboa. Hoje contam-se por milhares as variedades de rosas. Todos os annos combinam-se umas com as outras, obtendo-se as creações por meio de mesclas. Como a rosa é uma flôr docil e amavel não resiste, e consente que a forcem.

A imperatriz Josephina, que tinha paixão pelas flôres e dispendia, para a sua cultura, enormes quantias, não conseguiu, apesar dos esforços do seu jardineiro que era um homem habil, a arte de as multiplicar com resultados proficuos. Deve-se-lhe a rosa, hoje considerada como vulgar: *Souvenir de Malmaison*. Foi no principio do seculo XIX que começou o grande esforço da cultura florícola. Mas que de trabalhos, quantas combinações, desde ha meio seculo, para se conseguirem os resultados de hoje!

O interessante a estudar no combate que se estabelece entre as rosas, é que á maneira que surgem novidades, as que ficam vencidas no terreno da fórma ou da côr, retiram-se timidamente á franceza. Cultivam-n'as menos, esmagadas pelas suas congeneres triumphantes, depois, a pouco e pouco, tornam-se tão raras, que nunca mais são vistas. Lembro-me de ter admirado uma linda rosa d'um encarnado sangrento chamada a *Gigante das Batalhas*. Brilhava, orgulhosa e soberba, reinando sem rival,

só consentindo a seu lado as rosas pallidas, que ainda mais faziam resaltar a sua purpura.

Decorridos alguns annos, apresentou-se uma rival d'um vermelho-violaceo. Esta entrava na liça, de cabeça levantada, altivamente, sem periphrase. O seu nome era mesmo uma provocação, visto que lhe chamavam:

— *Leão dos Combates*.

Foi uma lucta aberta. Mas uma bella manhã sobreveiu terceira rival, de folhas avelludadas, d'uma rica coloração, fórma irreprehensivel, d'uma elegancia sem igual, denominada:

— *General Jacqueminot*.

E ante esta *Gigante* e *Leão* foram obrigadas a retroceder, declarando-se vencidas.

Hoje ninguem as conhece.

Pois a propria *Jacqueminot* tende a desaparecer.

Porque? talvez perguntem, uma rosa tão admiravel!

Porque ha já melhor, porque a triumphante *Jacqueminot* foi empregada em novas combinações, e estas deram resultados maravilhosos, rosas incomparaveis, d'um encarnado tão intenso que os olhos a custo supportam o seu fulgor. A pobre *Jacqueminot* suppunha-se invencivel, e foi dominada pelas succedaneas, devorada pelos filhos. O contrario d'Ugolino!

Mas o que não comprehendo bem é que exposições d'esta ordem não sejam feitas em muito ar livre, dando-lhes um tom pittoresco, o que, em recintos pequenos, lhes falta em absoluto.

E um espectáculo tão agradavel para os olhos, assim não é nunca completo.

Um concurso pecuario

No Campo Grande effectuou-se o 3.º concurso pecuario promovido pela Associa-

criminoso vê apenas um grande desgraçado, embora não seja essa a melhor maneira de purificar uma sociedade, mas devem-se desculpar esses espiritos superiores que só querem encarar a humanidade em tudo quanto n'ella pôde haver de bello!

A festa celebrou-se no Coliseo dos Recreios, e embora aquelle a quem era dedicada não podesse comparecer, devido ao seu estado de saude, nem por isso deixou de ser menos brilhante.

Presidiu o sr. dr. Antonio José d'Almeida, ministro do Interior.

Falaram, entre outros, o sr. dr. Magalhães Lima, que disse que «a nossa missão é essencialmente purificadora acima e fóra de todas as paixões».

Que os tempos heroicos da democracia tinham sido quando Theophilo Braga comprava ossos para fazer um caldo, quando João Bonança empenhava o pouco que possuia para fundar em Lisboa um dos primeiros jornaes republicanos, quando Ma-



«EURICO», TOURO DE RAÇA HOLLANDEZA, 1.º PREMIO

ção Central de Agricultura Portugueza.

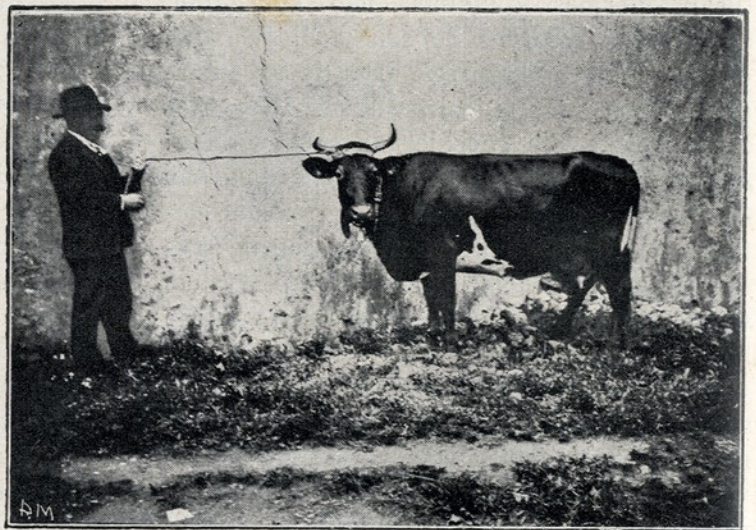
Mais uma vez esta sympathica aggremação demonstrou os relevantes serviços que presta, promovendo d'estes certamens que tanto teem d'util, constituindo motivos para futuros engrandecimentos.

Os dois primeiros premios foram concedidos á Coudelaria Nacional e ao sr. José Marques Pereira, pelos magnificos exemplares que apresentaram: um touro de raça hollandeza e uma vacca turina.

Manuel d'Arriaga

Um grupo d'amigos sinceros quizeram prestar não uma homenagem, porque entenderam que essa palavra vae-se poluindo em demasia, mas a verdadeira consagração a uma creatura toda bondade, alma cheia de mysticismo, espirito ponderado, e que tem visto o mundo sob um prisma falso — muito azul, abundancia de côr de rosa...

No mal, se o chega a analysar, busca sempre encontrar alguma attenuante; no



«JOIA», VACCA TURINA, 1.º PREMIO

Manuel d'Arriaga vivia em Coimbra com seis vintens diarios.

E saudando a patria, saudou a de Oliveira Marreca, de Elias Garcia, de La-

tino Coelho, de Rodrigues de Freitas, de José Falcão, de Horacio Ferrari, de Cecilio de Sousa, de Teixeira Bastos...

Compraz-me deixar aqui registadas as altissimas demonstrações de apreço que áquelle verdadeiro homem de bem, e sempre consequente, foram dadas.

Que a mocidade nunca esqueça o nome de Manuel d'Arriaga, uma alma immaculada e cheia de entusiasmo juvenil.

Luiz de Camões

A 10 de junho de 1580, Luiz Vaz de Camões, sentindo que se acercava o seu final, escrevia a D. Francisco d'Almeida:

Ao menos morro com a Patria

O odio e a inveja que tinha provocado a publicação dos *Lusiadas*, a miseria, o escolherem Diogo Bernardes para cantor dos futuros triumphos de D. Sebastião, arrematados a 4 d'agosto de 1578 no tremendo desastre de Alcacer-Kibir, onde uma espada traçou nos desertos ardentes da Lybia o epilogo tristissimo d'uma grande epopeia, obrigando a nacionalidade portugueza a descer ao tumulto amortalhada na purpura d'um velho cardeal, tudo isto annuevou a frente do poeta.

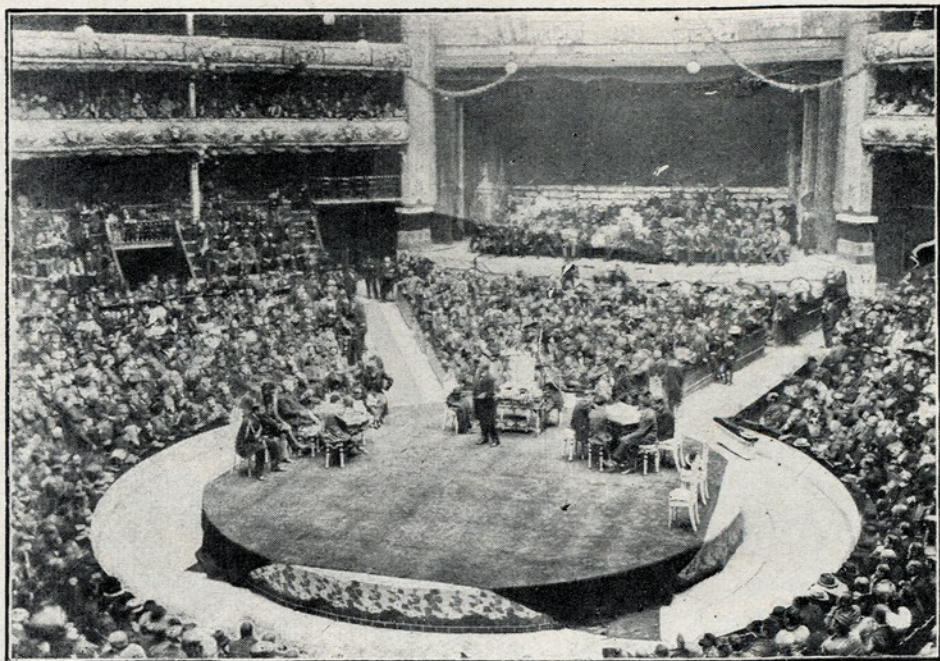
Serviu a sua patria denodadamente, sacrificando-se, tanto a amava, como elle proprio nos diz:

*Para servir-vos braço ás armas feito,
Para cantar-vos mente ás musas dada.*

Na celebre gruta que em Macau perpetúa o seu nome, compoz os *Lusiadas*,

que constituem uma verdadeira gloria nacional, a Biblia d'um povo.

Foi obscuramente sepultado na igreja de



UM ASPECTO DO COLISEO DOS RECREIOS

Sant'Anna, da irmandade dos sapateiros.

O Atheneu Commercial, que se fundou em Lisboa por occasião do tricentenario de Camões, tomou d'esta vez a iniciativa de realisar uma romaria á estatua de Camões que foi concorridissima, mas a que faltou a parte esthetica, visto que uma agglomeração de gente, empunhando estandartes a passar durante horas assume o tom da monotonia.

Junto do monumento falaram varios oradores, enquanto a base do pedestal ficou juncada de flôres.

Eis duas quintilhas do genial cantor de *Nathercia* e que são primorosas:

*Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos,
E para mais me espantar
Os maus vi sempre andar
Em mar de contentamentos.*

*Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau; mas fui castigado
Assim, que só para mim
Anda o mundo concertado.*

E para provar o seu espirito epigrammatico:

Encontrando-se Camões com o duque de Aveiro, como este soubesse que o poeta não

contram-se algumas conhecidas de Velloso, Salgado, Malhoa e Carlos Reis.

Entre as novas, e que é forçoso distinguir, depara-se-nos a de Alves Cardoso — *Uma*

lição antes da festa—de Garcia d'Araujo — *uma Cabeça de preta* — onde o traço é seguro e fino.

De Luciano Freire, notei o *Bucolismo face-to*, de Ernesto Condeixa, a *Volta do trabalho*, de José de Brito. *A cozinha do sr. abbade*, e o *Pego escuro*, de Antonio Sande.

Das senhoras, o que mais chamou a minha atenção foram os *Chrysanthemos* de D. Guilhermina Costa.



NA PRAÇA LUIZ DE CAMÕES

tinha nada para comer, perguntou-lhe o que desejaria da sua mesa, respondendo-lhe que bastava uma gallinha.

Só quando acabou de jantar é que o duque se recordou da promessa, e mandou-lhe uma porção de vacca, recebendo de Camões os seguintes versos :

*Já eu vi o carnicero
Vender vacca por carneiro;
Mas não vi, por vida minha,
Vender carne por gallinha
Senão o duque de Aveiro.*

Exposição de quadros

A Sociedade Nacional de Bellas-Artes inaugurou a sua 9.^a exposição e n'ella se demonstra que o pintor portuguez é, com poucas excepções, estudioso e trabalhador, maneja bem o pincel, não desdenha o colorido, embora por vezes abuse, é correcto, mas falta-lhe inspiração.

Nas telas que revestem as paredes, en-

Na esculptura ha muito a admirar e a citar e deparam-se-me os nomes de D. Christina Villarinho, Ferreira Moutinho, Simões d'Almeida, Costa Motta, Julio Vaz Junior e Torquato Pinheiro.

Tambem Columbano Bordallo Pinheiro, que de vez em quando consegue que respiremos um tanto livremente no campo da arte, apresentou no seu *atelier* da Academia umas quarenta telas, na maioria retratos.

Tendo a sua maneira, é sempre um enorme prazer ir alli, onde se encontra um taciturno, que consegue com os seus processos, que são só d'elle, acorrentar os criticos mais exigentes.

O *Christo crucificado*, que tenho a certeza ficará constituindo a obra mais completa do grande artista, que deve ser considerado por Portugal como uma gloria, embora incompleto, denota desde já o que virá a ser e revela o enorme estudo, a extraordinaria observação de Columbano. No que acolá se vê tudo é flagrante de verdade, — a carne, a posição, os musculos, o

peito saliente, a expressão do rosto, constituindo um d'esses trabalhos colossaes, onde não se sabe o que ha mais a elogiar.

E' uma familia privilegiada esta dos Bordallo Pinheiro, constituindo uma formosa dynastia — a do talento.

Os mortos d'este mez

No seu solar de Pindella falleceu o conde de Arnoso, general de brigada, secretario particular d'el-rei D. Carlos, com 55 annos.

Escriptor muito intelligente, publicou as suas *Jornadas pelo mundo*, relacionadas com uma viagem que fez a Pekin; são umas notas cheias de bom humor, os *Azulejos*, recordações da vida de Coimbra; *De braço dado*, contos de parceria com o conde de Sabugosa; para o theatro escreveu a *Primeira nuvem*; e com Alberto d'Oliveira extrahiu do conto de Eça de Queiroz, *Suave Milagre*, a peça que se representou em 1901 em D. Maria.

Após os acontecimentos de 1 de febreiro de 1908, o conde cahiu n'uma profunda tristeza de que ninguem nem cousa alguma o conseguia afastar. Com a saudade a corroe-lo, um sorriso amargo a transparecer, uma desillusão das cousas e um aborrecimento pela humanidade, desde então assim se cifrou a sua vida.

Amigo leal e sincero do seu soberano, a magoa que sentira pelo seu desaparecimento não mingouo nunca, e se uma complicação cardiaca não vem pôr termo áquella existencia, é crível que o conde de Arnoso, n'um futuro não muito distante, fosse ao encontro da morte.

E como nunca a diplomacia palaciana o conseguira invadir, deixou o desgosto profundissimo que se sente ao ver desaparecer um homem de bem e que allia a essa qualidade o character do portuguez antigo.

Ruy Barbo já hoje pouco diz ao espirito do leitor.

E comtudo com esse pseudonymo, Alfredo Ribeiro teve uma grande aura, porque o seu espirito scintillava todas as semanas n'um jornal humoristico, o *Pimpão*, deixando allí

artigos esfusiantes de graça, impregnados d'um bom senso, e que deram nome ao seu auctor.

A malicia brilhava-lhe através os vidros da luneta, a sua conversação era primorosa e tanto mais que o seu repertorio anecdotico era inexgottavel, e no seu humorismo um tanto á Rabelais havia um tanto d'indifferença pela humanidade, o que o obrigou a deixar dito que as pessoas que assistissem ao seu enterro não deviam tirar o chapéo durante a cerimonia.

Com 34 annos apenas morreu Manuel Penteado.

Era um tuberculoso, com muito espirito, de voz estrangulada, um sorriso que lhe animava as feições, e, como medico, conhecendo bem a doença que o dominava, não quiz prescindir na vida do que considerava uma distracção ou um prazer, visto que precisava não deixar perder uma hora, por que bem sabia que não soariam muito tempo para elle.

No *Jornal do Commercio* deixou uns pequeninos artigos que são impeccaveis tanto era o cuidado que presidia á sua confecção, e alguns chamaram por vezes a attenção, entre elles o publicado ha poucos mezes em que dizia verdades amargas ás actrizes, o que bastante as melindrou, porque ellas são... *Noli me tangere*.

Traduziu para o theatro o *Cyrano de Bergerac* e o *Amor não dorme*, e com Luiz Galhardo fez o original *Agua de S. Chrispim*, peças que não obtiveram successo.

E não quiz exercer a sua profissão, embora o considerassem um medico habil.

Era um professor muito distincto Francisco da Fonseca Benevides que a morte levou tambem nas suas garras, succumbindo com 76 annos a uma melindrosa operação.

Fôra director do Instituto Industrial e Commercial tendo allí occupado a cadeira de physica com muita distincção, sendo tambem professor na Eschola Naval.

Escreveu muitos artigos scientificos, e entre varias obras interessantes deixou o *Real*

Theatro de S. Carlos de Lisboa, as Rainhas de Portugal e No tempo dos francezes.

E' dos que morrem sem inimigos, e n'essas palavras encerra-se um volume.

Semana d'armas

A primeira prova da Semana d'armas foi organizada pelo Centro Nacional de Esgrima.

O jury compunha-se dos srs. Visconde de Reguengo, como presidente, capitão Vieira da Rocha, Frederico Paredes, José Martins e Alberto Machado.

A classificação dos concorrentes foi por esta ordem:

Fernando Correia, Celestino Henriques, Craiveiro Lopes, Freitas Beirão, Ferreira dos Santos, Joaquim Feliciano Padrel, Angelo Pontes Leite, Antonio Amaral e P. Quaresma, sendo o 3.º, 4.º, 5.º e 9.º alumnos do Collegio Militar.

O vencedor d'esta prova poz o premio que ganhou á disposição d'um campeonato inter-escholar, ao florete.

O verão

Para responder aos mil e um reclamos que revestem as paredes das estações dos caminhos de ferro, convidando os habitantes da cidade a irem passar o verão nas praias ou nas thermas, lembra-me ter visto ha muitos annos um cartaz d'um gracioso com estas simples palavras:

O verão em Paris.

E essas palavras concisas e phantasistas trouxe-me a lembrança de parisienses inveterados que nunca se afastaram do *boulevard*, nem por um só dia, como o compositor Auber, que deixou Paris uma unica

vez, 1871, para se refugiar em Versailles durante a communa; o romancista Xavier Aubryet que tendo-se deixado arrastar por uns amigos para o campo, voltou no dia seguinte a Paris furioso porque, dizia, os rouxinoes tinham-se *esganiçado* toda a noite; Nestor Roqueplan, um homem espi rituoso, que não admittia que um parisiense ultrapassasse as fortificações.

E o mais parisiense de todos, Monselet, o jornalista gastronomo, que não podia despegar-se do asphalto de Paris!...

Um verão, como a sua casa precisava de reparações urgentes, viu-se obrigado a abandoná-la. E lamentando-se:

— Para onde irei?... Que ha-de ser de mim?...

— Vae fazer uma viagem, disseram-lhe os amigos, distrahir-te-ha.

— E' uma idéa! exclamou elle. Vou... visitar Paris.

Arranjou a mala, comprou um fato em quadradinhos e um *bonnet* como o dos inglezes, e hospedou-se n'um hotel. Durante quinze dias, visitou os monumentos, os museus, as egrejas, as catacumbas... E quando alguém perguntava por elle, o porteiro respondia:

— O senhor anda viajando.

E foi uma *viagem* encantadora. Monselet ficou encantado. Na verdade, vira uma porção de maravilhas de que nunca suspeitara, porque de todos os francezes e mesmo de todos os habitantes do mundo, o parisiense é quem mais mal conhece Paris.

Porque é que Lisboa não tem habitantes como esses que parece deitaram raizes no solo?... Eu lhes vou dizer... Porque nunca houve aqui ar puro e arvores frondosas, porque a atmosphaera está envenenada com



GRUPO DE ATIRADORES DO CAMPEONATO ESCOLAR

uma porção d'industrias que cheiram mal e a que se addicionaram os automoveis. Lisboa fede, e a tal ponto, que em certos bairros não se podem abrir as janellas á noite, porque é o mesmo do que se deitassem para uma cloaca... e cada vez vamos a peor.

E' verdade que outr'ora não havia commissão d'hygiene... Hoje, Lisboa tem uma... E como veem, serve de muito á cidade.

Os tres santos populares

Não será facil desenraizar do povo a sua sympathia, a sua devoção por Santo Antonio, S. João e S. Pedro, porque a tradição deu-lhes uma extraordinaria fama e na maneira de os festejar ha uma tal ingenuidade, que é até um erro destrui-la.

João de Lemos, o notabilissimo poeta que a actual geração desconhece e que tem todo o direito a tambem ser apreciado pelo seu theatro, escreveu estas quatro adoraveis decimas que são, no genero, tudo quanto ha mais encantador.

*O meu padre Sant'Antonio
E' Santo de Portugal,
Livra a gente do demonio,
E' remedio contra o mal;
Elle acha as cousas perdidas,
Aplaca as ondas erguidas
Nas tempestades do mar,
E até mettido n'um poço,
Com agua até ao pescoço,
Faz muitas moças casar.*

*Sant'Antonio é o grande Santo
Dos rapazes, oh! se é!
Gosta de ve-los a um canto
A brincar em santa fé,
Soffre-lhe os tratos devotos,
E aquelles travessos votos
D'um throno de papelão;
Ama as festas galhofeiras,
Os foguetes e as fogueiras
Da folgada devoção.*

*Sant'Antonio é de Lisboa,
E filho da capital,
Mas de Padua inveja boa
Quer furta-lo a Portugal;
Não lhe deixemos leva-lo,
Antes leve S. Gonçalo,*

*Que só velhas faz casar;
Sant'Antonio é todo nosso,
Seja-o sempre, e um padre-nosso
Vamos-lhe agora rezar.*

*Padre nosso... e se consagre
N'esta efficaz oração;
Que pedimos um milagre,
Que salve toda a nação,
Se milagres são precisos,
Mudem-se os prantos em risos,
Sant'Antonio os fará já;
Sant'Antonio, Sant'Antonio
Enxota o vivo demonio
Da tua patria... e longe vá!*

*

Os jornaes não relataram a recepção que os chafarizes fizeram na vespera de S. João. Fizeram mal em se calar, porque a concorrência foi enorme e a dona da casa, *Madame Cybeles*, é deusa por direito proprio e não pela nomeação de qualquer.

Vi por alli muitas meninas que dedicam essa noite a lavar a cara para que o Santo as cumule de prosperidades durante os mezes que se seguem.

Com ellas foram muitas outras pessoas, das que acreditam piamente na virtude mysteriosa da ablução á meia-noite e no seu poder curativo.

Formaram nas ultimas filas varios curiosos que não iam lavar-se, o que é natural sendo curiosos, e julgando-se limpos porque deitaram para a cara pela manhã uns borrifos d'agua.

A' hora classica annunciada pelos relogios, os crentes immergiram as encrespadas cabeças ou as mãos sujas no liquido, com regosijo e algazara dos presentes, coros de ambos os sexos e sob a benevolencia dos olhares paternos.

A lenda perpetuada assim publicamente fez-se tambem em particular pelas raparigas casadouras as quaes, ao darem as doze badaladas, deitaram uma clara d'ovo n'um copo d'agua, esperando pacientemente que os filamentos agrupados a capricho dessem semelhança com um rapaz guapo, de bigode retorcido ou barbinha ponteaguda, o signal exacto d'um *elle* que lhes reserva o futuro, prova acreditada por varias regras cons-

tantes da tradição e de muitos milhões d'ovos quebrados.

Satisfeito o desejo deitaram-se as candidas donzellas, pensando no possível *elle*, e os grupos espalharam-se por outras ruas em direcção á praça da Figueira, comendo *pevides*, amendoim, queijadas da *legítima Sapa*, até verem chegar a hora suave da madrugada em que nos encontrámos todos por ahí como gente que faz alcova ao ar livre, alheia a preocupações, porque o *hoje* é o unico positivo e o amanhã alguma coisa que ha-de tambem chegar, mas, despido de cuidados...

Versos populares a S. Pedro, que eu colligi n'uma das minhas digressões pelas provincias:

*Se S. Pedro me não casa
N'este domingo de festa,*

*Hei-de-me ir á sua igreja,
Hei-de-lhe chamar careca.*

*O S. Pedro é homem velho
Homem de muito juizo,
Por isso o Senhor o fez
Chaveiro do Paraizo.*

*De S. Pedro hoje é dia
Ailé,
Toca-me n'esse pandeiro,
Que o pandeiro é um filé.*

*Ai! S. Pedro é careca,
Careca, não tem cabelo;
Quando voltou do Egypto,
Montava um burro em pello.*

*S. Pedro subiu ao céu
P'ra regar o seu jardim;
S. João colheu um cravo
Para dar a S. Joaquim.*

PORTUGAL DA SILVA.

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



O ter concluido a epocha theatrical permite que faça algumas reflexões sobre um assumpto interessante e que poderia denominar — Noites d'estreia.

Aqui, como em Paris e em Madrid, o publico elegante tem os seus habitos, que ninguem que se preze pôde ou deve infringir. O codigo do bom tom, diga-se em honra da verdade, é mais respeitado que todos os outros codigos, incluindo o penal. Ninguem se animaria a praticar uma d'essas irregularidades que mereciam ou deviam ter o seu castigo com a prisão, e não seria capaz de se apresentar de fraque, onde as leis da boa sociedade exigem a casaca. E é o que prova, sem precisar mais exemplos, que uma cousa é a moral e outra a elegancia.

Mas deixem que ponha a um canto estas philosophias baratas.

Em primeiro lugar, um certo publico, toda Lisboa, só deve assistir ás estreias. Attrahe-o a sangrenta ração da carne fresca. Depois, d'aquella solemnidade, embora a peça figure cincoenta vezes no cartaz, não é chic tornar a vê-la...

Repito, o que pretenda passar por pessoa distincta, é obrigado a assistir ás estreias, inda que o cumprimento d'este imperioso

dever lhe custe um olho da cara. O que, devido a razões d'economia involuntaria, não pôde n'essas noites comprar um *fauteuil*, evitará a falta recorrendo a um meio muito simples. Eis a receita. Paga simplesmente a entrada, emquanto se representa fica no salão lendo um jornal, e depois, nos intervallos... adivinha-se... obstrue as entradas que conduzem á sala e d'ahi é lançar olhares incendiarios ás senhoras que estão nos camarotes. E assim sahem-lhe as estreias por uma bagatella.

*

Nenhuma pessoa *comme il faut* deve apresentar-se no theatro antes da hora marcada pelos cartazes. Está annunciada a recita para as oito e meia? Pois a empeza principia-a cerca das nove e as elegantes chegam ás nove e meia. Esta demora, propria de gente distincta, produz no publico um effeito seguro.

Que satisfação para o espectador pontual que está ouvindo a Adelina Abranches n'uma scena capaz de commover as pedras, ver que n'aquelle momento entram, como n'uma manifestação pacifica, tres ou quatro senhoras, espalhando perfumes caros e fazendo barulho, acompanhadas d'um individuo já edoso, investindo por uma fila de cadeiras, pisando este, mettendo um cotovello pela cabeça d'alguem que está na frente, e amolgando o chapéo do espectador inadver-

tido que teve a imprevidencia de o pôr no *fauteuil* d'alguma das *manifestantes!*

O rumor que esta entrada triumphal produz, reunido aos *schius* com que o publico da geral e das varandas a acompanha, epêche *d'alegria* os actores e o auctor, que está curtindo o maior tormento por entre os bastidores.

Não será de mais deixar aqui alguns avisos uteis.

Os recém-chegados, antes de se dignarem fixar a attenção no espectáculo, devem falar uns quantos minutos como se estivessem em casa e cumprimentar expressivamente os conhecidos. O senhor d'idade, uma vez repimpado no seu logar, perguntará ao vizinho:

— Como correu isto? Gosta? O que é que se tem passado?...

O interpellado explicará então em voz bastante alta, para que a familia do seu interlocutor possa ouvir, o que no palco occorreu durante as primeiras scenas, e d'esta maneira os espectadores proximos escutam duas vezes a exposição da comedia, o que é muito util, sobre tudo se o enredo é um tanto complicado.

Convem que nos pontos mais culminantes, quando o galã solta enormes gritos e a ingenua chora como um chafariz, que a pessoa que não quer confundir-se com o vulgo sensível, escolha esses momentos para rir estrepitosamente ou dizer algum dito opportuno. Commover-se... é de muito mau gosto.

Assim aconselharei as senhoras que estão em camarotes que, se por acaso tem coração sensível, só olhem para a scena quando entre a primeira actriz afim de lhe examinar o vestido, e durante a representação, o binoculo deve andar n'uma dobadoura, menos para o palco.

Signal de talento e de pessoa atilada é ir fazendo em voz alta a critica que poderiamos chamar *interlineal*:

— Que barbaridade! Mas que tolice! Lá lhe cahiu um dente com a graça!

Estas exclamações e outras que deixo ao cuidado do leitor levam a pensar que aquelle que as faz é um espirito arguto. Se por acaso uma parte do publico, enganado ou seduzido pelo auctor ou os artistas, desata a applaudir, o critico *interlineal* deve voltar

a cabeça para os ignorantes, envolvendo-os n'um desdenhoso e severo olhar que significa:

— Imbecis!

*

Inda que as manifestações de desagrado costumam começar desde a primeira scena, devido a essa faculdade d'adivinhação que, segundo respeitaveis auctoridades, o publico possui, convem que os espectadores que não tenham grande fé na sua opinião, esperem, para a formar, que decorra o primeiro para saber o parecer dos criticos. Não faltará algum que convertendo em cathedra o pedaço de qualquer corredor, ponha o panno no pulpito, rache o auctor e retalhe a peça.

Mercê á influencia de tão auctorizado parecer, o espectador que estava, talvez, contentissimo com o decorrer do acto, adquire a convicção que se deve aborrecer nos seguintes.

Oh! e como lhe fica na cabeça tudo o que acabou de ouvir!

Não, não se esquecerá que a acção é inverosimil, que o enredo é plagiado, que os caracteres são falsos e que o dialogo é de lyrismo rançoso. E tão firme está nas suas novas opiniões, que na primeira scena d'esse acto, quando o pae nobre, para justificar a sahida, diz que vae tomar o fresco, o que é natural, sobre tudo se a acção se passa no verão, o tal inclina-se para o seu vizinho e diz-lhe com toda a philaucia:

— Já viu um lyrismo tão insupportavel?

*

E o auctor entretanto?

Passa as de Cain, já sentado n'um sophá, á guiza de réo condemnado, já como um *animado morto* collocado ante o primeiro bastidor. Que consolações tão humilhantes as dos actores! Com que desprezo o olha a turba de carpinteiros, de costureiras, d'alfaiates! Que troças se accentuam no ar!

E nos intervallos, quando os amigos veem com caras de caso, estiradas, e lhe apertam a mão como que dando-lhe pesames!...

— Nada de desanimar... E' tratar de outra, diz-lhe um d'elles, que momentos an-

tes no salão propalava que Deus não chamara o desventurado escriptor para o caminho da dramaturgia.

— E' uma injustiça o que o publico está praticando, opina um amigo que quasi pedira a cabeça do auctor.

— A peça, accrescenta um terceiro, é boa, não tenha duvida! Com umas pequenas modificações o exito era seguro. Se refunde o segundo acto, supprime duas personagens, modifica as posições, varia o modo, e a faz em verso, tinhamos drama para lavar e durar...

Chega-se ao final, mas antes do panno cahir levantam-se os espectadores, particularmente os que chegaram mais tarde, para que se cumpra que os *ultimos serão os primeiros*, a *claque* applaude, os amigos do auctor fazem-n'a calar, os actores apparecem puxando o pobre auctor, que se farta d'ouvir pateada, e no dia seguinte a imprensa põe-o... a pão e laranja.

De maneira que o dramaturgo se não conquista na noite da estreia as palmas de gloria, alcança, como desforra, a palma do martyrio.

PORTUGAL DA SILVA.



UM ASPECTO DA RUA DO OURO NA FESTA AOS CONGRESSISTAS

NEURASTHENICOS, *fatigados*
— *por excessos de trabalho* —
mentaes — **DEBILITADOS**, *por*
esforços physicos e muscula-
— *res, curam-se com a* —

Somatose

em pó ou liquida —————
————— *(dôce ou secca)* —————
————— **Vende-se** —————
nas pharmacias e drogarias



Curiosidades do tempo

A situação na Turquia

As dissensões entre os membros do Comité de União e Progresso agravaram-se cada vèz mais, o que faz recobrar terreno ao Turquismo á custa do Ottomanismo.

Os jovens turcos teem diante de si a tarefa de resolvêr as relações da Turquia com as nacionalidades do Imperio, e é na Macedonia e na Albania que o problema se apresenta especialmente delicado e de importancia europeia. Ao que parece, a politica dos governos turcos tornou muito difficil a situação, e o periodo de esperança no principio do novo regime foi seguido de successivas desillu ões, chegando a um geral desapontamento. Ha, diz um publicista francês, uma só maneira de os jovens turcos restabelecerem a paz na Turquia europeia, que é cumprindo as promessas feitas e realizado concessões de autonomia; mas é justamente isto que a Joven Turquia se mostra resolvida a não fazer. A Macedonia e a Albania reclamam e insistem por essa autonomia.

A triplice alliança ganhou, ao que parece, com o novo estado de cousas, porque nunca se deixou illudir com as promessas dos jovens Turcos, nem tem maior interesse na sua realisação. A Italia continua a têr na Albania a influencia que nos tempos do velho regime ali tinha, e o mesmo acontece com a Austria. A Allemanha ha mais de dez annos tem constantemente sacrificado os interesses dos christãos e dos eslavos á influencia que pretende obtêr em Constantinopla. E'-lhe completamente indifferente que a Macedonia proteste e se sinta lôgrada.

A triple *entente* tem perdido com os ultimos acontecimentos, por acreditar nas promessas dos jovens turcos. Sob o sultão, a França, a Inglaterra e a Russia eram protectôres dos christãos da Macedonia, e á sua acção commum se deveu um certo progresso no sentido da

liberdade que se ia vagarosa mas seguramente realizando. Os consules da triple *entente* exerciam na Macedonia uma permanente influen-



AS COLHEITAS DO KAISER

A Paz: Quando me tirará a espada da mão e m'a substituirá pelo ramo de oliveira?

O Kaiser: Por mais que faça não ha meio de me crescerem oliveiras no romano jardim.

(Tasquino, Turim.)

cia, proficua para os christãos, mas desde que os governos de Paris, Londres e São Petersburgo deram grande credito á nova Turquia,

a situação variou. Os consules da triplice *entente* receberam ordem formal das suas embaixadas em Constantinopla para presenciarem os acontecimentos sem intervirem, e d'ahi o desprestigio das potencias protectoras. Evidentemente não haveria que lastimar essa perda de prestigio se os jovens turcos tivessem cumprido as suas promessas, mas succedendo o que está succedendo em Constantinopla, e a tendencia para o turquismo dos ministros mais ou menos favoraveis ao ottomanismo, faz-se temer uma dictadura militar que seria a bancarrôta da joven Turquia. Nesse dia a questão da Albania e da Macedonia exaspêraram-se, e a França, Inglaterra e a Russia ver-se-ão obrigados a intervir de novo.

O sufragio universal em França

Na *Nouvelle Revue* trata M. E. Heurtault do sufragio universal em França. Não ha muito Jacques Restillon? escreveu um artigo tendente a mostrar que três

quartos da população da republica estavam excluidos da representação politica, concluindo por opinar que o chefe de familia deveria ser investido de poderes eleitoraes em proporção com a grandeza da sua familia. Entre as vantagens de tal systema apontava a de que a introduccão do espirito familiar na vida politica a tornaria muito mais apta para tratar certos problemas sociaes, como o do alcoolismo. A França, diz M. Heurtault, tem sessenta annos de experiencia do sufragio universal e do governo da maioria. Mas as formulas de um voto por homem e lei da maioria não são necessariamente tão justas como simples. Numa centena de eleitores podem cincoenta e um sêr tudo e quarenta e nove serem nada.

Segundo o articulista, o sufragio universal sómente será valioso quando representar a capacidade e os interesses da familia. Segundo o censo de 1901 havia em França cêrca de 8 milhões e meio de chefes de familia representando uma população de uns 35 milhões e meio. Compare-se este numero com o dos 2 milhões e meio de celibatarios que segundo o mesmo censo gosavam de direitos eleitoraes, e proporcionalmente muito maior podêr politico do que os chefes de familia que representam uma população 15 vezes maior. Mas bem maiores anomalias apparecem se os chefes de familia forem classificados segundo o numero de filhos que tiverem. O sufragio universal francês ignora por completo a familia: para elle não existem a mulher e a criança. Pois ha 11 milhões de mulheres a quem as leis affectam como affectam os homens, e não é exagerado dizer que uma grande porporção d'ellas apresenta um intellecto mais cultivado e uma melhor comprehensão das necessidades e interesses sociaes que um grande numero de jovens cidadãos de vinte a trinta annos de idade. O

celibatario representa-se só a si mesmo, o pae representa-se a si, á mulher e aos filhos. O pae representa porisso tambem o futuro, e a nação deve reconhecer os seus melhores cidadãos, aquelles que asseguram o seu futuro pela prole.

Mas uma nação pede mais alguma cousa do que grandes familias: necessita de homens de intelligencia, sabêr e carácter. O articulista reconhece que seria impossivel classificar os eleitores segundo a intelligencia e o carácter, mas julga possivel classifica-los segundo a sua



SOCEGANDO A FRANÇA

Nicolau: Perdõe, mas preciso de acenar com este chapêu á Marianna, não tema ella que se desvanecem a minha confiança nos sentimentos republicanos.

(*Kladderadatsch.*)

cultura. Se se dão diplomas em varias carreiras, porque se não poderia estender o sistema a todo o eleitorado? O resultado mostraria que o numero de cidadãos realmente educados é muitissimo menor que o dos eleitores ignorantes, e que o poder politico pertence principalmente aos que não tem educação alguma.

Segundo o publicista, o *Senado* deveria em parte sêr eleito pelas camaras de commercio, sociedades scientificas e sindicatos profissionais. Os homens de mais de quarenta e cinco annos deveriam ter dois votos, e varios os chefes de familia.

Vida na arte

Tolstoi e a Musica

Romain Rolland escrevendo na *Revue de Paris* sobre Tolstoi, tenta des- trinçar a attitude de Tolstoi para com a musica.

Tolstoi, diz Rolland, não só amava a musica, mas sobretudo a temia. Basta recordarmo-nos o logar que a musica occupa nas suas mais afastadas reminiscencias. Em certas epocas da sua vida dedicou-se apaixonadamente a ella, e em 1858 fundava em Moscow uma sociedade musical destinada a tornar-se eventualmente o Conservatorio da cidade. Seu cunhado, nas *Recordações* allude aos effeitos da musica em Tolstoi. «Tolstoi amava a musica, diz elle; tocava piano e admirava os grandes mestres. Muitas vezes antes de se sentar ao trabalho se entretinha no piano. Provavelmente encontrava inspiração na musica.

Acompanhava sua irmã mais velha, muito apreciava ouvir. Reparei que as sensações que a musica lhe produzia eram acompanhados de pallidez da face e de uma imperceptivel careta que parecia exprimir sobresalto.»

O titulo da *Sonata a Krentzer* é, segundo Rolland, pouco apropriado, por a musica têr no li-

vro uma parte accessoria. Se a sonata fosse supprimida, nada mudaria no romance. Tolstoi fez mal em misturar duas questões que o vempavam, — o podêr malefico da musica e do amôr.

O demonio musical merecia uma obra propria, mas o logar que Tolstoi lhe concede na *Sonata a Krentzer* é sufficiente para demonstrar o perigo que elle denuncia. E porque escolheu o mais puro de todos os musicos? Por sêr o mais poderoso. O grande russo sempre adorou Beethoven. As suas primeiras memorias apparecem associadas com a sonata patetica, e quando, já velho, escreveu a *Resurreição*, elle faz Nethludov no fim ouvir o andante da sinfonia em C menor, accrescentando que difficilmente retinha as lagrimas. Entretanto na obra *Que é a Arte?* refere-se com grande animosidade ás obras de Beethoven. E porquê? Pelo seu podêr. A sinfonia perturba-o, o que lhe dá um sentimento de irritação contra o mestre poderoso que assim o podia dominar.

O que Tolstoi temia era o poder misterioso do musico, que faz de nós o que lhe apeiece, e não obstante a sua injustiça com Beethoven, sentia a musica mais profundamente do que muitos que hoje professam exalta-la.

Vida na Sciencia

Novo tratamento das doenças nervosas

Tem sido experimentado no Hospital de John Hopkin um novo tratamento dos desarranjos nervosos, baseado numa teoria de dupla personalidade do sêr humano, uma consciente e outra inconsciente. O metodo é o resultado das investigações feitas pelo dr. Sigmundo Freud, de Vienna. O fim do tratamento é unificar as duas personalidades, por meio de conversações com o doente, das quaes subtilmente se deduzem as ten-

dencias da personalidade inconsciente. Uma curiosidade deste tratamento é a verificação assidua da revelação na personalidade inconsciente, de associações antigas que a personalidade consciente ha muito havia esquecido. Assim, um homem mostrou têr, não sabia porquê, antipatia por pessoas altas e trigueiras. A personalidade subconsciente, investigada, veio a revelar a causa num facto da meninice ha muito esquecido pelo individuo: em criança fôra insultado por um rapaz mais alto, mais forte, e moreno.





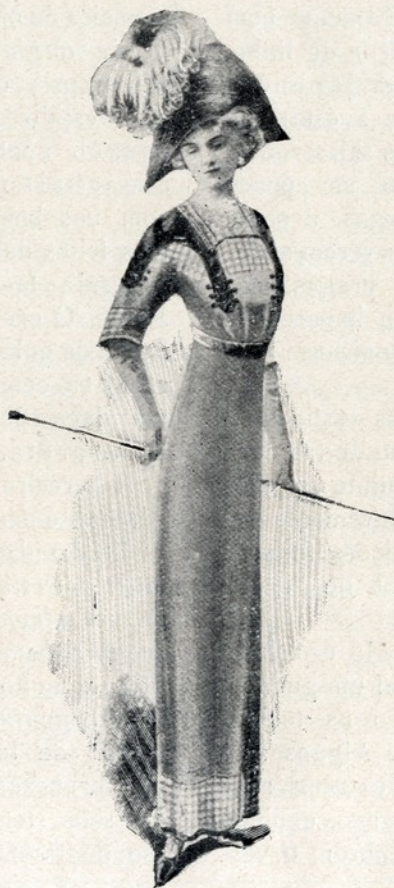
A moda, na sua alteração constante, parece querer-nos impôr a todo o momento novas fantasias, salientando-se em cada estação por um traço mais ou menos profundamente característico.

As ultimas criações são baseadas no estilo dos trajos das mulheres do seculo XVIII, representados em varias telas de Romney.

Eis, caras leitôras, a ultima novidade, da qual nos apresamos a esclarecer-vos. Alguns são extraordinariamente graciosos com os seus delicados *fichus a Charlotte Corday*. De resto, como tecidos, são os semi-transparentes e flexiveis que presistem, o que facilmente é de comprehender pelo muito que elles se prestam a obter um admiravel effeito. Esses mesmos tecidos produzem sempre notavel contraste quando applicados sobre qualquer côr differente, dando com o mais pequeno movimento da pessoa, um delicioso attractivo á *toilette*.

Apontaremos alguns modelos dignos de serem copiados. Eis uma *toilette de voile* preto sobre seda branca, tendo na extremidade da saia e das

mangas uma linda guarnição estilo oriental, mas em tons muito pallidos. No corpo, umas leves guarnições pretas, de *filete*, tendo as mangas a mesma guarnição. Como para dar uma nota de distincção, uma larga faixa em volta da cintura, sendo esta de *liberty* preto debruado de um estreitissimo vivo de setim azul pallido.

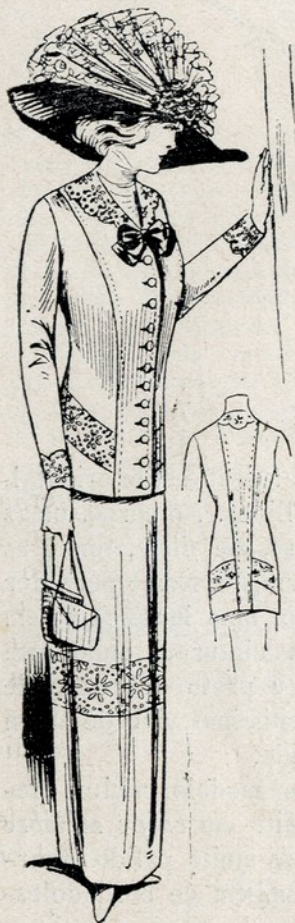


N.º 1

Outro modelo muito elegante, feito em *crêpe météore chartreuse* muito pallido, guarnecido tambem de bordado estilo oriental, em harmoniosos tons azul e rosa, sobre um fundo de brocatel. A tunica forma uma pequena abertura ao lado pela qual se vê uma saia em *chartreuse ninon de soie*. Os mesmos bordados orientaes apparecem tambem no corpo, e este finda no pescoço por meio de um pequenino cabeção de renda crúa. Na cintura, um grosso cordão dourado tendo as pontas caídas ao lado.

A *broderie anglaise* será o enfeite predominante na presente estação, tanto mais que os vestidos de linho vão reinar como nunca, e para estes é essa uma guarnição lindamente apropriada.

Os vestidos de cambraia sobre seda serão a suprema elegancia este verão. Os *foulards* de côr, com pintas brancas, também são muito modernos. Para *tailleurs*, temos o linho, *tussor* e *thântung* que são os tecidos de novidade.



N.º 2

Apesar de tantas profecias contraditorias, as blusas continuam triunfantemente o seu caminho, porque além de praticas estão mais ao alcance das pessoas que não podem possuir muitas *toilettes* completas. Algumas também de *broderie anglaise* são muito leves e combinam lindamente com

um *tailleur* de linho. A forma japonesa continua a estar em voga. As saias vão-se tornando um pouco mais largas, a ponto de já se verem algumas de pregas, mas estas tão impercepti-

veis que só levemente se conhecem por qualquer movimento.

Para praias e campo, são os vestidos de algodão os que mais dão a nota de frescura e simplicidade, e por conseguinte esses os mais apropriados. Devem ser levemente enfeitados; prestam-se as guarnições feitas á mão e também alguns motivos de rendas *Valencienne* e de *Cluny*.

Para jornadas de automovél, e mesmo para o comboio, é indispensavel um guarda-pó; o *tussor* e *shantung* são os tecidos apropriados para esse effeito. Alguns modelos muito elegantes são de extrema simplicidade, um pouco sobre o largo, cahindo direitos até abaixo para que cubram o ves-

tido por completo. Fecham ao lado por meio de tres botões de madreperola, e poderão ter uma simples gola de velludo, como os sobretudos de homem. A côr beije é a melhor para a poeira.

Das gravuras que apresentamos representa a primeira uma *toilette* de *voile ninon* azul escuro e barras de xadrez da mesma côr. O quadrado de renda em volta do peçoço é avivado aos lados, com uma estreita tira côr de cereja sobre a qual vem assentar um estreito galão dourado. Uma especie de *bretelles*, como indica a gravura, são feitas de setim preto, findando as pontas sobre as mangas e á frente com pequeninos botões, e *soutache* preto.

A gravura n.º 2 indica um vestido *tailleur* que poderá ser executado de *tussor*, *shantung* ou de linho. Na saia e no casaco uns largos entremeios de *broderie anglaise* da propria côr do vestido. O casaco abotôa até abaixo com uns botões feitos da propria fazenda. O cabeção da gola remata com um laço de seda preta.

A terceira gravura é um vestido de mais *toilette* feito de *ninon de soie bordeaux* muito palido, guar-

necido de tecido da mesma côr, com pintas brancas. O corpo fórma uns *revers* de seda tendo á borda um estreito galão de fantasia, mas pouco mais ou menos



N.º 3

no mesmo tom do vestido. A' frente, e sobre os hombros, umas guarnições de renda *point de Venise*. Um *colle* muito transparente forma o peitilho rematando com um vivo preto em volta do pescoço. Na cintura, uns grossos cordões de seda.

Finalmente, damos um modelo de um guarda-pó que só tem a recommendal-o a sua muita simplicidade, condição da sua elegancia.

Joias raras usadas na coroação do Rei Jorge V

Lady Dudley, esposa do par do reino Lord Dudley, possui os mais lindos rubis conhecidos em toda a Inglaterra. Fazem parte de uma magnifica collecção conservada pelo ultimo Lord Dudley, o qual era tido como grande conhecedôr dessas pedras. Ficou de memoria o deslumbramento da joven Condessa, quando ella appareceu em um concerto de gala, ostentando uma rica *toilette* amarello palido e larga faixa da mesma côr, resplandecendo-lhe dos braços, collo e dos seus negros cabellos, o lindo adereço de rubis. A côr dessas pedras sobresaía extraordinariamente no seu typo um tanto oriental, e a sua bella figura, os seus olhos e negros cabellos, e o rosado dos seus labios tornaram sempre a Condessa Dudley uma das mulheres mais admiradas da actualidade.

A Duqueza de Portland é hoje a possuidôra de uma riquissima joia conhecida pela *Portland Stone*, considerada como uma reliquia que ha longos annos enthesoura o castello de Welbeck; no entanto, por largo tempo esteve essa joia conservada sem que nenhuma *lady* a usasse, e só agora a actual Duqueza a tem ostentado.

Pedras preciosissimas, rubis e esmeraldas, etc., são as da familia Beaumont, actualmente Lords Allendale. Algumas dessas magnificas esmeraldas fôram em tempo roubadas, quando um dia Lady Margaret Beaumont as trazia, e foi por essa epoca que, como consolação, o opulento Mr. Beaumont comprou a sua esposa a maravilhosa collecção de rubis que hoje ainda existe na familia.

As celebres perolas Orloff, fôram outrora umas das mais preciosas joias do Imperio Russo; fôram essas mesmas perolas que

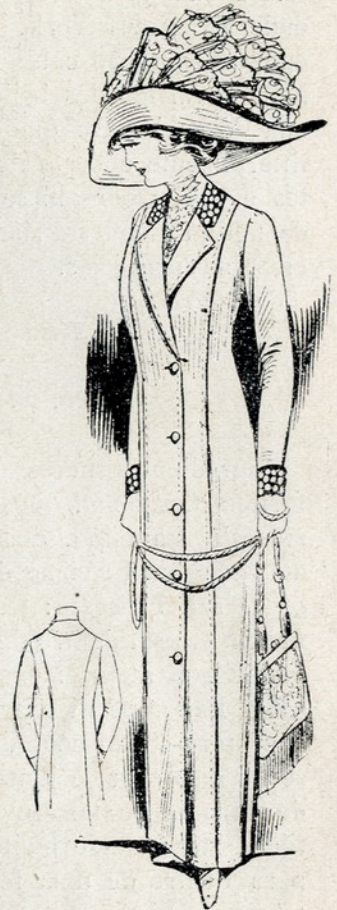
os seus estadistas noutro tempo offereceram de presente á grande Catharina e que depois de muitas vicissitudes e aventuras vieram para a posse dos Duques de Marlborough, em Inglaterra, e em cuja familia ainda hoje existem. Estas lindissimas perolas fôram alvo de muita admiração quando a Duqueza de Marlborough, ha nove annos, as ostentou pela coroação do Rei Eduardo VII.

O famoso diamante Nassak pertence á familia Grosvenor cujos principaes representantes são os Duques de Westminster. Esta antiga e maravilhosa pedra foi primeiramente trazida para a familia pelo Marquez de Westminster, por occasião da primeira recepção dada pela Rainha Victoria apoz a sua accessão do throno em 1837.

Ostentava elle esse esplendido diamante no punho da sua espada, que offuscava os espectadores com o seu extraordinario brilho; e sua senhoria sentia-se tão orgulhoso do seu Nassak, que tinha um excessivo cuidado com elle, não consentido, por muito tempo, que as *ladies* da familia o usassem. No entanto, passado tempo, elle cedeu o seu thesouro para fazer parte do guarda-joias da marquezia.

Umas das mais ricas joias em Inglaterra, exceptuando as da familia Real, são as da familia Beresford-Hopes. Lady Strathenden e Miss Milicent Beresford-Hopes possuíam soberbas gargantilhas de rubis.

Os magnificos diamantes da Duqueza de Norfolk são de antigo renome e admirados pelos maiores entendedôres dessas pedras.



N.º 4

Lady Craven possui admiráveis joias que lhe foram ofertadas por seus pais Mr. e Mrs. Brodley-Martin por ocasião do seu casamento.

Nenhuma lady em toda a America foi tão celebre pelas suas joias, e os seus rubis gozaram uma grande fama entre a alta sociedade de Nova York. Ficou de memoria a enorme sensação causada por Mrs. Bradley-Martin em um dos bailes no tempo da Rainha Victoria, em que o seu vestido estava litteralmente coberto de magníficos brilhantes e rubis; por ahi se avaliará o apparatus da actual Condessa sua herdeira, ostentando essas mesmas joias.

Receitas culinarias

Pudim de laranja

Ingredientes necessarios: Um pacote de farinha *Cakeoma*, duas laranjas, 120 grammas de manteiga, dois ovos, um copo (dos de agua) com summo de laranja, e um pouco de sal. Processo: Deita-se a farinha *Cakeoma* e o sal dentro de uma tigela, e junta-se-lhe a manteiga mexendo-se bem até ligar tudo. Ralam-se as cascas das duas laranjas e mistura-se ao conteúdo da tigela. Batem-se os dois ovos, e juntamente com o summo de laranja juntam-se aos ingredientes da tigela, mexendo-se muito bem. Deita-se tudo para dentro de uma fôrma untada de manteiga, cobrindo-se com um papel tambem untado, e deixa-se cozer no fôrno.

Filhós

Ingredientes necessarios: Um copo (dos de agua) com leite, dois ovos, quatro colheres (de sôpa) de farinha, uma colher (das mesmas) de agua, e uma pitada de sal. Processo: Põe-se em uma tigela, o sal e a farinha a qual se deverá amolecer com um pouco de leite; batem-se separadamente os ovos, e junta-se depois á farinha e mexe-se tudo bem; no fim, deita-se-lhe o resto do leite e a agua. Fregem-se em pouca manteiga, e salpicam-se de assucar, podendo ser servidas com rodas de limão.

Processo de cozer legumes

Depois de convenientemente lavados, quando frescos, deitam-se os legumes para dentro de uma caçarola com agua quasi a ferver, juntando-se-lhe uma mão cheia de sal.

Caso os legumes não sejam bem frescos, devem ser postos de mólho, com um pouco de sal, algumas horas antes de se cozerem. Durante a fervura e para que conservem uma bonita côr primitiva, deita-se-lhe um pouco de soda.

As ervilhas devem ser cosidas em um lume brando, com um pouco de assucar e junta-se-lhe tambem uma pitada de carbonato de sal para as conservar com uma bonita côr verde. E' necessario todo o cuidado para que seja só uma porção diminuta de carbonato, aliás estalariam e perderiam o bom gosto; se as ervilhas são tenras é desnecessario o carbonato.

Os espinafres são cosidos com o seu proprio suco, sem agua nem soda.

Todos os legumes devem ser cosidos em uma caçarola destapada.

As batatas devem sempre ser descascadas tenuemente, ou então, sendo novas, deverão ser raspadas e nunca cortadas de lado a lado. Para as batatas velhas o processo é pô-las ao lume em agua fria para que se cozam gradualmente, ao passo que as batatas novas deverão ser mettidas na caçarola quando a agua esteja a ferver. E' necessario que estejam tapadas, e basta que ferverem durante vinte minutos. Para vêr se estão cosidas faça-se a experiencia com um garfo.

Pescada Ericeirense

Corta-se uma pescada em postas grossas, e salpica-se de pouco sal. Cozem-se seis batatas, passam-se pelo passador, deitam-se dois ovos, uma colher de queijo parmesão, sal e pimenta, de maneira a ficar uma massa espessa. Cobrem-se as postas com esta massa. Deita-se manteiga boa em um taboleiro de fôlha, salsa picada, e deitam-se por cima as postas regando-as ligeiramente com vinho branco. Vão ao forno até corar as batatas.